

Tauã

a verdade verdadeira
que seu Noberto contou

Paulo de Mello Bastos



Tauã é, antes de tudo, surpreendente. Vivo, ágil, movimentado, o romance condensa os sentimentos e costumes que orientaram a sociedade rural nordestina, nos primeiros anos posteriores à abolição da escravatura. (...) O autor adota a posição de quem escreve histórias contadas por um velho morador de engenho: seu Noberto - analfabeto, mas agudo observador da vida e dos fatos sociais.

Humberto Gomes de Barros
Membro da Academia Alagoana de Letras

Não é possível falar de Paulo de Mello Bastos, mesmo apresentando um seu livro de ficção, sem fazer referência à sua vida de luta, à sua atuação política, de resistência, inclusive na clandestinidade, durante a ditadura militar. (...) Como outro homem de esquerda, o escritor português José Saramago, a literatura para ele foi uma descoberta e uma conquista da idade madura. As suas fontes são a sabedoria popular e o maravilhoso mundo sempre novo das personagens e das paisagens da nossa terra.

Fernando Lyra
Presidente da Fundação Joaquim Nabuco

Tauã

a verdade verdadeira
que seu Noberto contou



**A seu Noberto e Mãe Preta,
os verdadeiros autores deste romance.**



UNIZO Federal
ESTADOS DE ALAGOA

Maceió, Alagoas

12 de Junho de 1902

Senhor

J. Rogerio Sargento

Alagoas

Comunicação que, por Dec. de 12 de
Dez.º ultimo, foyes nomeado,
supp. do Juiz Titulo de Cruz Velha
nao d'este Estado, ni pre-mun-
cios de Sao Jose da Lage.

O Devo.º pois, dentro de 5 me-
sados d'aquella data, como
comparaceo perante este Ju-
ri.º ou por procurador,
procurador, a promessa de
receberdes esse titulo.

Vandaei

—
—

Paulo de Mello Bastos

Tauã

a verdade verdadeira
que seu Noberto contou

Família
BASTOS
editora


MASSANGANA
EDITORA

2003

Edição e Texto Final
Solange Bastos

Capa
Francisco Jofilsan

Revisão Gráfica e Arte
Cláudio Bastos Heine

Editoração Eletrônica
Waldyr Oliveira

Foto da 3ª capa
Miguel Bastos Viveiros de Castro

Documento
Arquivo de família

CATALOGAÇÃO NA FONTE
DEPARTAMENTO NACIONAL DO LIVRO

Bastos, Paulo de Mello, 1918 -

Tauã: a verdade verdadeira que seu Noberto contou/Paulo de Mello Bastos.
– Recife: Editora Massangana, Rio de Janeiro: Família Bastos Produções, 2003.
237 p.

ISBN 85-7019-406-4 (Editora Massangana)
ISBN 85-89853-01-2 (Família Bastos Produções)

1. LITERATURA BRASILEIRA - ROMANCE I. Título

CDU 869.0(81)-31

Copyright © 2003, Paulo de Mello Bastos
Permitida a reprodução total ou parcial deste livro,
desde que sem fins comerciais, citando o autor
e com a transcrição desta nota.

Direitos desta edição cedidos pelo autor a
Família Bastos Produções e Editora Massangana

Família Bastos Produções Ltda.
Av. Almirante Alexandrino, 535/201 - Santa Teresa
20241-260 Rio de Janeiro - RJ
Tel.: (21) 2232-4033 Fax: (21) 2553-6856
editora@familiabastos.com
www.familiabastos.com

Distribuição comercial reservada à

Editora Massangana/Fundação Joaquim Nabuco
Rua Dois Irmãos nº 15 – Apipucos,
52071-440 Recife - PE
Tel.: (81) 3441-5458
editora@fundaj.gov.br
www.fundaj.gov.br

Nota da Editora

Este é o primeiro romance de Paulo de Mello Bastos, o comandante Mello Bastos de tantas lutas no cenário político, que enfrentou aos 80 anos um novo desafio, o de se tornar escritor. Não por acaso, é o primeiro livro editado pela Família Bastos Produções, uma produtora cultural multimídia de uma família polivalente.*

Enquanto Mello Bastos arrumava o baú das lembranças para contá-las em seus dois primeiros livros de memórias, a família foi crescendo e, claro, cada um, profissional de uma área. Mas em toda a descendência se reconhece a herança que Paulo e Edelena passaram pelo exemplo: o caráter, a dignidade, a solidariedade, e um inconfundível gosto pela aventura.

Pois a Família Bastos está ganhando a estrada, agora em grupo e organizada. São projetos de filmes, vídeos, livros, CDs. Mello Bastos, o patriarca, dá o chute inicial com Tauã – a verdade verdadeira que seu Noberto contou. Ao contar a saga da família de Rogério e Tauã, nosso romancista está, quem sabe, revelando de onde vem tanta disposição para enfrentar o novo.

Solange Bastos

* Em co-edição com a Editora Massangana, da Fundação Joaquim Nabuco

Apresentação

Humberto Gomes de Barros*

Tauã é, antes de tudo, surpreendente. Vivo, ágil, movimentado, o romance condensa os sentimentos e costumes que orientaram a sociedade rural nordestina, nos primeiros anos posteriores à abolição da escravatura. Em suas páginas descrevem-se o trato entre o senhor de engenho e seus moradores, a fabricação e comercialização do açúcar, a aquisição de propriedades, a abominável figura do ladrão de cavalo, o lobisomem, os cantadores.

O autor, Paulo de Mello Bastos, estreante na ficção no apogeu de seus oitenta e cinco anos, desafia a falsa idéia de que a obra de José Lins do Rego teria encerrado o ciclo bangüezeiro em nossa literatura. Tauã envolve fatos, inda não registrados, decisivos para a compreensão do mais longo ciclo econômico de nossa história.

A obra registra a trajetória do sertanejo paraibano Rogério Marques de Mello, desde o então povoado de Cajazeiras até a região açucareira pernambucana, onde se casa com a meiga e altiva Tauã. O casal transfere-se para a Zona da Mata norte-alagoana, no propósito de ali implantar a indústria bangüezeira. Rogério adota, como sua, a nova terra, transforma-se em coronel e se torna Juiz Federal.

A saga continua, na fascinante personalidade de Sebastião Marques de Mello, filho do pioneiro Rogério, herói tão marcante

* Ministro do Superior Tribunal de Justiça e membro da Academia Alagoana de Letras

quanto o eterno *Rodrigo Terra Cambará*. Tanto, que seu nome transformou-se no sobrenome que o autor – seu filho – usa com orgulho: *Sebastião* virou *Sebasto*, que se tornou “*Seu Basto*”, marcando a família *Bastos*.

O livro, escrito por um militar, inicia-se com a descrição da guerra pelo sobrevivente *Joaquim Gomes*. Espera-se a louvação do soldado, no encadeamento de batalhas heróicas. Ao contrário disso, a luta é descrita como um estado de tensão permanente, no qual se tem de “esperar dez, vinte, trinta dias pru tiroteio funcionar cerrado” – nem dá para pensar em mulher. Por último, chega-se à conclusão de que “só os bestas vão pra guerra morrer e os sabidos ficam longe, vendendo tudo caro e enricando”. São duas páginas antológicas, a induzirem a certeza de uma leitura cheia de prazer e muito proveito.

Outra surpresa: a técnica literária.

O autor adota a posição de quem escreve histórias contadas por um velho morador de engenho: seu *Noberto* – analfabeto, mas agudo observador da vida e dos fatos sociais. Esse recurso permitiu ao escritor reproduzir a linguagem peculiar da zona canavieira, com seu vocabulário e sintaxe próprios. Deu-lhe, ainda, oportunidade para fazer comentários aparentemente ingênuos, mas profundamente sábios. A licença, entretanto, não o fez sucumbir à tentação de escrever palavras e frases deformadas, a pretexto de ser fiel ao linguajar do povo dos engenhos. O texto observa, admiravelmente, as regras oficiais de sintaxe e ortografia. Delas afasta-se, apenas, quando isso é indispensável à autenticidade da narrativa.

Há momentos cinematográficos, como no episódio em que *Sebasto* enfrenta os desordeiros *Irmãos Caiana*. Em compensação, o encontro do sargento-mor *Joaquim Gomes* com *Maria* – seu amor de infância – é um belo exercício de ternura.

Apresentação

Quando chega à última página, o leitor, com a sensação de quem terminou agradabilíssimo exercício de boa literatura, descobre que acaba de percorrer profundo compêndio de sociologia.

Com orgulhosa alegria, apresento e recomendo Tauã – a verdade verdadeira que seu Noberto contou.

Maceió, julho de 2003.

Prefácio

Fernando Lyra*

Em 1575, foi publicado em Portugal um livro que obteve tanto êxito que o seu autor alcançou o raro privilégio de virar substantivo comum. O título era Contos e histórias de proveito e exemplo. O autor era Gonçalo Fernandes Trancoso.

Mais de quatrocentos anos depois, Paulo de Mello Bastos intitula a introdução ao seu livro Tauã – a verdade verdadeira que seu Noberto contou de “histórias de trancoso”. Ele explica bem o porquê. É que no nordeste do Brasil sobrevive ainda com força o hábito de narrar, contar. Sejam casos, “causos”, sejam estórias ou histórias. O romancista bebeu dessa fonte que, como a própria História, é inesgotável.

Quase ninguém sabe mais quem foi Trancoso, o português, nem poderia contar sequer um dos acontecimentos de sua vida. Mas o seu sobrenome ficou para sempre na alma popular com o sentido de algo fabuloso e irreal. Preservou-se na imaginação do homem simples o mágico, o fantástico mais do que a alegoria ou o bom exemplo das narrativas moralizantes ou edificantes. Ao invés da exatidão dos fatos, a inteireza do caso. “O caso eu conto como o caso foi” é também, embora pareça o contrário, o triunfo da memória imaginosa sobre a recomposição rigorosa e factual do vivido. No entanto, cristalizou-se definitivamente na memória

* Presidente da Fundação Joaquim Nabuco

política do Brasil como um exemplo de retidão e precisão, o de Paulo Cavalcanti, que fez dessa expressão popular o título de suas memórias. Como as palavras se irmanam às outras, as idéias se associam, e ainda mais as pessoas afins. É o caso de Paulo que nos faz lembrar de imediato deste outro Paulo, que enveredou pela história (estória), depois de ser, como o outro, igualmente de alto valor moral e ético, personagem ativo da História do Brasil.

Não é possível falar de Paulo de Mello Bastos, mesmo comentando um seu livro de ficção, sem fazer referência à sua vida de luta, à sua atuação política, de resistência, inclusive na clandestinidade, durante a ditadura militar. Esta afinidade entre prefaciador e autor remonta às nossas origens. O pai de Paulo era o “major Bastos”, de Cupira, enquanto meu avô Janoca, de Lagoa dos Gatos, era desafeto do “coronel Cordeirinho”. Eles, como nós, os herdeiros, eram cidadãos fraternos e afins na atuação política, ainda que nós dois sejamos de gerações diversas – o autor deste livro é um jovem romancista de 85 anos. Como outro homem de esquerda, o escritor português José Saramago, a literatura para ele foi uma descoberta e uma conquista da idade madura. As suas fontes são a sabedoria popular e o maravilhoso mundo sempre novo das personagens e das paisagens da nossa terra.

Num país em que a literatura de cordel fez por tanto tempo as vezes de jornal, e o “por ouvir contar” foi tantas vezes o veículo predominante das notícias, não se deve nunca desprezar a força da oralidade. Na malícia da sábia e generosa alma do homem do povo, onça nem sempre é onça, boi nem sempre é boi. A “verdade verdadeira” não quer dizer uma acentuação do rigor do que houve, mas o do que deveria ter havido, ou do que “ouve”, pois numa cultura tão intensamente oral como a brasileira, em muitos e variados momentos a verdade é um por-assim-dizer.

Desse modo, o homem de poucas letras, de muito falar, fabular e ouvir, não opõe a fábula à alegoria, não torna inimigas as

novelas exemplares e proveitosas das histórias verdadeiras e da vida (eterna mestra de inexatidões). A moral da estória e a moral da história (a natureza é sempre amoral). E o narrado e o como se narrou se tornam soberanos para o verdadeiro narrador. O bem contar é tão importante quanto o bem comer, bem vestir.

É assim com este livro do comandante Mello Bastos. Generoso e compacto rio de histórias alimentadas com a verve do que foi ouvido, transformando e inventando, atento ao “proveito” e ao “exemplo” de tantas delas, mas não menos ao humor, à astúcia, à plasticidade extraordinária da vida.

Mais exato do que dizer que a vida de algumas pessoas daria um romance, seria entender que a vida de todas as pessoas tem um romance ou muitos romances por escrever. Este é o primeiro de tantos que deve existir na alma do autor. Composto na maturidade, com a memória vigorosa de quem nunca perdeu o gosto pela poesia da vida simples porque sabe que o melhor canteiro em que se pode cultivar é a infância. E é para ela que se volta quando reconta. As histórias essenciais não devem ser somente uma viagem turística e previsível, devem ter cheiro, sabor, arrepiar a carne, avivar luz e brilho e, sobretudo, devem ser ouvidas como cantigas de despertar.

É isso o que se tem neste romance. Porque nutrido do que se viu e viveu, do que se ouviu e criou, facilmente criará uma identificação próxima com os leitores – em especial, os nascidos no interior. Eles se encontrarão em Rogério, Dona Maria Francisca, Tauã e outros personagens que o autor tão bem compõe, como se fossem parentes próximos, gente da nossa casa ou velhos companheiros de jornada.

Recife, julho de 2003.

Introdução

Histórias de Trancoso

– Essa história é muito antiga e o caçadô que me contô inda tá vivo, mas tá tão mouco que não dianta preguntá pra ele.

O velho Noberto cofia o longo bigode avermelhado, sisudo como sempre, e se prepara para começar mais uma longa história de trancoso.

Na tradição nordestina, existiam e ainda existem os contadores de histórias de trancoso. Em geral são pessoas mais idosas que enternecem as crianças com histórias de escravos, índios e animais, todas romanceadas e cheias de perigos. São nossos romancistas orais, mesmo porque são analfabetos.

Na minha meninice, na fazenda Lagoa Nova, em São José da Laje, no estado de Alagoas, eu dormia ao entardecer ouvindo histórias intermináveis. Foi assim que conheci por viva voz os acontecimentos diários dos últimos anos da escravatura, o dia-a-dia nos engenhos de açúcar, os amores das escravas, as caçadas de índios, sempre enriquecidos com um pouco de fantasia para colorir a vida e compensar o sofrimento de cada um. Jamais apaguei da memória o

Tauã – a verdade verdadeira que seu Noberto contou

enlevo daquelas palavras deformadas na pronúncia – quase um dialeto – mas que eu entendia tão bem e que tocavam o meu coração.

Ao longo do tempo fui recolhendo confissões, reclamos, lamentos, incertezas e esperanças. Fixei-me numa história que, pelo seu desenrolar, transformou muitas vidas: a de Rogério e Tauã, ele, do alto sertão da Paraíba, ela, pernambucana de Água Preta.

Verdade verdadeira, garante seu Noberto.

O Autor

Do Paraguai a Cajazeiras

– É, seu Estelita, só quem caça tatu é que sabe da fundura do buraco. Era um tal de vaivém de noite e de dia, tudo pra saber onde o inimigo estava, mais ou menos quantos eram, se tinham muitos cavalos e canhão. Um fuxico danado pra não meter a mão em buraco de cobra. Eu pensava que a guerra era de um lance só. Avançar, matar, morrer e quem sobrasse tinha ganho e pronto. Mas não é assim não. O negócio é devagarinho, parece que não tem ninguém e de supetão é tiro pra tudo que é lado, é grito, é gemido, é gente correndo, caindo ensangüentado ou morto, fica tudo escuro e você não sabe se o gemido é do lado de cá ou do lado de lá porque gemido é tudo igual.

Joaquim Gomes baixa a voz e, olhando se mais alguém além do amigo está escutando, revela:

– Depois de tudo junto, separava os nossos pra socorrer. A ordem de degola era imediata pra não aumentar o sofrimento do inimigo. Não era por maldade não. Não ia ter quem cuidasse e se ficasse bom ia contar o que viu. Guerra é isso. A gente volta de lá mais bicho do que gente.

O jovem Joaquim Gomes de Santana acabava de voltar à sua Cajazeiras, na Paraíba, promovido na frente de batalha à graduação de sargento-mor por heroísmo. Quando o representante da Coroa chegara à cidade para convocar os homens para a guerra, ninguém nem sabia para que lado ficava o Paraguai. Simplesmente atenderam ao chamado do prefeito todos que tinham de vinte a trinta anos. Dos trezentos e cinquenta que se apresentaram, só vinte e oito sabiam ler, mas nunca tinham visto um mapa. “O Paraguai fica pra baixo”, explicaram. Foram doze dias de viagem num porão de navio até o Rio de Janeiro, com muitos vômitos e dor de barriga. Depois de três semanas de treinamento e muita conversa foram para o Paraguai defender o Brasil. Não se falava em morte.

– Olhe, seu Estelita, não vou me esquecer nunca mais na minha vida os urubus comendo os soldados paraguaios abandonados depois duma batalha. Eram mais de cem e todos crianças de doze a quatorze anos de idade. Tinham morrido os homens e no final só tinha menino. Se agora viessem novamente me chamar pra outra guerra eu só ia obrigado. Parece que o mundo vai se acabar. Até das queimaduras da danada da urtiga eu tinha saudades.

Seu Estelita era o farmacêutico da cidade. Além de vender remédios, dava consultas, naturalmente diagnosticando males curáveis com o estoque das suas prateleiras. Era o adversário preferido do prefeito no gamão, invariavelmente depois da janta, às cinco da tarde. Na ausência do padre – o único que concorria com o farmacêutico em nível de instrução – seu Estelita dava conselhos, orientava os casais, dirimia divergências com relação a limites das propriedades e posse dos animais domésticos que viviam soltos. Ainda emprestava um dinheirinho a juros. A autoridade do farmacêutico era indiscutível, e terminava transformando a farmácia numa sacristia.

– O senhor sabia que se come cavalo? – continuou Joaquim Gomes. – Pois se come sinsinhô... Era faltar carne de boi que os cavalos mais velhos iam pru machado. Com fome se come até cobra. Ouvi muita conversa de que a tal libra esterlina que o Brasil tinha, correu como água para o bolso dum país chamado Argentina e outro tal de Uruguai. Oitenta bois por dia, era o mínimo que se falava. É quase uma fazenda por dia. Eu ficava calado e não dizia que sabia matar boi e esfolar ligeiro, ligeiro. E não era só gado não, cavalos, couro, botina, arroz, peixe e vai por aí. Os bestas vão pra guerra morrer e os sabidos ficam longe vendendo tudo caro e enricando.

Seu Estelita, que até então ouvira em silêncio, mudou o rumo da conversa:

– Senhor Joaquim, o senhor tem contado muita coisa da guerra, mas não falou como era que se resolvia o problema de mulher...

– Ah, seu Estelita, isso lá era complicado – respondeu Joaquim Gomes, coçando o queixo.

– Por quê, não havia mulher?

– Não, mulher até que tinha muito. Mas mulher da banda de lá não conta, elas ficavam de longe, fazendo o trabalho de cozinha e também o dos homens delas que iam morrendo. E mulher da banda de cá tinha dono. Quer dizer, nem sempre.

Joaquim Gomes se recosta na cadeira de braço, olhando para cima.

– Na verdade, seu Estelita, no começo não dá pra pensar nisso não. Vão chegando os navios nas barrancas, desembarcando tropa e comendo tiro. E ainda havia batalha em terra de mata adentro. Tinha de ficar o tempo todo de olho aceso pra responder aos ataques dos paraguaios. Eu não sei não, mas se o cabra fosse

Tauã – a verdade verdadeira que seu Noberto contou

frouxo morria de medo. Tinha época que tinha que esperar dez, vinte, trinta dias pru tiroteio funcionar cerrado. Com o tempo o cabra se acostumava e até dava pra pensar em mulher. Foi aí que me dei conta que tinha mulher com dono e sem dono. Não era só no campo de batalha que perdiam o companheiro. O cólera matava demais. Também morria muita gente em patrulha. Ia por aí afora morrendo gente e nas barracas sobrando viúva. Soldado que quisesse podia embarcar a mulher, era só dizer que era casado e já ia embarcando. Acho que era pra arranjar voluntário pra guerra. Só escravo não tinha direito de levar mulher. Pois depois de enviudar não tinha jeito de voltar, os navios que chegavam na área da guerra engajavam e lá ficavam. Vi muita mulher corajosa querendo ir pru fogo. O comandante não deixava mas no calor da briga elas entravam.

– E o senhor não consolou nenhuma viúva? – perguntou seu Estelita com um sorriso maroto.

– Home, a minha cabeça estava aqui.

Capítulo 2

O sargento-mor e seu amor da infância

– Maria, que alegria! – exclamou o sargento herói, quando reconheceu a amiga de infância no meio da multidão que festejava na praça. – E esse menino bonito e forte?

– É meu filho, sou viúva do Rogério – respondeu ela baixando os olhos.

– Rogério...

– Sim. Com um ano de casado ele morreu de cólera.

Joaquim Gomes disfarçou o brilho feliz no olhar, assumindo um ar respeitoso.

– Vosmecê sabe, Maria de Jesus, que nas noites de solidão, quando eu descansava na retaguarda, sua imagem sempre vinha à minha cabeça e eu me perguntava: será que se não morrer, vou encontrar Maria de Jesus lá na minha Paraíba? Nunca imaginei encontrar vosmecê viúva e com um filho pela mão. Só mesmo com a proteção divina para eu estar aqui agora. Pois se

for do seu desejo, pra mim é uma felicidade, nos casamos quando vosmecê quiser.

– Sargento-mor Joaquim Gomes de Santana, daqui a uma semana lhe dou uma resposta.

– Se for sim, espero um mês.

Não demorou muito. Viúva, com um filho para criar, vista como presa fácil dos mais ousados, sem perspectivas fora do casamento... a resposta não passou de uma semana. Não foi imediata para não parecer sofreguidão, pressa e impressão de desamparo.

– Senhor Joaquim Gomes de Santana, pensei muito na sua proposta. Mas vosmecê sabe que eu tenho um filho... – e ela conteve o choro, os olhos vermelhos, apertando a barra da saia.

Joaquim Gomes apressou-se em tranquilizá-la, radiante com o aceite implícito na atitude da moça:

– Maria de Jesus, se vosmecê me aceitar como esposo, tem a minha palavra de que Rogério será como meu próprio filho!

Depois do aprovo do padre, que só vinha a Cajazeiras uma vez por mês, realizou-se o casamento. A festa foi especial. Afinal, Joaquim Gomes de Santana era o herói de Cajazeiras. Houve até música no coreto da praça em homenagem ao ilustre cajazeirense. A cidade, como todas naquela época, tinha como atividades principais a pecuária e a agricultura familiar. O laureado da guerra trocou o alfanje e a pistola pela foice e a enxada, armas que manuseava com destreza.

Maria de Jesus mal podia acreditar na sua felicidade. Joaquim Gomes revelou-se um marido dedicado e um padrasto atencioso para Rogério.

– Sabe duma coisa, Maria de Jesus, a guerra quase tira do coração da gente o amor. A coisa que mais senti quando retornei à minha Cajazeiras foi o sentimento pelas pessoas, até por quem não conhecia. Agora tô aqui feliz juntinho de vosmecê, de todo esse povo que me viu nascer e de tantos que eu também vi nascer.

A vida não parou. O sargento-mor Joaquim Gomes não esquecia os horrores da guerra, mas de lá trouxe alguns ensinamentos, como a importância da leitura.

– Todos que mandavam em nós sabiam ler e escrever – dizia ele à mulher, o ar pensativo.

– Eu, senhor Joaquim, não sei ler, mas também mulher só precisa saber as coisas de casa e isso ela aprende vendo a mãe fazer – desculpou-se ela.

– É, Maria de Jesus, vamos ter uma luta dura pela frente, mas quando nossos filhos tiverem de doze anos pra cima vão ter de ler sem soletrar pra poder chefiar alguma coisa. – E olhando diretamente nos olhos da mulher, para ver a sua reação: – O Rogério, mais alguns anos, será um rapaz. Ele não vai se conformar em cuidar de umas vacas e plantar um roçado no período da chuva.

Maria de Jesus nem pestanejou:

– Não tenho instrução mas ouvi falar que lá pras bandas de Pernambuco tem uma zona de mata onde dá muita cana e tem muitos engenhos. Quem sabe Rogério não vai buscar outro futuro pra ele.

Os dois, Maria de Jesus e Joaquim Gomes, não sentiam desejo nem segurança de deixar a Paraíba em busca de lugar melhor. Cajazeiras ao longo dos anos foi crescendo. Ampliaram a Igreja. Na escola de uma única sala, dona Luizinha alfabetizava a meninada. Um ou outro adulto mais ousado enfrentava os olhares e os risos de galhofa e se sentava junto às crianças.

O menino Rogério foi crescendo, o olho na estrada.

Capítulo 3

O almocreve e o papo-amarelo

– Noto o senhor meio alterado – foram as primeiras palavras de seu Estelita dirigidas a Antônio Segundo, o almocreve chefe da caravana que acabara de chegar com as mercadorias para o comércio de Cajazeiras.

As caravanas compostas de burros e jumentos – único meio de transporte a longa distância na época – se deslocavam das cidades mais importantes para Cajazeiras sempre após o aval do prefeito e do farmacêutico. Os almocreves eram os responsáveis pelas caravanas, que às vezes demoravam um mês entre ida e volta. Existiam ao longo do trajeto locais fixos de pernoite, onde os animais tinham alimentação garantida e segurança para as mercadorias. O almocreve contratava empregados que conheciam o manejo com as cargas e os animais, mas também, se necessário, utilizavam a intimidade com os rifles papo-amarelo na defesa contra quem se aventurasse a perturbar a caravana. As pessoas que necessitavam fazer longas viagens se incorporavam às caravanas dos almocreves, amparando-se no conhecimento do caminho e na proteção contra grupos de cangaceiros, que já se esboçavam na época.

– Seu Estelita, não gosto de contar meus arrochos. Mesmo porque não se falando nada, o que aconteceu fica no esquecimento. Tem coisas na vida da gente que o bom mesmo é esquecer. Mas como estou engasgado e o negócio não foi brincadeira, vou lhe contar, porque considero o senhor um freguês e amigo.

Antonio Segundo tirou o chapéu empoeirado e instalou-se junto ao balcão da farmácia. Depois de aceitar o copo d'água, dispôs-se a contar sua história.

– Essa vida de viver na estrada tangendo uma burrama pra mais de vinte cabeças não é pra qualquer um, é pra cabra macho. Os fregueses dessa mercadoria vêm comprar aqui ou alguns vão até a capital. Mas quando já passamos da metade do caminho deixando mais cinqüenta léguas pra trás, todo mundo sabe que a polícia não aparece e manda quem tem força. A polícia mesma diz pra nós ficar preparado pra enfrentar quem quer comprar e não pagar. Olhe, seu Estelita, já estou calejado de tanto viajar nessa estrada e nunca tive dificuldade. Mas um dia sempre é o primeiro.

Seu Estelita ajeitou-se do outro lado do balcão, interessadíssimo. O almocreve era a grande fonte de novidades naquele sertão distante.

– Pois o meu dia foi na quarta-feira passada e não foi de noite não. Foi na beira do riacho que botamos o nome dele de Socó, porque ele faz uma curva com a finura do pescoço do bicho. Era obra de onze horas da manhã, paramos na beira do riacho com o sol quase a pino, apeamos pra beber água e dar também aos animais. Por um descuido nosso, duas burras que acompanhavam a tropa, como reserva, se afastaram um pouco pra comer um capinzinho verde à beira do riacho. Quando já estava todo mundo pronto pra continuar a viagem, ouvimos o barulho de um tiro. Como eu já disse ao senhor, um homem prevenido vale por dois, foi o que nos valeu. Numa hora dessa ninguém sai correndo pra saber o que

aconteceu. Tem que fazer como os animais no campo quando são atacados. Eles se juntam, olham pra todos os lados pra saber o que está acontecendo e só aí é que resolve se enfrenta ou sai correndo. Foi o que fizemos. Comigo, somava seis homens tangendo a caravana. Todos prevenidos com seu papo-amarelo embaixo da capa da cangalha, menos eu, que trazia o meu pendurado pelas correias traseiras da sela, que era só correr a mão e agarrar.

O rifle papo-amarelo era de calibre 44, da marca Winchester. Anos mais tarde, seu uso seria consagrado pelos cangaceiros, como Lampião. Deve ter sido aí por 1885 que Antonio Segundo viveu sua aventura, mais de dez anos depois do fim da guerra do Paraguai. Mas vamos deixá-lo continuar a história.

– Não perdemos tempo pra chegar de onde tinha vindo o tiro. As duas burras – por aqui também chamam de mula, não sei por quê – estavam assustadas, uma com o pescoço por cima do da outra, encostadas num pé de umbu. Corremos o olho pra tudo que é lado e não vimos nada. Aí é que a coisa se tornou perigosa. Se fosse um caçador com sua espingardinha de carregar pela boca, logo aparecia dizendo o que estava caçando. Mas não era a primeira vez que isso acontecia. E mesmo quando continuei com a profissão do meu pai, ele me preveniu de tudo que pode acontecer e como ele se livrou dos apertos. Tinha muita sabedoria pra aprender e ele me passou todas, até o pulo do gato. Por isso deixamos quatro homens junto com a carga e a burrama e fomos dois na direção de onde tinha vindo o tiro. Nós dois bem separados um do outro, com o papo-amarelo já na mão, abaixados, fomos na direção das duas burras assustadas. O senhor sabe tanto quanto eu, seu Estelita, que nessa época é difícil ter mato que dê pra se esconder uma pessoa. É só andar devagarinho, na ponta do pé, olhando pra tudo que é lado, que se descobre até preá que teja por ali caminhando.

Seu Estelita concordou com a cabeça, sem dizer nada, para não prolongar o suspense.

– Foi quando vi a cucuruta dum chapéu de couro, por trás duma pedra dessas encoscorada de lodo seco pelo sol, e quando estiquei mais o olho vi outro chapéu arrumadinho, um do lado do outro. Também aprendi com meu pai que quem se esconde é porque tá com medo e por isso fui logo pra cima com a bala na agulha e atirei pra assustar. O susto foi bom. Falaram os dois duma vez: “Nós tamo caçando preá.” Olhei pras armas deles e disse: “Caçando preá de rifle papo-amarelo?” “É sinsinhô, porque as vez aparece um bicho grande.” “Uma burrama como essa minha, não é? Largue as armas aí no chão e venha de costa até aqui onde estou se não quiser morrer.” Seu Estelita, foi um arrocho que até agora na hora de contar eu fico nervoso. Mas essa minha profissão tem tudo que é risco. Tou nela porque herdei do meu pai. Conheço todas as maranhas que ela tem. Até mesmo essa das armas usadas por caçador ou por gente séria pra se defender. Papo-amarelo só é usado de dentro de casa pra se defender de bandido ou pra matar um bicho grande, perigoso, que, ferido por espingarda, vem em cima do atirador. É arma que fica dentro de casa. Quando sai é porque não tem outra pro seu lugar. Caboclo do mato não pode ter papo-amarelo que é arma estrangeira.

Seu Estelita se conformou com a pausa e comentou:

– Antigamente tinha vendedor de armas por esse mundo afora. Segundo contam os mais velhos, o comércio de armas, todas vindas da Europa, do outro lado do mundo, era um negócio muito lucrativo e também que podia ser perigoso para a Coroa. Só pessoas da confiança do Rei tinham direito de trazer e vendê-las por aqui a donos de terras ou comerciantes bem situados, todos defensores do Rei. Arma vinda da Europa na mão de caboclo era roubada. Aqui mesmo em Cajazeiras tinha uma família de nome francês, Roger,

descendente de um vendedor de armas. Dizem que ele de tão branco e do olho azul não agüentou o cólera e morreu muito moço, mas deixou um filho que a mãe batizou com o nome de Rogério.

– Esse rapaz, não faz muito tempo, viajou com a nossa tropa de animais lá pras bandas de Pernambuco.

– É verdade, Antônio Segundo, foi aqui em casa jogando gamão que tudo foi combinado e você levou esse moço, que agora está lá pras Alagoas, já bem de vida.

– Parece que bons negócios e casamento rico se traz no sangue – filosofou o almocreve. E retomando a história: – Mas voltando aos dois caçadores. Afastados das armas pra não morrerem ali mesmo, debaixo da minha pontaria, mandei Antônio Batista amarrar com o cinturão deles as mãos e tirar as calças. Ficaram nu em pelo. Caboclo não usa ceroula, o senhor sabe. Chegamos na beira do riacho, mandei descer toda a carga que já estava em cima dos animais e tomar as providências pra passar a noite por ali mesmo. Amarramos os dois num pé de aroeira, cuidamos dos preparativos pro pernoite fora do lugar combinado, esperamos escurecer e aí fui conversar com os dois. Fui logo dizendo: “Não quero saber o nome de vocês dois. Caboclo com papo-amarelo é matador profissional ou ladrão de almocreve. Quero saber por que deram um tiro.” “Foi sem querer. Fui botar bala na agulha e aí escapuliu o dedo e saiu o tiro.” “Não me venham com conversa de que estavam caçando. Nessa terra seca só dá bicho pequeno. Caçador por aqui só usa espingarda de cano de guarda-sol carregada pela boca e assim mesmo com três a quatro caroços de chumbo. Não tenho muito tempo pra perder com vocês. Contem logo a história direitinho porque vocês não têm por onde escapar.”

Os dois, amarrados, sem as calças, estavam apavorados, com sede e fome, diante dos seis homens que constituíam a caravana,

sem as armas de fogo e os dois punhais que traziam na cintura. A viagem da caravana interrompida significava que eles não seriam levados. Pensaram, e com razão, que estavam próximos do fim. As perguntas aos dois prisioneiros eram feitas unicamente por Antônio Segundo, em meio ao silêncio total dos demais companheiros.

– Seu Antonho, ainda vamo esperar muito? – perguntou Zé Fogo, almocreve de confiança absoluta.

– Não, Zé Fogo. Como eles dois não querem falar, é porque só tem coisa ruim pra dizer. Zé Fogo e Ventania ficam aqui comigo e os outros vão cuidar das cargas e dos animais, porque não viajo de noite. Amanhã vamos sair com o nascer do sol. Vamos dormir por aqui mesmo, por cima da carga.

– Seu Antonho Segundo, seu Antonho Segundo, pelo amor de Deus escute nossa história, se coloque no nosso lugar, pra entender o que nós queria fazer. Eu pensei e falei pru meu companheiro, que também se chama Antonho. Antonho e eu era empregado numa fazenda que fica cinco légua daqui pra cuidar duma criação de égua, de cabra e de vinte vaca de leite. Há um mês pra trás, ia tudo bem, com o sol a pino, quando o céu se escureceu, o trovão começou a roncar e caiu tanto raio que pegou fogo em tudo que era canto da fazenda. Não caiu chuva, foi só raio e trovão. Seu Apolinário, o dono da fazenda, juntou tudo, botou na estrada, saiu vendendo por qualquer preço e se mudou pra zona da mata onde chove muito. Chamou nós e disse: “Vocês fique aí com uma vaca e uma cabra de leite, tome conta de tudo e quando eu estiver arrumado volto aqui. Não deixe ninguém mexer na fazenda, pra isso vou deixar os dois papo-amarelo com um bocado de munição.” O homem meteu o pé na estrada e nós ficamo com tudo arrasado pelo fogo, as cerca queimada, cinco casa coberta de folha de palmeira braba também foram comida, nem curral pra prender a vaca e a cabra nós tinha. Pra não morrer de fome,

peguemo as mulé, deixemo na casa dos pais dela junto com os filho. Com a roupa do corpo e com os dois papo-amarelo, saímo pra estrada esperando um jeito de vender um ou os dois e voltar pra junto dos filho. Como temo de carregar o papo-amarelo nas costa, quando aparece alguém na estrada nós se mete no mato. Nunca demo um tiro com eles. Esse que o senhor ouviu foi porque subimo numa pedra pra vê quem vinha na estrada e bati, sem querer, com o cão e ele disparou. Pelo amor de Deus e pelo amor que o senhor tem a seus filho, acredite na nossa história – suplicou o homem.

– Quem carrega mercadoria em cima duma burrama com mais de vinte cabeças por esse sertão afora tem que estar prevenido pra tudo que der e vier – foi a resposta de Antonio Segundo.

– Mas também, seu Antonho, o senhor com sua vivença de estrada conhece uma conversa fiada e uma conversa certa, aprumada. Se nós fosse o que o senhor tá pensando, dois cabra bandido que só vive do crime, nem na cidade nós podia chegar. Pois ói, leve nós até Cajazeira, e lá no curral da prefeitura onde é a feira de gado, pergunte ao encarregado se conhece nós, que ele vai dizer que conhece. Não foi uma nem dez vez que fui lá levar gado do patrão pra ser vendido. Até o dono da farmácia, de tanto me ver lá comprando remédio, me conhece. Não deve saber meu nome mas o nome do meu patrão ele sabe. Se o senhor não confiar em nós, nós dorme amarrado como tamo. Seu Antonho, juro pela Vige Maria que o que tou lhe dizendo é verdade.

– Olhe, meu cabôco, não costumo acreditar em conversa, porque foi assim que levei dois tiros, um de raspão e o outro tá aqui encravado no braço direito. A minha intenção era esperar anoitecer, despachar os dois para o além, enterrar num buraco bem fundo prus bichos não acharem e continuar minha viagem. Mas como sua conversa vai, ou não, ser confirmada amanhã, no curral da prefeitura e na farmácia, onde conheço o dono, vocês vão escapar de morrer, se for tudo confirmado.

– Desde que o senhor mandou amarrar nós que não paramo de pedir proteção a Vige Maria e graça a Nosso Senhor ela nos protegeu.

– Pessoal, amanhã quando o dia clarear quero já ter andado duas léguas. Vamos chegar mais cedo pra resolver esse problema – encerrou Antonio Segundo.

– Seu Antonio, tá tudo pronto e até os dois cabra amarrado demo um pedaço de carne com café – informou Zé Fogo, quando se levantaram.

– Fizeram bem, ninguém merece castigo sem ter o crime comprovado. Bote cada um em cima dum burro escoteiro com as mãos amarradas no cabeçote. Pra não chamar a atenção de ninguém que passe por nós, coloque os dois no meio da burrama e, quando entrar na cidade, lá pras onze horas, vamos direto ao curral da prefeitura. Vamos deixar os animais beberem água nesse riacho.

Quando a caravana apontou na rua de Cajazeiras, foi direto para o curral da Prefeitura. Assim que o encarregado viu os dois, amarrados no cabeçote das cangalhas, exclamou:

– O que foi que esses cabra fizeram pra estar amarrado que nem porco?

– O senhor conhece os dois?

– Ôxente se conheço! São todos dois empregado da fazenda de seu Apolinário, que pegou fogo sem ninguém riscar um fosco. Parece até um castigo de Deus, porque só pegou fogo na dele. O home juntou o que sobrou, botou tudo em cima do lombo de cavalo e burro e foi pra zona da mata . Tá pra lá e ainda não deu notícia. Homem bom, seu Apolinário, mas, sem recurso, teve que se mudar

e deixar esses dois tomando conta da terra queimada e mais uma vaca e uma cabra. O que foi que eles fizeram que tão amarrado?

Depois de ouvida a história, Antônio Segundo mandou soltar as mãos dos dois.

Seu Estelita, que ouvira toda a história, comentou:

– Eu lembro desses dois. Depois que seu Apolinário foi embora, eles quiseram vender dois rifles, porque estavam sem dinheiro até para comer. Não quis porque é arma importada e muito cara.

– Pois foi por um triz, seu Estelita, que os dois não morreram. Agradei a Deus por ter me livrado de praticar essa injustiça. Só então eu perguntei o nome deles. “Ele é Antonho Batista e eu João Agostinho, seu criado.” “Como vocês queriam vender os dois rifles, digam qual o preço.” “O senhor paga o que quiser.” “Não. Vou pagar o que vocês estão pedindo pelos dois.” “Os dois papo-amarelo vale quatro vacas de leite. Obra de trezentos mil réis.” “Negócio fechado. Conte o dinheiro.” “Tá certo, seu Antonho Segundo. Que Deus proteja o senhor e quando precisar de nós é só dá as ordens.”

Não só o mal-entendido foi esclarecido como foi criado um relacionamento de respeito e gratidão entre os Antonios e o João Agostinho.

Capítulo 4

Trocando de caravana

A cada vez que Rogério abordava com sua mãe o desejo de deixar Cajazeiras, ela ficava de coração apertado, pensando no risco da viagem depois de trocar de caravana conhecida. Para Rogério, o que mais lhe trazia incertezas era a permanência em algum engenho em Pernambuco ou Alagoas, onde tivesse oportunidade de trabalhar. Os seus conhecimentos eram relativos à lida com vacas, cabras, ovelhas e porcos. Naturalmente tinha experiência também na roça, mas só na lavoura familiar.

Apesar de todas as dúvidas, lá no íntimo, Rogério apostava na sua imagem de boa altura, bonitão, olhos claros, muita disposição física e o mais importante: dominava a leitura e a escrita. Em pleno século XIX, no Brasil, ler e escrever era um patrimônio cobiçado. Numa das tardes em que Joaquim Gomes foi jogar gamão na casa do farmacêutico, Rogério acompanhou-o.

– Desejo mudar de vida, seu Estelita, e aqui não vejo outra saída – disse Rogério. – Preciso da sua ajuda para ir para Pernambuco.

O velho farmacêutico, experiente, olhou fixamente para Rogério, reconhecendo naquela fisionomia jovem a firmeza da decisão tomada. O padrasto, ao lado, aprovou com a cabeça.

– Se é esse o seu desejo, naturalmente com o aprovo do meu amigo Joaquim Gomes, pode contar comigo. Os comerciantes de Cajazeiras compram suas mercadorias na capital, Paraíba, e no Recife. Na próxima chegada dos almocreves vamos combinar o preço e os detalhes da viagem.

Decorridos uns quarenta dias, seu Estelita chamou Rogério e lhe apresentou o almocreve-chefe Antonio Segundo. Acostumado a guiar viajantes, ainda por cima a pedido de um amigo, o almocreve não titubeou.

– Você entra na nossa caravana com um animal de sua propriedade e participa dos trabalhos nos pernoites, em pontos já acertados. A sua despesa será igual à dos outros. Esperamos deixá-lo em Água Preta, onde contamos com a sua amizade.

– Negócio fechado. É só o senhor dizer o dia e a hora – entusiasmou-se Rogério.

– Vamos descansar os animais quatro dias e depois partimos às quatro da madrugada. As paradas pelo caminho são feitas sempre duas horas antes do pôr-do-sol pra ter tempo de acomodar os animais. Mais importante do que nós são eles, porque até doente podemos viajar, mas eles, doentes, se deitam e temos de esperar.

Os dias de espera transtornaram a vida de Rogério. A choradeira da mãe, os pedidos de jura de amor da namorada, os conselhos do padrasto. Joaquim Gomes fez questão de ressaltar:

– Trabalhe muito pra merecer a recomendação que lhe arranjei do coronel Cypriano, amigo do coronel Silveira de Água Preta.

– Eu lhe agradeço muito. Tenha a certeza de que não vou decepcioná-lo – foi a resposta incisiva de Rogério.

Na hora certa, pela madrugada, a caravana partiu. Da Paraíba até Pernambuco os caravaneiros e os animais foram substituídos, menos Rogério e sua montaria. Agora não tinha mais volta.

Depois de quarenta e cinco dias de estrada, chegaram ao engenho-mãe, residência do coronel Silveira. Chamado por um dos empregados, o coronel veio até a varanda. Rogério logo notou as botas de cano alto e o revólver na cintura.

Entregou a carta que trazia e ficou observando com interesse o coronel, enquanto este colocava lentamente os óculos.

Quase nada mudara na região desde o começo do cultivo da cana, no século XVI. As técnicas de plantio e da fabricação do açúcar eram praticamente as mesmas. O açúcar antilhano tinha desbancado o brasileiro há muito tempo no mercado internacional. A mão-de-obra escrava já escasseava na região, pois desde a proibição do tráfico que os ingleses até afundavam os navios negreiros nos portos. Cada vez mais o café tomava o lugar do açúcar como produto de exportação mais importante. Quando a abolição foi decretada, em 1888, já havia uma “desescravização” virtual da economia. Os senhores de engenho, muitos deles, tinham abolido os castigos físicos e diminuído a carga de trabalho de seus escravos, a essa altura convivendo com outros trabalhadores. Mas sua autoridade continuava intacta, senhores da terra e do destino dos que nela habitavam.

– O senhor desapeie, moço – convidou o coronel Silveira, o que já significava acolher Rogério. E apertando-lhe a mão: – Tenho muito apreço pelo coronel Cypriano. Vamos entrar.

Os dois homens cruzaram a varanda, que cercava toda a casa, com algumas redes penduradas.

– Por aqui é difícil um administrador de engenho que saiba ler e escrever, e pelo que está escrito o senhor domina as duas coisas – continuou o coronel, com um gesto para que se sentasse.

– É verdade, coronel, não fui mais adiante porque na minha cidade só havia uma professora – respondeu Rogério, radiante com o emprego assegurado pela recomendação que trazia.

– Hoje, pelo adiantado da hora, o senhor ficará hospedado em minha casa. Amanhã vamos ao engenho das Moças, pois vou lhe passar a administração.

Capítulo 5

Fausta, Amélia e Tauã

O nome engenho das Moças decorria da existência de três filhas do coronel com uma de suas mulheres. Os senhores de engenho, por longos anos, tinham por hábito instalar em cada engenho uma mulher de sua total exclusividade, sem que esse procedimento causasse dificuldades com a legítima esposa.

Aos primeiros raios do sol o coronel e Rogério dirigiram-se a cavalo ao engenho, distante meia légua. A mala de Rogério foi em outro animal, conduzido pelo estribeiro. Ao longo dos três quilômetros, o coronel Silveira foi instruindo o seu novo administrador.

– Olhe, Rogério, preste muita atenção nas minhas recomendações, porque o administrador me representa. Tudo que você determinar ao caboclo, lembre-se sempre, ele aceita porque sabe que você é da minha confiança. Não se pode dar uma ordem e depois desfazer. A autoridade aqui no meio da caboclada é a maior arma que se tem.

E o coronel foi desfiando os principais mandamentos:

– Há crimes que não admito nas minhas propriedades: roubo, principalmente de cavalos, emprenhar moça virgem sem ser casado

com ela – considero isso uma falta de respeito à autoridade do proprietário –, briga com morte dentro da minha propriedade, salvo se for para lavar a honra; falta ao eito por estar cheio de aguardente e descumprimento de qualquer ordem sua ou minha. Nos meus engenhos tenho caboclos e escravos, mas essa história de escravos está para acabar. Quem não quiser se incomodar que cuide de ir se livrando deles. Tenho alguns, na maioria escravas, que já fazem parte do engenho e nós temos amizade por elas.

E dando uma olhada de cima a baixo no seu novo administrador:

– Você já está em idade de pensar em casamento para poder impor respeito e aumentar sua responsabilidade.

– Coronel Silveira, ouvi com muita atenção tudo que o senhor disse e acredito não haver dificuldades em seguir à risca, já que conto com o seu aprovo em tudo.

– Não só apóio – respondeu o coronel –, mantenho suas decisões, até mesmo as erradas.

Depois de uma curva do caminho, apareceu a casa do engenho das Moças, com o mesmo avarandado, mas um pouco menor que a do coronel.

– Estamos chegando. Esta é a casa de dona Ana, que chamamos de Donana. Não seja curioso, mas ela é uma pessoa da minha intimidade e confiança. Você já tem idade para entender tudo que lhe estou dizendo. Chegamos. Bom dia, Donana.

– Bom dia, coronel Silveira, fez boa viagem?

– Muito boa. Quase não senti porque vim conversando todo o tempo com o nosso novo administrador, que se chama Rogério. Fausta, Amélia, Tauã! Venham cá falar com seu pai e conhecer o novo administrador.

– Bênção, pai – disseram as moças quase em coro, mal disfarçando a curiosidade despertada pela figura de Rogério. A mais nova, Tauã, foi mais ousada e ensaiou um sorriso para o simpático visitante.

– Deus as abençoe – respondeu o coronel, com um ar satisfeito. E para Rogério: – Agora vamos até a casa onde você vai morar. Aqui não falta gente para cuidar de tudo na sua casa. Calixto, descarregue a mala de seu Rogério na casa do administrador, que você já conhece onde é. O que você está esperando? Não ouviu o que falei?

– Ouvi, coronel, mas a azeia que segura a mala se soltou.

– Não gosto de moleza, ande rápido.

– Sinsinhô, já tô indo.

Já instalado, Rogério retornou à casa de Donana, onde foi o almoço. O coronel fez as apresentações aos cabos do eito, aos carreiros e também às mulheres que cuidavam da casa.

Só então Rogério pôde olhar diretamente para o rosto das moças, o que não tinha feito até então por respeito. Logo notou a brejeirice morena da mais nova. A pele cor de jambo justificava o apelido, pois tauá é um tipo de argila. “Vai ver misturaram tauá com acauã”, pensou Rogério, distraído por um momento.

Durante o almoço, o coronel conversou com Donana e as filhas sobre as razões que o levaram a contratar um administrador de tão longe.

– Eu estava mesmo procurando uma pessoa trabalhadeira e com instrução, porque me poupa muito tempo. Assim não preciso vir aqui, nem ele ir até lá, para transmitir minhas ordens. O Rogério sabe ler e escrever como nós.

Tauã não perdeu a chance e foi logo perguntando:

– Na sua cidade tem professora?

– E muito boa. Não vou nunca esquecer o nome dela: Luizinha – respondeu prontamente Rogério, engatando logo uma pergunta: – É verdade que pelos engenhos só se aprende a ler e escrever se pagar para o professor morar temporadas no engenho?

– É sim – concordou Tauã. – O nosso professor até francês ele fala, mas pra que aprender francês se por aqui ninguém fala essa língua? Só que meu pai acha que quanto mais conhecimento se adquire, mais facilidade vai-se ter pela vida afora.

– Isso é verdade – acrescentou Rogério que, embevecido, ouvia a tagarela Tauã. A moça adicionava às suas palavras os encantos da formosura de tez morena, mescla de três raças, dentes alvos que pareciam carinhosamente plantados, expostos quando recorria a uma boa risada.

A nova rotina se estabeleceu na vida de Rogério. Quase que diariamente, após cumprir todas as obrigações de administrador, passava na casa grande do engenho para tomar um cafezinho ou caldo de cana azedo, que conhecia lá do seu sertão.

– Depois que você, Rogério, assumiu a administração, meu pai reduziu de muito as vindas aqui para dar ordens. Isso é sinal de que você está sendo do gosto dele.

O engenho das Moças produzia por ano dois mil e quinhentos sacos de açúcar bruto. Sob a orientação do novo administrador, pela qualidade e quantidade de cana plantada, tudo indicava um resultado bem superior ao dos outros anos. Rogério passou a fazer parte das conversas familiares à boca da noite, sempre atento às palavras, aos jeitos e trejeitos de Tauã, pelos quais se fascinava.

Ele tinha um pouco de dificuldade em entender a dureza das decisões do coronel Silveira com relação aos moradores dos seus engenhos e vizinhos. Mas decorridos dois anos de convívio e trabalho, a relação entre os dois caminhava mais para a de pai e filho, mormente já se delineava uma forte paixão por Tauã.

– Coronel Silveira, acredito que melhores dias terei pela frente, mas desejo lhe fazer algumas perguntas para clarear minha cabeça.

– Sou águia velha e fico satisfeito com essa aproximação. Donana numa longa conversa disse-me que você vem arrastando a asa para Tauã. Não me causou surpresa, quem mexe com fogo quer se queimar. Senhor Rogério, quais são suas intenções e planos? Faço-lhe esta pergunta porque, de acordo com sua resposta, tenho muito a lhe dizer.

– Coronel, parece que juntou a fome com a vontade de comer. Pois eu estava aqui matutando como tratar desse assunto com o senhor. Ainda não falei pra Tauã dos meus planos. Pra quê, se ainda não tinha dito nada para o senhor?

– Da sua parte estou conhecendo seu desejo, agora vou ouvir o que ela tem na cabeça. O senhor está convidado para a janta hoje e vou avisar a Tauã o motivo da sua presença.

– Sim senhor, lá estarei às cinco horas da tarde.

Capítulo 6

O pedido de casamento

– Tauã, minha filha, estou meio sem jeito de tratar de um assunto que sua mãe me passou – começou o coronel, alisando o braço da cadeira. – Que namoro é esse com o meu administrador Rogério? Não, não tem que correr para junto de sua mãe, agora a decisão é comigo. Finalmente você já passou dos dezoito anos e não quero aqui moça no caritó. Você está convencida de que quer realmente se casar com ele?

– Mãe, venha até aqui na sala – suplicou Tauã.

– Estou ouvindo a conversa com seu pai, mas não quis meter minha colher sem ser chamada.

– Não, Donana, eu ia abrindo a boca para chamá-la quando Tauã saiu na minha frente. A senhora ouviu toda a nossa conversa?

– Sim, senhor.

– Qual a sua opinião?

– Mulher entende mais de mulher do que homem, coronel. O senhor sabe tanto quanto eu que toda mulher para ser respeitada

tem que ter uma sombra masculina protetora por trás. Esse rapaz é respeitador, trabalhador, lê e escreve, é branco e tem futuro. Não decido porque só o senhor pode fazer isso.

– Bem, hoje no jantar vamos deixar claro para Rogério que em princípio concordamos com o namoro. – E completando, como se pensasse alto: – Mas preciso ter uma longa conversa sobre a vida de engenho, principalmente no que diz respeito ao princípio de autoridade do senhor de engenho. Só eu posso fazer isso. – Retomou, então o tom ameno: – Naturalmente não será hoje essa conversa. Donana, pegue uma garrafa daquele vinho que me mandaram de Portugal e coloque dentro de uma tina cheia d’água para bebermos no jantar.

– Acho mais próprio para o jantar um vinho tinto – opinou Donana, com a segurança de quem decide em seus domínios.

– A escolha é sua – completou o coronel. Pela maneira séria de falar, sem dúvida ele queria uma certa solenidade para aquele jantar.

– Será do seu gosto, pode deixar.

As instruções foram passadas a Mãe Preta, escrava que criara Tauã com um carinho maternal. Mãe Preta era um patrimônio do engenho das Moças, pois nascida no ano de 1814 naquela região, fora comprada como parte do engenho pelos pais do coronel Silveira. As escravas vendidas junto com os engenhos em geral tinham escolhido esse destino com a permissão do antigo senhor. Tauã, nas suas confidências a Mãe Preta, já estabelecera que a levaria quando se casasse.

Na hora exata marcada, Rogério bateu palmas na varanda e pediu licença para entrar. Pela fisionomia sisuda, vestido com terno completo e de gravata, estava clara a importância daquele momento para o jovem administrador.

A cabeceira da mesa, como símbolo do poder, era sempre ocupada pelo coronel Silveira. Ao lado, à sua esquerda, sentava-se Donana para servi-lo, à direita o convidado e, ao lado deste, Tauã. As outras duas irmãs, Fausta e Amélia, uma de cada lado.

– Vamos começar com uma taça de vinho pelo momento de alegria para todos nós, principalmente para Tauã e Rogério.

Com estas palavras e um gole de vinho, o coronel deu início ao jantar, que transcorreu num clima de cordialidade respeitosa. Rogério, pouco habituado a bebida, depois de uma taça já reduzira a cerimônia e até fazia gracejos. Tauã, encabulada, não dizia uma palavra, até que o pai a interpelou:

– Só falta você, Tauã, falar alguma coisa. Suas irmãs estão na maior tagarelice.

Tauã, acanhada por trazerem a público o seu namoro com o jovem administrador, exibiu com um discreto sorriso seus lindos dentes, emocionada:

– Meu pai, o Rogério não sai da minha cabeça nem em sonhos.

Um pouco constrangido pela sinceridade inesperada da resposta, o coronel replicou:

– Agora só falta o Rogério se manifestar.

Pela primeira vez o rapaz participava de um jantar em família que não era a sua. Apesar da timidez, do inusitado da situação, com os olhares convergindo para o seu rosto iluminado, como dos demais, pela luz bruxuleante de um candeeiro, temperou a garganta e resolveu dizer o que imaginara fazer dois meses adiante, quando Tauã completaria vinte anos.

– Coronel Silveira, acredito que o vinho se juntou ao meu sangue e deu-me a coragem que me faltava. Antes que ela vá

embora, vou aproveitar para dizer que gostaria de casar com Tauã, se contar, sem dúvida, com o consentimento do senhor e Donana.

O coronel pigarreou, deu uma ligeira olhada para Donana, e sem consultá-la:

– Se é do gosto dos dois, estamos de acordo.

Discretamente Donana fez um gesto de concordância. As irmãs bateram palmas. O coronel, com um psiu e um olhar, restabeleceu o silêncio, logo quebrado pela voz baritonada:

– Que Deus os abençoe. Vamos nos levantar, brindar aos noivos e pedir a proteção de Deus pelo tempo afora.

Rogério estava exultante pela concessão da mão de Tauã e pelo inusitado ímpeto de coragem que lhe dera o vinho. A alegria contagiou toda a família. Mais duas garrafas de vinho foram esvaziadas, todos praticamente falando ao mesmo tempo, até o instante em que o coronel tomou a palavra, dirigindo-se a Rogério:

– Agora tenho que tratá-lo como administrador e filho. Naturalmente estou mais preocupado com o futuro de vocês do que com o bom andamento do engenho das Moças. Portanto não será hoje que conversaremos sobre o assunto. Quero apenas que vocês não se esqueçam que o regime de trabalho escravo está chegando ao fim.

O coronel Silveira era um senhor de engenho altamente beneficiado pelo trabalho escravo e que, em nome do respeito e da ordem, recorria vez por outra ao castigo corporal. Acreditava que Sua Majestade, em Sua sabedoria e com a proteção de Deus, encontraria um caminho bom para os negros e também para os senhores de engenho. Por isso o coronel andava pensando no futuro dos engenhos nas Alagoas. Muitas terras recebidas como

recompensa dos serviços prestados contra o Quilombo dos Palmares permaneciam em mãos de indígenas e seus descendentes, pouco valorizadas. Até Panelas do Miranda, mais ao norte – já em Pernambuco – as vilas não tinham mais de 50 casas de telha, mais algumas de palha. Foi o próprio governador de Pernambuco quem aconselhou ao coronel: “Compre os engenhos desvalorizados em Alagoas que o senhor vai ganhar muito dinheiro. Poucos dispõem de dinheiro para aproveitar essa oportunidade”. Era o que matutava o coronel, pensando no engenho que deveria dar em dote de casamento à filha Tauã.

– Bem, por hoje chega, vamos dormir, todos felizes e que Deus nos ampare.

Feitas as despedidas, Rogério, caminhando em direção à sua casa a duzentos metros de distância, já se sentia vitorioso. Imaginou-se casado com Tauã, esta levando a inseparável Mãe Preta, num engenho só deles, fora da área de domínio do coronel todo poderoso. Aquela noite foi quase toda de insônia. Vislumbrava um futuro esplendoroso e uma vida melhor para sua mãe, lá isolada nos cafundós da Paraíba. Tudo iria depender das futuras conversas com o coronel Silveira, o que, aliás, ele anunciara no jantar. Rogério disse para si mesmo: “Vou arrumar direitinho na cabeça tudo que pensei essa noite. Quando o coronel vier conversar, vai ficar admirado com a minha rapidez de decisão.”

Encontrando Roçadinho

Os dias e noites enluaradas que se seguiram alimentavam os sonhos dos dois jovens. Entrelaçados com juras de amor, ficavam longos momentos sentados na varanda, tendo como encantadora paisagem um açude, uma imensa árvore – um pé de cajá secular – e uma estrada em curva, ladeada por dezenas de cajueiros. Todo esse quadro parecia conduzi-los ao paraíso.

– Preciso de um ano de trabalho e muita economia – pensava Rogério. – Se o engenho que Tauã ganhar como dote já estiver montado, com roda d'água, carro-de-boi, alguns escravos, mesmo alforriados, uma boa casa, com tudo funcionando, disponho-me a enfrentar a dureza do trabalho noite adentro, porque aí será tudo nosso.

Finalmente, passados dois meses, o coronel Silveira marcou um encontro reservado com Tauã e Rogério.

– A demora não foi dúvida, mas sim porque segui o conselho do governador, meu amigo. Insisti em encontrar um engenho para vocês em Alagoas, onde poderia fazer um bom negócio, mas próximo da fronteira com Pernambuco, porque é sempre bom ter

pelas costas o caminho para a velha casa. Com um cavalo bom são três dias de viagem.

O coronel fez uma pequena pausa, apreciando o efeito da novidade sobre os dois jovens, que nem disfarçavam a ansiedade. E saboreando cada detalhe do relato, continuou:

– Fui pessoalmente, porque queria pressa para não perder a oportunidade do conselho, como também porque tenho amigos daqui até a fronteira e por isso vou trocando de animais na ida e na volta, o que me permite fazer a viagem muito mais rápida. No primeiro dia fui até a vila de Palmares. No segundo, fui até Maraial, onde mora o coronel Inocêncio. Ele emprestou a mim e ao estribeiro duas mulas de sete palmos de altura, o que nos possibilitou fazer as quinze léguas que faltavam em um só dia. Entramos em Alagoas atravessando o rio Pilões, que na época da seca cruza-se quase que com o pé enxuto. Aceitei a sugestão do meu amigo Inocêncio, de passar em seu engenho Taquara para levar como guia o administrador Eusébio. Foi uma ótima idéia, porque ele conhece toda a região. Logo pela manhã nos disse o Eusébio: “Coronel Silveira, a duas léguas deste engenho tem um outro chamado Roçadinho, junto à vila de mesmo nome, que está à venda porque o dono tá quebrado com a baixa do açúcar este ano. Só a queda-d’água, com uma boa roda, dá pra tirar uns quinhentos pães de açúcar por safra.”

Em menos de duas horas o coronel e Eusébio chegaram à vila de Roçadinho. No topo de um platô, vinte e cinco casas de cada lado, via-se a igreja, com uma cruz de madeira acima da porta de entrada, um cruzeiro plantado no chão em avançados cinquenta metros pela frente e um cemitério de covas rasas no oitão. O sino, para não ficar azinhavrado, foi colocado na cúpula e recoberto com algumas telhas. O padre vinha da cidade de São José da Lage a cada dois meses. Ele batizava, casava, rezava missa de sétimo dia – mesmo quando o finado já estava enterrado há mais de mês –,

crismava e abençoava toda a população. Ninguém na vila entendia o que falava o padre, porque era estrangeiro e rezava a missa em latim. Mesmo assim, as casas comerciais fechavam para que todos fossem receber a bênção divina. Esse costume não causava qualquer prejuízo ao comércio, porque a qualquer hora que houvesse um freguês, o comerciante saía da missa e solícitamente o atendia.

O coronel continuou:

– Paramos na primeira casa com duas portas abertas. Lá dentro, sentado num tamborete, um cidadão magro, encurvado, com seus cinqüenta anos, de boca murcha pela falta de dentes, recebeu nossos cumprimentos. Apresentou-se como Firmino, comerciante de secos e molhados e alguns remédios.

– Roçadinho? Fica abaixo da vila um quilômetro de distância, mais cem metros em altura abaixo – explicou seu Firmino.

Os visitantes aceitaram o cafezinho, muito elogiado.

– É, coronel, este café é apanhado aqui numa mata chamada Mondés, que pertence justamente ao engenho Roçadinho. Ele nasce sombreado, por isso é tão gostoso. – E retomando o assunto da venda: – Mas como eu ia lhe dizendo, o dono de lá está quebrado. Deve a todo mundo e não tem como pagar.

– Mas como não tem com que pagar?! – protesta o coronel.
– Cada engenho meu, seu Firmino, tem gado com vacas dando leite, gado de corte, plantio de mandioca, milho, macaxeira, banana, enfim, tudo necessário à sobrevivência. Engenho bem administrado não quebra. O que mais, seu Firmino, o senhor me diz desse engenho?

– As terras são muito boas, tem muita água. Venha comigo para ver a riqueza de água que o nosso rio joga lá embaixo na roda d'água do engenho.

– Durante todo o ano a água corre forte assim?

– E olhe que nós estamos em mês de estiagem, imagine quando chega a chuva. Coronel, é muita terra que tem esse engenho. Com duas patacas o senhor compra ele.

Após longa conversa com seu Firmino, o coronel Silveira sentiu que compraria o engenho ainda mais barato do que lhe dissera o governador de Pernambuco.

– Como se chama o dono do engenho?

– Francisco Gouveia, mas todo mundo trata ele de seu Chiquinho.

Após o almoço e de posse das informações necessárias, o pequeno grupo dirigiu-se ao engenho. Um caminho estreito ligava a vila ao engenho, ladeado de cana e algumas árvores, bem cuidado, sinalizando a sua importância. Sem descer da montaria, o coronel aproximou-se da varanda, que era no nível do primeiro andar, por causa do terreno inclinado. Anunciou-se e perguntou pelo senhor Francisco Gouveia.

– Num mora aqui não sinhô – respondeu-lhe a mucama. – Quem mora aqui é seu Chiquinho. O sinhô quer falar com ele? Momento. – E gritando para o interior da casa: – Seu Chiquinho! Tem aqui um home que quer falar com sinhô!

Prontamente o seu Chiquinho chegou à varanda e cordialmente deu boa tarde e mandou os cavaleiros apearem.

– Senhor Francisco Gouveia, venho de Pernambuco, a três dias de viagem, com o objetivo de comprar um engenho nas Alagoas, de preferência nesta região. Sou o coronel Silveira, senhor de engenhos na vila de Água Preta, em Pernambuco.

– De figura não o conheço, coronel, mas de nome quem não sabe quem é o coronel Silveira de Água Preta, dono de trinta e três engenhos, tão poderoso quanto bondoso, que me dá a honra de vir

à minha casa? – respondeu-lhe Francisco Gouveia. – Trate-me de Chiquinho, como sou conhecido. Francisco Gouveia só de batismo e casamento na igreja.

O guia e o estribeiro trataram de tirar os arreios, deram banho nos animais, divertiram-se com as piabas beliscando suas pernas no açude, que distava duzentos metros da casa de seu Chiquinho. A conversa dos dois não permitia a aproximação dos empregados. O coronel não fez muitos rodeios para chegar diretamente ao assunto da compra que desejava fazer.

– Seu Chiquinho, fui informado de que o senhor quer vender seu engenho. Naturalmente a seca não chegou a prejudicar muito a safra de cana, mas castigou os compradores de açúcar, que vivem do gado, da lavoura e do comércio. Quem comprou não pagou, quem não recebeu, se não tinha reserva, ficou no ora veja.

– Parece até que o senhor é meu vizinho, porque foi isso mesmo que aconteceu!

– Tenho longa experiência, seu Chiquinho, e vou lhe contar um segredo: nunca me conformei com o que tinha, estava sempre pensando em ir um pouco mais pra frente e com isso descobri que primeiro tem que juntar para depois comprar. É verdade que comecei com dois engenhos de herança, mas os trinta e um que comprei, paguei na bucha. É o meio de se comprar mais barato. Quantas quadras de terra tem seu engenho, seu Chiquinho?

– As quadras eu não sei, mas tem obra de meia légua de um lado por uma légua do outro. Não tenho condição, coronel Silveira, de encher ele todo de cana. Se tivesse condição de carrear toda a cana plantada, eu ensacava uns mil sacos por safra. Mas para arrastar toda a cana, com o engenho rodando dia e noite, preciso de trinta juntas de boi e mais de cinqüenta burros pra descer a cana cortada das quebradas. Para montar todo esse trem preciso de vender o engenho. Aí fico sem terra e engenho, e o que vou fazer

com tanta coisa? E mais, cadê pasto para os animais? Uma coisa ou outra. Um homem rico como o senhor é que pode fazer isso.

– Suas terras são todas cercadas, seu Chiquinho?

– Sim, senhor. E cerca que nem bode pode passar. Do lado dos vizinhos que criam cabras soltas, minhas cercas são de varas. Isso me deu uma despesa danada, mas não quis arranjar encrenca com vizinho.

– Seu Chiquinho, cortando um pouco a nossa conversa, o senhor tem como acomodar nós três e mais os animais até amanhã?

– Que pergunta, coronel, a honra é toda minha. Amália!

– Sim! – respondeu a mulher lá de dentro.

– Prepare no corpo da casa o quarto de hóspede para o coronel. Chegue aqui junto, quero lhe falar. – E baixando o tom de voz: – Coloque a bacia grande com água e mais uma jarra cheia, com toalha e sabonete no quarto do coronel. Prepare também um quarto fora do corpo da casa para os dois homens que acompanham ele. – E voltando-se novamente para o ilustre visitante: – Coronel, sei que o senhor é do trabalho e habituado com o desconforto quando viaja. Me desculpe não dispor de melhores condições de hospedagem. O urinol fica debaixo da cama. Numa hora de aperto é bom saber onde ele fica. O jantar é às cinco horas, a ceia às oito da noite. Agora, coronel, que as ordens foram dadas, vou lhe apresentar minha senhora. Amália, este é o coronel Silveira, que será nosso hóspede essa noite.

– Muito prazer, minha senhora, e as gentilezas do Chiquinho foram tantas que já me sinto à vontade.

– Não preciso dizer mais nada, coronel, seu Chiquinho fala por mim. Quando o senhor e seus homens quiserem, podem ir para

os quartos. Sua cama e as redes deles já já estão prontas – respondeu Amália, depois de um cumprimento tímido.

O coronel finalmente entrou no assunto:

– Seu Chiquinho, quanto o senhor quer pelo engenho Roçadinho? Não sou homem de muito arroteio para fazer negócio.

– Dez contos de réis livres no meu bolso.

– Qual é o volume da sua dívida?

– Nem eu sei ao certo. Tenho tudo anotado à minha moda, mas o senhor, que é homem de leitura, pode juntar tudo e me dizer ao certo. De cabeça, acho que devo vinte e sete contos de réis. Com os dez que quero, são trinta e sete contos de réis de porteira fechada.

– Amanhã vamos nós dois a cavalo percorrer toda a propriedade, olhar as cercas, ver o estado do engenho, a bica d'água, as moendas. As madeiras do engenho e da sua casa são boas?

– É tudo de pau-d'arco, sucupira e pau-santo.

– Pau-santo?

– Sim senhor. Lá pras suas bandas chamam jacarandá.

– E os papéis?

– Estão registrados direitinho lá na igreja. Aqui se usa registrar com o testemunho dos vizinhos.

– É a melhor maneira, nunca dá briga. Seu Chiquinho, sei que o senhor é um homem de bem, acredito no que o senhor está me dizendo, acho que estamos muito perto de fechar o negócio. Amanhã decido tudo.

Como de hábito, a vida no engenho começava até mesmo antes do canto dos passarinhos. Saíram só os dois, o coronel Silveira e seu Chiquinho, montados em dois cavalos castanhos gordos, muito bem arreados. Eram as montarias exclusivas de seu Chiquinho e dona Amália.

– Há bastante tempo não monto um cavalo de passada tão boa quanto este. Como ele chama, seu Chiquinho?

– Quem botou o nome nele foi a Amália. É Delicado.

– O nome empata com o cavalo. É mais macio que pena de ganso.

– É, coronel, tenho pouca coisa, mas o que tenho é bom – replicou prontamente seu Chiquinho. – Estou vendendo o engenho de porteira fechada, o que quer dizer que Delicado vai no meio.

– E se nós não fecharmos o negócio do engenho, o senhor me vende o Delicado?

– Ah, coronel, a Amália tem mais ciúme desse cavalo do que de mim. Compre tudo que ele vai no meio. Vamos continuar percorrendo as terras – desconversou seu Chiquinho, sentindo que o coronel se apaixonara pelo cavalo. Sem dúvida, Delicado seria uma ajuda na venda do engenho.

– Esse riacho seca na estiagem, seu Chiquinho?

– Há vinte e sete anos moro aqui e nunca vi ele baixar a correnteza. O senhor pode apear do cavalo e beber a água que é pura. Ela nasce no pé daquela serra que está dentro do nosso engenho.

– O senhor tem algum problema de terra com os vizinhos?

- Tinha com um, mas felizmente ele morreu.
- Morreu de quê, seu Chiquinho?
- Não sei não senhor: deitou bom e acordou morto. Só Deus sabe.
- O senhor pagou o enterro?
- Eu me dava bem com a viúva, ela pagou tudo.

Capítulo 8

A cerca da Alice

Foi mesmo uma morte misteriosa. Com o tempo as coisas foram tendo explicação e eu mesmo estava enquizado com a história que me contaram.

O seu Joel era, como ele mesmo se chamava, um homem de cara amarrada, sempre reclamando que o meu gado, e olhe que era uma porcaria, umas cinco cabeças, enfiava a cabeça na cerca e aparava o capim verde do lado dele. Eu dizia: “Seu Joel, mas o que eu posso fazer?” “Eu não sei não, seu Chiquinho. Tenho pouco pasto e não posso ficar vigiando, porque vendo umas mercadorias por aí fora e pagar um empregado só pra isso é muito caro.” “Seu Joel, vamos combinar o seguinte: a cerca é sua, mas não me incomode de botar mais um fio de arame e vamos esperar para ver se dá certo. Com mais um, acredito que fica tudo resolvido.”

Lá um belo dia, apareci com um empregado, os três rolos de arame farpado, uns dois quilos de grampo e martelo. Fui até a casa de seu Joel, mas ele não estava e quem me atendeu foi a mulher, dona Alice. Depois dos cumprimentos, perguntei pelo marido.

– Ah, achar o Joel em casa é difícil. Esse homem anda mais do que má notícia. E se o senhor me perguntar por onde ele anda e quando chega, também não sei. Me larga aqui sozinha com muita coisa pra fazer, não temos empregado, tudo é comigo. Nem filho ele quis. Ou quem sabe, não pode. O senhor pode começar o serviço. Tem quem lhe ajude?

– Veio comigo um empregado, mas ele não pode ficar todo o tempo porque tem que fazer muita coisa lá no engenho antes que escureça.

– Se o senhor quiser, eu preparo o almoço pra vocês dois.

– Obrigado, já viemos prevenidos pro almoço. Mas se eu ficar até mais tarde, aceito um café de duas mãos.

– Como é café de duas mãos?

– O café acompanhado de alguma coisa pra se mastigar.

– Eu não conhecia esse jeito de falar.

– Eu também não. Foi um rapaz lá das bandas de Goiás que falou isso e achei interessante. Aceito o seu oferecimento lá pro fim da tarde porque quero aproveitar o tempo. Já vi que tem uma estaca podre que tenho de trocar, senão não adianta o trabalho que estou fazendo.

– Já vi que o senhor é dos meus, só gosta de serviço bem feito.

– Sou mesmo, dona Alice, serviço meu é no capricho.

Às três horas da tarde, seu Chiquinho mandou o empregado para o engenho e logo a seguir dirigiu-se à casa de dona Alice. Não foi preciso chamá-la porque, debruçada na varanda, acompanhava a sua chegada.

– Vim aceitar o seu oferecimento.

– Entre e vamos logo tomar o café antes que ele esfrie. Dona Alice, a senhora não tem medo de ficar sozinha sem empregados?

Já me acostumei e passo dias e noites aqui sozinha. De companhia boa tenho um cachorro chamado Ducan que de noite é uma fera. Ele dorme aqui na varanda. Só eu ou Joel passamos a mão nele. De dia amarro ele na varanda e de noite solto. Ele dá umas voltas na casa, mas não se afasta de minha janela. Só com a chuva é que ele vai pra varanda. Confio mais nele do que no Joel.

– O seu café está muito bom. Foi a senhora que fez esse queijo de coalho?

– Tudo aqui é feito por mim quando o Joel está viajando. E todo mês é mais ou menos quinze a vinte dias que ele passa fora. Já estou acostumada, mas me sinto muito só. Por mim o senhor ficava muito tempo fazendo essa cerca.

– Pela cerca não, mas por sua companhia tão agradável, acho que vou refazer ela toda.

– Não se preocupe, estou brincando.

– Até gosto também de uma prosa engraçada, que é para tirar a gente de só falar coisa séria.

– Dizem que quem sorri muito fica mais bonito. Eu já não sou essas belezas, sozinha o tempo todo, sempre esperando, termina deixando a gente triste e com raiva de quem é o motivo da tristeza.

– É, dona Alice, a senhora tem razão. Me dê licença, que daqui a pouco está na hora de voltar para o engenho. Como estou a cavalo, gasto menos de uma hora daqui até lá. A senhora conhece o nosso engenho?

– Já passei por lá e já conhecia o senhor de nome, só que eu pensava que fosse mais velho e sem jeito. Mas tou vendo que não.

– Amanhã tou aí de novo pra continuar o serviço.

– Não quer almoçar amanhã comigo?

– Não, obrigado. Vamos deixar lá pro fim da semana porque venho só e mesmo porque o cabra que veio comigo nunca sentou numa mesa, nem usou toalha com prato e talher. Ele come com a mão. A senhora sabe como é.

– Ora se sei. Fui criada vendo isso.

– Na próxima semana não vou mais precisar de ajudante e sempre passo por aqui beirando sua cerca, à procura de alguma rês que dou falta.

– Pois quando chegar até aqui será bem recebido, mesmo que Joel esteja. Por falar nisso, ele está com quatro dias de viagem e me disse que precisava ir até Garanhuns, comprar muita coisa boa e barata pra vender pelo caminho de volta. Na ida ele vende mais cereais e na volta ele vem com muita coisa, como pó-de-arroz, brilhantina cheirosa e roupa de mulher. É um homem muito cavador. Por isso mesmo só pensa em negócio e dinheiro. Mas o senhor sabe que a vida de um casal não pode ficar girando só nisso. Tudo tem seu tempo e sua hora.

– É, dona Alice, a vida tem suas complicações.

– Tire o dona, seu Chiquinho.

– Então tire também o “seu”. É mesmo, dona e seu parece que abre uma vala entre duas pessoas que, às vezes, estão tão próximas que nem o vento passa pelo meio.

– Chiquinho...

– Alice...

Passou pela cabeça dos dois pronunciar os respectivos nomes ao mesmo tempo.

– Vamos festejar tomando um suco de laranja-cravo, doce como mel, de um pé que tenho no oitão de casa.

– Alice, acho bom você não me tratar com tanta delicadeza, porque assim não vou querer sair mais daqui, quer dizer, só quando o Joel estiver pra chegar.

– É, Chiquinho, o Joel muda de vida ou vai ter que se abaixar para passar nas portas.

– Alice, me dê licença porque preciso fazer algumas coisas na cerca.

– Esteja à vontade, Chiquinho.

– Amanhã, pra compensar, vou chegar mais cedo.

– Traga almoço só pro seu ajudante porque vou preparar um capão na cabidela pro nosso almoço. Não sei do seu gosto no tempero...

– Gosto que carregue a mão no cominho.

Dia a dia as relações mais se estreitavam. Da cordialidade à intimidade foi só um passo.

– Alice, este frango que você fez na cabidela, está bom demais. Fez lembrar-me de quando eu era menino e minha mãe fazia frango, galinha e até paturi na cabidela. Mas a especialidade dela era um paturi assado no forno de lenha com a própria gordura que ia se derretendo aos poucos. Você vai me desculpar, mas cada um tem sempre lembrança de coisas feitas pela mãe que parece escondido dentro da cabeça e que, de vez em quando, aparece na nossa frente.

– Olhe, Chiquinho, de tudo que a minha mãe fez, só não gostei de me ter forçado a casar com o Joel.

– Alice, só a morte não tem jeito. Você ainda é moça, disposição pra trabalhar, bonita...

– Não sei não...

– Tenho certeza de que se você fosse solteira ou viúva, muito homem, mesmo casado, arrastava a asa pru seu lado.

– Deixe disso, Chiquinho. Tenho mão grossa do trabalho pesado e pé coscorento de andar descalça, mas também pra que andar toda alinhada? Do jeito que ando, tá bom demais pra cuidar de galinha, porco, bater roupa na tábua lá no riacho, trabalhar um pouco na minha roça... E raramente passa uma pessoa por aqui.

– Alice, não se descuide, todo mundo gosta de passar um olho e depois, às vezes, com pessoa que nem conhece, comentar o que viu de bom e bonito.

– Ah Chiquinho, diga aí o que tenho de bom e bonito.

– Você tem muita coisa bonita e de bom. Por enquanto, só provei a cabidela.

– Não seja engraçado. Não estou falando de comida.

– Ah, o seu coração.

– Taí, você sem querer disse uma verdade: meu coração é bom e grande. Dificilmente me enjôo de uma pessoa e facilmente me derreto por delicadeza e carinho. Acho mesmo que todo mundo é assim.

– Não sei não, Alice, mas cada um tem um ponto pra se derreter. Quando Joel chegar da viagem, vai encontrar tudo pronto e mais uma porteira que vou abrir, bem em frente da sua casa, que é pra facilitar a ida à feira de Roçadinho, toda semana. Sei que o caminho desviando do meu engenho aumenta a distância de meia légua. Passando lá por dentro é muito mais perto e até vai facilitar as viagens do seu marido.

– Chiquinho, quando você acabar esta cerca, não vai mais aparecer por aqui?

– Ora, Alice, e pra que é essa porteira?

A relação entre os dois tinha ultrapassado a linha da cordialidade e ambos procuravam estreitar a intimidade. Os intermináveis arremates no serviço de Chiquinho fizeram com que Joel retornasse da viagem e o encontrasse ainda tendo muito que fazer.

Foi o próprio Joel que num final de dia, com forte chuva, convidou Chiquinho para pernoitar em sua casa. Depois da ceia, às oito da noite, Alice disse ao marido que levasse seu Chiquinho ao quarto de hóspede.

Criado o precedente, Alice, ao dar boa noite à visita, acrescentou: "A casa é sua."

Ao se dirigir para o quarto, Joel agradeceu a Chiquinho a colocação da porteira que muito facilitaria as suas viagens, como também à Alice nos seus dias de feira.

– Tenho por hábito seguir a regra do bom viver com meus vizinhos – foi a resposta de seu Chiquinho às palavras de agradecimento do Joel.

Decorridos cinco dias, novamente Joel pôs o pé na estrada, como sempre a mercadoria transportada por uma mula e, ele, montado em outra, com dois grandes alforjes contendo a roupa de uso necessária e também mercadoria, aproveitando espaço. Alice não se conformava com a solidão.

– Será, Joel, que você não dá um jeito de viajar menos ou mesmo arranjar outro meio de vida?

– Agora já é tarde para eu encontrar outro negócio que me renda tanto quanto esse. Tenho já a freguesia certa, que quando não me paga na hora, é certo na vez seguinte.

– Mas você não precisava ir tão longe, como Garanhuns, porque no meio do caminho tem um grande comerciante chamado Chianca que tem tudo pra vender e por preço muito bom. Seu Chiquinho me contou que uma vez por ano ele vai lá e compra um estoque pru ano inteiro e mais barato do que em qualquer outro lugar.

– Seu Chianca é um homem rico, negocia com tudo que o povo compra e ele se abastece no Recife. Com a linha de ferro, que passa perto de lá e pára na estação de Glicério, onde faz baldeação para Garanhuns, ele descarrega as compras, bota em cima da burrama, que já está esperando, e mais umas duas horas tá colocando tudo nas prateleiras. Olhe, Alice, não dá mais jeito de mudar o meu comércio.

– Por quê?

– Tenho muitos compromissos pelo meio do caminho que não posso mais mudar.

– Que compromissos são esses?

– Lugar onde durmo sempre, onde os animais têm bom trato, fregueses que me esperam, pensão onde já tenho tudo arrumado...

– Como é o nome da dona da pensão?

– Você agora me pegou.

– Peguei como, Joel, se você passa mais tempo pra lá do que pra cá e não sabe o nome dela... Quem não sabe o nome do hotel quando viaja! Nome de pensão é o nome da dona.

– Ah lembrei, é Laura.

– Ela é velha ou nova?

– Vá lá perguntar a ela. Você quer saber duma coisa, Alice, não tou aqui pra mulher tomar conta da minha vida. Faça a sua obrigação que eu faço a minha.

– Tá bem, Joel, vou fazer a minha obrigação e um pedaço da sua quando você anda pelas estradas.

– O que você quer dizer com isso?

– Quero dizer o que disse e você que entenda...

– Bom-dia Alice.

– Bom-dia Chiquinho. Apeie, quero lhe falar. Entre.

– Estou à sua disposição.

– Acho que o Joel tem uma história com a dona da pensão onde se hospeda nas viagens que faz. Eu queria que você me arranjasse uma pessoa da sua confiança que se hospedasse na tal pensão e me tirasse a dúvida.

– Não é muito fácil, mas se tratando dum pedido seu, pra mim é uma ordem. Pra quando você quer?

– Ele saiu hoje de madrugada. Como ele vai negociando pelo caminho, e tangendo dois animais, demora muito. O que ele faz em três dias, um cavaleiro escoteiro faz num dia só.

– A pessoa eu tenho, mas preciso arranjar um animal emprestado, porque o Joel conhece meus animais de montaria. Mas isso é fácil, ali mesmo em Roçadinho arranjo o animal e, se houver dificuldade, compro um só pra lhe servir.

– Pois olhe: o lugar da pensão se chama Coqueiral e a dona se chama Laura. Ele me disse que é a Pensão da Laura. Se ela fosse mais pra velha do que pra nova ele chamava de dona. Ela deve ser mais pra nova, regulando a idade dele, uns trinta e oito anos. Esse lugar chamado Coqueiral fica antes de Glicério quatro léguas.

– Qual é a história que você quer saber?

– Ah Chiquinho, não se faça de inocente. Quero saber se ele dorme com ela. Pela conversa e pelo jeito se vê logo tudo.

– Deixe comigo. Antes do seu marido chegar, você já estará sabendo de tudo.

Três dias pra lá, dois na pensão da Laura e três dias de volta, Chiquinho, com todas as informações e com detalhes, apressou-se. Na mesma hora que ouviu toda a história do emissário, dirigiu-se à casa de Alice, confirmando as suspeitas, enriquecidas com detalhes.

– Já sei o que vou fazer. Ele me botou chifre eu viva, mas eu vou esperar que ele morra. Vou esperar pouco. Ele sempre chega com desculpa que tá doente e eu que agüente fazendo chá, descobrindo o que faz passar dor de cabeça ou uma dor no peito que responde na pá esquerda. Vou entupir com chá de tudo que é mato pra ele ficar bom ou adoecer de vez.

Quanto mais a consciência de Joel pesava, mais graves eram os males contraídos na viagem. Mas, desta vez, Alice misturou folhas com raízes e cascas de plantas ditas curandeiras, inclusive jaracatiá. A cada pedido de água por ter sede, ela lhe dava uma caneca cheia que ele, sem perguntar, bebia. Os efeitos foram sono e falta de apetite.

Não demorou muito tempo o corpo foi levado numa rede para o cemitério de Roçadinho, por coincidência um dia de feira. Lá estava o padre, que encomendou o defunto, o sino deu dez badaladas e o enterro foi consumado. A viúva estava toda vestida de preto, um rosário pendurado no pescoço, a cabeça coberta. Sob os olhares penalizados, aos que perguntavam sobre a causa da morte, a resposta era pronta:

– Só Deus sabe, deitou, pediu um chá, dormiu e quando acordou estava morto.

Delicado ajuda a fechar o negócio

– Seu Chiquinho, estou vendo que o senhor dividiu o engenho em pastos para os animais e parte para plantio da cana, mas não vi gado nem cavalos.

– Coronel, este engenho é um brinco, tudo nele é bom, mas é preciso capital para mexer com tudo ao mesmo tempo. Aí foi que caí na arapuca e estou precisando vendê-lo.

– Todo negócio é assim, seu Chiquinho, sempre tem um gargalo. Quem não se cuida é engolido. Que curral é esse aqui em cima da serra?

– É também do engenho, mas como precisei vender todo o gado, o maxixe-brabo foi nascendo e tomou conta da cerca e até da porteira.

– Quais são os seus credores?

– A conta a pagar é grande, mas credores são só três: Seu Ioiô da vila Piquete, a pouco mais de uma légua daqui, o coronel Lyra, que tem muitos engenhos na Lage e o coronel Lelê.

– Dos três, conheço bem o coronel Lyra e o coronel Lelê. Esses dois são muito ricos. Por que o senhor não fez negócio com eles?

– São ricos porque são espertos. Estavam sabendo que eu não podia pagar tão cedo esse dinheiro, mas mesmo assim me ofereciam mais e eu, com a corda no pescoço, pegava sempre mais um ou dois contos de réis. Até que um dia – faz dois meses – o coronel Lelê mandou-me um recado que tinha um bom negócio pra mim. Fui lá. Conversa vai, conversa vem e nada de negócio. Pra não perder a viagem, perguntei: “Coronel, qual é o bom negócio que o senhor tem pra me fazer uma proposta?” “O negócio que o senhor pode fazer comigo abre o caminho pra mesma negociação com o coronel Lyra. O senhor, seu Chiquinho, sabe, naturalmente, quanto deve a seus credores. Compramos o seu engenho, descontamos a sua dívida, ainda lhe damos dois contos de réis e mantemos o senhor morando onde está, administrando o nosso plantio de cana. Eu e o coronel Lyra já nos acertamos entre nós. A dívida com o comerciante de Piquete é muito pequena, essa o senhor liquida com parte do dinheiro que vai receber.”

Seu Chiquinho faz uma careta, enquanto relembra essa conversa: – “O senhor me desculpe, coronel Lelê, ficando de empregado, no meu próprio engenho, é passar de ganso a pato. Fico agradecido ao senhor pela proposta, mas vou pensar.” Tive o mesmo sentimento de quando uma vez caí da cumeeira da minha casa trocando umas telhas. Caí, quebrei um pé e tive de ser carregado pelos outros. Sabe, coronel Silveira, eu iria perder o engenho, ficar sem dinheiro e ainda arranjar dois patrões duma só vez.

– Seu Chiquinho, já estamos há mais de quatro horas andando, subindo ladeira, descendo ladeira, vendo o que precisava ver. Ainda bem que estou montado no Delicado, que é macio como uma almofada.

Não sou homem de regatear, não sou rico às custas da pobreza dos outros. O negócio está fechado pelos trinta e sete contos de réis.

– A sua fama não é à toa, coronel.

– Este engenho estou comprando para a minha filha e seu marido dentro de, no máximo seis meses, para aproveitar as chuvas do plantio. Vamos para a casa da sede e lá acertamos os detalhes do pagamento.

– O que aconteceu, seu Chiquinho, que tanto demorou? – perguntou dona Amália, que os aguardava visivelmente preocupada. Sentada na cadeira de balanço na varanda, ela vigiava o caminho até a altura da curva, distante um quilômetro.

– Nada não, Amália, foi porque o coronel gostou tanto do Delicado que chegou a me dizer que se não fizéssemos negócio com o engenho, queria fazer com o seu cavalo. Respondi logo que só com o engenho de porteira fechada eu venderia o Delicado.

Certificando-se de que o coronel não estava ouvindo, dona Amália resmungou baixinho:

– Ah, seu Chiquinho, e onde vou arranjar outro cavalo igual a Delicado?

– Eu já tenho em vista um pampa do seu Eulálio na vila de Canastra que dizem ser tão bom quanto o Delicado – consolou seu Chiquinho.

– Eu só quero ver. Peça ao coronel Silveira para deixar o cilhão, porque já tem o meu jeito de montar.

– O coronel é um homem fino e, quando eu falei que o seu cavalo ia ao negócio, ele foi logo dizendo que montaria é toda pessoal e por isso os arreios ficavam conosco. Mulher, console-se, o Delicado nos ajudou a fazer um grande negócio.

Engenhocas e bangüês

– Só pau grande dá sombra, coronel. Por isso eu quero ficar perto do senhor. Com esses dez contos de réis e mais alguma coisa que tenho, vou comprar uma terrinha pegada a Roçadinho, plantar cana e moer de meia com o senhor. Não queira saber como o meu coração está por dentro, ter que vender tudo para pagar as dívidas, limpar meu nome e começar de novo. Mas é uma honra fazer negócio com o senhor – confessou humildemente seu Chiquinho.

– Pretendo mesmo aumentar a área de plantio de cana. O senhor fornecendo de meia é uma maneira de aumentar – concordou o coronel.

Em Pernambuco, já havia algum tempo que os engenhos, mesmo os de bangüê, sempre que havia uma grande safra, compravam das engenhocas toda a produção. Era uma maneira esperta de evitar concorrência e parecer ao comprador no Recife que era um produtor de peso. O bangüê é como eram conhecidos os antigos engenhos de açúcar, movidos por grandes rodas d'água. Mas era também o nome de uma espécie de padiola feita de cipó trançado,

onde dois homens carregavam o bagaço que saía da moenda até o terreiro do engenho, a bagaceira, para os animais comerem. As engenhocas eram pequenos engenhos, mais rudimentares, manjarras movidas por bois ou éguas, em que se fazia aguardente, além de rapadura e açúcar.

Uma das dificuldades dos donos de engenhocas para venderem a produção no Recife era o analfabetismo. A comunicação era toda feita por carta, e ler era um privilégio. Por isso os donos de engenho tinham que saber ler e mantinham um professor em sua propriedade, instruindo os filhos homens, principalmente. Poucas mulheres aprendiam a ler e escrever. O coronel Silveira era um homem muito instruído para a época. Dominava a melhor maneira de administrar suas propriedades, ligeiros conhecimentos de medicina caseira e tinha até alguma preocupação com seus escravos. Prevendo a abolição da escravatura com uns cinco anos de antecedência, deu início, por conta própria, a um tratamento mais suave, alforriando quem desejasse, desde que continuasse no trabalho do engenho, naturalmente por simbólica remuneração. Mas tomava a precaução de movimentar seus escravos entre os trinta e três engenhos, para evitar conluios. Como não tinham direito a visita, deixava que revezassem famílias inteiras. Só vendia um deles quando, por alguma razão, começava a perder os dentes. Porque aí passava a comer mal, emagrecer, diminuir no trabalho. Então passava adiante por qualquer preço.

Seu Chiquinho não conhecia o governador da província para negociar o preço do seu açúcar, tinha que aceitar a oferta dos almocreves. Na época da safra, mal o pão de açúcar escorria o mel de furo, começava a chegar a burrama dos almocreves, querendo comprar pelo preço lá embaixo. O mel de furo – aquele que se forma no fundo do pão de açúcar e é mais ácido – em geral só é usado para garapa dos animais. Nessa hora, ficava difícil saber a quem vender o açúcar, às vezes eram quatro ou cinco

burramas, outras vezes se esperava por melhor preço e não vinha mais ninguém.

– Até parece que eles combinam a quem vão derrotar, levando à quebradeira – queixava-se seu Chiquinho.

Por isso ele estava sinceramente grato ao coronel, por ter fechado negócio pelo preço que ele pediu, sem regatear. E com a garantia da honradez de um homem para quem um fio de barba, ou o compromisso lavrado na igreja, era tudo a mesma coisa.

– Coronel, eu estava pensando que o senhor podia ficar mais alguns dias pra conhecer a vizinhança, tomar do café dos Mondés, aquele especial que o senhor já provou, um banho na cachoeira que move a roda d'água do engenho, acordar com o raiar do sol ouvindo o canto dos sabiás, comendo laranja-cravo junto à cozinha... Isto aqui é tão bonito ao amanhecer, coronel, que parece que Deus está criando tudo de novo. Se o senhor aceitar, eu quero lhe oferecer uma festa. E ainda chamo o Patativa, o maior cantador daqui da redondeza, que no som das cordas da sua viola faz até moça no caritó chorar de paixão.

– Seu Chiquinho, diante de tanta amabilidade, vou ter que adiar minha partida, mas só por poucos dias. Lamento o trabalho que vou dar a dona Amália.

Capítulo 11

Patativa faz a festa

Foram dois dias e duas noites queimando lenha para os preparativos. Seu Chiquinho se encarregou de convidar a vizinhança. Dona Amália, assim que recebeu a ordem do marido, mobilizou seu pessoal e distribuiu as determinações.

– Quero dez capões mortos e pelados, cinco para assar e cinco de cabidela, mais dois bacorinhos e dois carneiros para assar e me tragam um tacho do engenho para fazer uma buchada. Quero também três perus de escova e cinco paturis. Não pode faltar caldo de cana, laranja-cravo, um saco de ingá e outro de pitomba. Amanhã eu vejo o que falta. Você, Pretinho, logo cedo pegue dois cavalos – não bote a mão em Delicado –, ponha as selas, vá à casa de Patativa e traga ele no cavalo que você vai puxando. Diga que ele vai tocar e cantar para o coronel Silveira de Água Preta de Pernambuco. Vá.

No segundo canto do galo todas as providências estavam tomadas. A casa de farinha também funcionou direto, preparando tapioca com a goma e a massa puba para o bolo manuê, depois assado no forno, enrolado em folha de bananeira. Um fogão foi

só para cozinhar as pamonhas, a canjica e o cuscus de milho. Como era inverno, época da chuva e do milho, a canjicada foi servida o tempo todo, sempre à volta da mesa enorme, repleta de convidados. Do curral veio a nata do leite. Dona Amália mandou tirar da despensa o queijo de coalho e o requeijão-manteiga. Não faltou a aguardente e o mel de urucu para fazer o cachimbo.

Ao meio-dia, a festa estava rolando quando chegou o Patativa, a maior atração da festa depois do coronel Silveira. O cantador era de Piquete, a duas léguas de Roçadinho. Ele era famoso em toda a região, presença indispensável numa festa para alguém tão importante. Foi logo tirando som da viola e cantando:

Bom dia minha gente de Roçadinho
Pro coronel Silveira tiro o chapéu
Meus cumprimento pra seu Chiquinho
Pra dona da casa, um anjo do céu.

Coronel Silveira vem pras Alagoa
Tudo vai mudar,
Ninguém vai ficar à toa
Tatu vai subir em pau,
Preguiça navegar em canoa
Carreiro não tem descanso,
Vai dormir na bagaceira

Ladrão de cavalo pega o oco do mundo
Lavadeira bate roupa noite e dia
As rapariga vão rezar na sacristia
Cabra safado em buraco fundo

Agora me dão licença
Vou tomar uma lapinguaxada
A goela já tá seca
Tou com voz de taquara rachada
Quando começar
A trinar minha viola,
Com licença dona Amália,
Vou até de madrugada.

E foi mesmo. Apesar da alegria da ocasião, a importância do coronel dava uma certa solenidade à festa. Todos os vizinhos estavam acompanhados das esposas. Ninguém pensou em dançar ou cantar, como nas festas populares. Mesmo a bebida, foi consumida com moderação. E só pelos homens, as mulheres nem pensar.

Passada a meia-noite, hora mais que tardia numa fazenda, o coronel Silveira deu um discreto bocejo. Foi o sinal para os convidados começarem a se despedir. O coronel se recolheu satisfeito, já pensando na viagem de volta.

Capítulo 12

Água só corre pro mar

– Inocência, minha filha e meu futuro genro é que vão morar no engenho Roçadinho, mas podemos nos considerar agora praticamente vizinhos.

O engenho Taquara, do coronel Inocência, ficava a pouco mais de duas léguas de Roçadinho. Foi lá que o coronel Silveira pernitoiu no primeiro dia da volta, em que acordou tarde.

– Meu administrador, Eusébio, disse que o senhor fez muito bom negócio – comentou o anfitrião, satisfeito com a gentileza do amigo.

– Acredito que sim. O homem estava com a corda no pescoço. Procurei aliviar para não perder a oportunidade. Segui o conselho do governador, de me espalhar para as Alagoas que valia a pena. Na minha primeira viagem ao Recife, irei ao palácio comunicar a ele a compra que fiz.

– É, coronel Silveira, eu aqui a menos de três léguas e comi mosca. O senhor vem de longe e faz um bom negócio. O ditado é que está certo: a água só corre pro mar. Mas é uma alegria ter o senhor ou seu futuro genro como vizinhos e amigos.

– Pois é, eu, com esse negócio de mais de trinta engenhos, vivo como um errante. É verdade que tenho de compensar o sacrifício de não dormir mais de duas noites em cada engenho. – E baixando a voz: – Dona Beatriz está na cozinha?

– Está cuidando da janta – respondeu o coronel Inocêncio.

– É o que lhe digo, coronel, com trinta e três engenhos, preciso montar mais de uma família. De uma bordoadá só mato duas preás: resolvo meus problemas e amparo com conforto todos os meus filhos. Para isso tenho que impor respeito e não permito que se toque no assunto. Da porta pra dentro é uma vida, da porta pra fora é outra e só eu falo sobre ela quando quero.

– Por falar nisso, como vai dona Maria Francisca? – perguntou Inocêncio para ser gentil, referindo-se à esposa oficial, casada com o coronel Silveira debaixo da bênção do Bispo de Olinda e, como tal, com direitos especiais.

– Vai muito bem, obrigado.

Todo mundo sabia que o engenho onde o coronel Silveira morava era o Barra do Dia, em Água Preta. Ali tinha seus cavalos de sela, charretes, uma vacaria de primeira, para abastecer todo o engenho, dois jumentos vindos da Espanha, raça andaluz, para reproduzir com éguas de origem árabe, também vindas da Espanha; enfim, todo o necessário para a família, os empregados e os escravos.

Depois de conversar algumas amenidades e de aceitar uma refeição ligeira, o coronel pediu licença para se recolher cedo, porque queria andar de quinze a vinte léguas no dia seguinte.

– É muita légua, coronel, os animais agüentam? – perguntou o anfitrião.

– Saindo muito cedo, lá para obra de nove horas paro na beira dum rio, apeamos, damos banho nos animais e um litro de

milho a cada um e aí podemos viajar até o sol quebrar. Com mais um dia assim espero chegar.

– Que Deus o acompanhe – desejou-lhe o coronel Inocêncio.

Foi mais fácil do que o coronel pensava. No segundo dia, ainda com mais de uma hora de sol, ele chegou ao Barra do Dia. Foi quase uma festa a chegada. Todos da família estavam na ampla varanda que contornava a casa, repleta de cortiços de mel de abelha uruçú. Na bagaceira – área em torno do engenho onde se espalha o bagaço da cana – estavam o mestre-de-açúcar, alguns escravos, os carreiros, os cambiteiros e trabalhadores do eito. Os cambiteiros são os condutores de animais que levam cambitos, ganchos de madeira que servem para o transporte de lenha ou cana.

A autoridade do senhor de engenho era tanta que ninguém lhe dirigia a palavra sem ser chamado, sabedor de que ele mandava até sobre a vida e a morte, se necessário. Também de acordo com as normas previamente ditadas pelo coronel, a população de um engenho não podia visitar outro engenho do mesmo proprietário, para evitar entendimentos ou mal-entendidos. Apesar da excitação em torno da chegada do coronel, ninguém interrompeu o trabalho.

Depois de instalado na varanda, o coronel ouviu de dona Maria Francisca as novidades e chamou o administrador para tomar pé no acontecido durante sua ausência. Ao término da escuta de todos os ocorridos, recomendou silêncio absoluto e que ninguém interrompesse seu descanso. Dona Maria Francisca armou a rede branca na varanda do oitão direito, para o coronel recuperar-se do cansaço da viagem.

No dia seguinte pela manhã, dirigiu-se ao engenho das Moças, para ter um longo entendimento com Rogério. Na varanda

do engenho foi recebido por Donana, tendo ao lado as três filhas. Após as demonstrações de alegria, ouviram um sucinto relatório da viagem. Ele também ficou sabendo de algumas novidades ocorridas na sua ausência.

– Hoje vou dormir aqui, mas preciso conversar muito com Rogério. Antes de qualquer conversa, quero ouvir de Tauã se está mesmo disposta a casar e ir morar em Alagoas, num engenho que fica a três compridos dias de viagem daqui.

– Meu pai, com o Rogério vou até para o inferno.

– Não precisa de tanto, até o purgatório já servia – divertiu-se o coronel. E voltando-se para a mulher: – Donana, tire o jantar mais cedo porque preciso de umas duas horas para conversar com Rogério.

– Às cinco tá bom, coronel?

– Um pouquinho mais cedo, porque quero ir pra cama às sete da noite e não quero ouvir barulho.

– Mãe Preta, vá até a casa de Rogério e chame ele pra jantar aqui em casa, um pouco antes das cinco horas.

– Sim senhora, sinhá.

Tauã, que escutara toda a conversa, antecipara-se a Mãe Preta que, quando lá chegou, exclamou surpresa:

– Que tá fazendo aí, minina, já pra casa, vou contar à sua mãe!

– Rogério já sabe de tudo, vamos embora.

Capítulo 13

Lidando com a cabroeira

Às quatro horas e trinta minutos lá estava Rogério, com enorme curiosidade para saber da viagem do coronel. O jantar não teve nenhuma novidade, tudo seria dito após e a sós. Ao retirar-se da mesa, o coronel fez um gesto para Rogério e Tauã se dirigirem à sala de visitas.

Depois do relato detalhado da viagem e de como fechara o negócio da compra do engenho Roçadinho, o coronel Silveira pediu para a filha, Tauã, se retirar. A sós com o futuro genro, o coronel assumiu um ar mais grave.

– Você agora vai deixar de ser administrador para ser dono. Preciso lhe passar minha vivência de senhor de terras, habituado com o trato com toda essa cabroeira, principalmente com escravos. É fundamental você incorporar autoridade ao seu próprio nome.

Era uma época em que a Coroa não tinha como manter a ordem e o respeito em todo o território brasileiro. Precisava de uma organização nacional com poderes para isso, sem ônus para ela. Os proprietários de terras tinham interesses coincidentes com os

da Coroa, isto é, manter a integridade dos bens móveis e imóveis. Essa confluência de interesses levou a Coroa a formar a Guarda Nacional, distribuindo graduações semelhantes às do Exército, criado com a guerra do Paraguai. A graduação, que ia de tenente a coronel, dependia do poder econômico do cidadão. Com o tempo, o hábito passou para as próprias pessoas qualificarem a graduação sem designação oficial. Não importava se o posto havia sido dado pela Coroa ou pela populaça. O poder e a autoridade era o próprio senhor quem impunha, pela personalidade e pela ousadia. O coronel Silveira tinha recebido a patente da Coroa.

– De agora em diante, você terá de se impor pela conduta, transpirando autoridade e coragem. Não pode se descuidar em nenhum momento. Só se dirija aos trabalhadores transmitindo ordens ou cobrando resultados. Não tenha gesto ameno, conciliador. Nunca. Todos os atos de bondade, de cordialidade, pratique através das festas de São João e Natal, com fartura de comida e fogueiras. Trabalhe muito. Dê o exemplo. Este é o caminho do sucesso.

E passando às providências práticas:

– No documento da posse do engenho coloque o seu nome e o de Tauã. O nome dela de solteira é Graciliana de Mello Silveira, mas depois de casada será Graciliana Figueiredo Marques de Mello. É melhor tirar o Silveira mesmo, porque se colocar o nome todo das duas famílias, numa linha só não vai caber tudo. O nome do homem vem sempre em primeiro lugar, o padre sabe disso. Seu Chiquinho tem que apresentar os três principais credores dele, com os documentos onde o engenho e as safras são a garantia, e mais os vizinhos de cerca, para confirmar que os limites estão certos e nada têm a reclamar, por isso são as testemunhas do negócio. Seu Chiquinho já entabulou a compra de uma pequena propriedade chamada Bananeiras, vizinha do engenho Roçadinho, e quer passar a fornecer cana para moagem em Roçadinho mesmo,

o que eu acho bom. Ali mesmo, na presença do padre, você pagará todos os compromissos.

Rogério ouvia atentamente as recomendações do coronel, balançando a cabeça, com um ar compenetrado.

– Essa era a conversa muito importante para mim e mais ainda para você. Vamos preparar sua viagem para Roçadinho dentro de quinze dias. Ela será muito mais complicada do que a minha. Será verdadeiramente uma mudança. Vou mandar com você dois cabras da minha confiança para sua proteção durante a viagem. São quarenta contos de réis, porque você deve levar uns três contos e mais o dinheiro da compra. Vinte e sete contos são para pagar as dívidas do seu Chiquinho e dez contos são para ele. É muito dinheiro. Não se descuide nos pernoites, deixe sempre um dos dois acordado tomando conta do baú, com o dinheiro misturado às roupas. Nenhum deles deve saber que no baú tem dinheiro. A sua preocupação é com as roupas e as cartas de apresentação. Vou lhe dar cartas para meus amigos, em casa de quem você vai dormir pelo caminho, sendo que a mais importante será a do seu Chiquinho.

Rogério quase não dormiu naquela noite. Há dois meses havia mandado uma carta para a mãe – que a lia com a ajuda de Joaquim Gomes – contando seus progressos, inclusive a possibilidade de casamento, que imaginara estar ainda distante. Depois da longa conversa com o coronel Silveira, o tempo encolheu rapidamente: de solteiro e administrador empregado, iria se transformar em senhor de engenho casado. Antes de partir para Roçadinho, escreveu nova carta para a mãe, mandando-a aguardar grandes novidades na carta seguinte.

Finalmente, Rogério partiu com uma caravana de dez pessoas, incluindo os dois responsáveis pela segurança do dinheiro, que retornariam tão logo a transação tivesse sido concluída. Rogério fez as suas despedidas e acertou com Tauã que retornaria dentro

de dois meses, para se casarem e juntos viajarem para Roçadinho. A viagem transcorreu sem imprevistos, os pagamentos foram efetuados como se combinara e consagrados pelo padre. Os dois acompanhantes retardaram por mais uma semana a volta por determinação de Rogério, que queria mandar um longo relatório para o coronel Silveira.

A separação de Tauã foi suficiente para Rogério demonstrar por escrito toda a sua paixão, o desejo de casar-se o mais rápido possível e de ter muitos filhos. Mandara também uma carta à sua mãe, que seria enviada de Água Preta, pela próxima caravana de almocreves.

Capítulo 14

Surge o Capitão Rogério

– O tronco vou mandar arrancar. O castigo com relho acabou. Quem trabalhar vai receber o dia trabalhado. O valor do dia depois vou dizer. Só pode ir à casa-grande quando for chamado. Podem me tratar de Capitão Rogério.

Assim começou Rogério a impor a ordem como novo senhor em Roçadinho, diante da cabroeira reunida, seguindo à risca as recomendações do futuro sogro. Apresentou os oito homens de confiança que iriam dirigir todas as atividades do engenho, sob as suas ordens. Não seria admitida desobediência. Falta ao trabalho por estar bêbado teria a punição de trabalhar sem remuneração, pelo tempo por ele fixado. Proibido o uso de faca. Desavença era para resolver com ele ou com o feitor. Queria todo o respeito às mulheres que tivessem homem.

– Corno não fica na minha propriedade – advertiu o capitão Rogério. – As contas de eito serão feitas pelo feitor e não quero ouvir reclamação. A vara de medição é a minha altura mais um palmo.

Rogério referia-se à medição da área trabalhada, normalmente de preparação do terreno para o plantio. O eito, como se fala também da roça em geral, era a lavoura onde trabalhavam os escravos.

– Quem trabalhar no engenho pode levar, por semana, uma garrafa de mel. Garapa na bica pode beber segundo o mestre-de-açúcar, que toma conta da garapa e do mel.

Ao longo de dois meses o trabalho foi duro porque o plantio de cana não podia parar; um resto de cana tinha que ser moído e feito o açúcar necessário para o consumo da entressafra e mais o fornecimento para a vila Roçadinho.

Ao término da moagem da safra, por um mês, todos se empenhavam nas tarefas de manutenção do engenho: limpeza das engrenagens das moendas; substituição das cordas utilizadas no vasilhame de transferência da garapa durante a apuração; rejuntamento, com barro, do forno de aquecimento das tachas; verificação do alambique de cachaça; enfim, uma inspeção geral.

Rogério tinha experiência suficiente para saber que, depois do administrador, a figura mais importante no engenho era o mestre-de-açúcar. Afinal, o sucesso de toda a produção dependia da escolha do momento certo de tirar a garapa da tacha, para colocar na fôrma onde se faz o pão de açúcar. Por isso, desde o primeiro dia, Rogério ficou observando atentamente os ajudantes do mestre que trouxera do engenho das Moças para, dentre eles, escolher o melhor. Logo de início se fixou num rapaz de aproximadamente vinte e três anos e observou-o por quinze dias. Depois de ouvir a opinião do mestre do engenho das Moças, chamou-o à sua casa e lhe disse:

– Venho observando o seu serviço como aprendiz de mestre-de-açúcar e tenho gostado muito. Mestre Joventino vai retornar

para o engenho das Moças, assim que indicar o substituto. Ele tem elogiado muito o seu trabalho. Quero lhe fazer uma pergunta: vosmecê tem coragem e disposição para ser o mestre-de-açúcar do meu engenho?

– Capitão Rogério, quando vim ajudá mestre Juventino, tava sabendo que um dos trei ajudante ia ficá no lugá dele. Cá comigo eu pensei: vô sê o meste. Se vosmincê quisé, já tá falando cum ele.

– Então, Mestre Noberto, dentro de uma semana Mestre Joventino vai retornar para o engenho das Moças, aproveite para aprender o que ainda falta. Outra coisa, trate de se casar que não quero o mestre metido com mulher dos outros.

Decorridos oito dias, o antigo Mestre e mais três dos oito que o acompanhavam voltaram para Pernambuco. Ao chegar no engenho Barra do Dia, Joventino fez um relatório minucioso ao coronel Silveira, ressaltando a disposição de Rogério e a sua rapidez nas decisões.

Sozinho no engenho, o capitão Rogério procurou ampliar o conhecimento de pessoas da vila. Apesar do número pequeno de habitantes, havia várias moças casadoiras. Rogério, farto bigode, bem apessoado, dono de engenho, era, sem dúvida, um forte candidato a príncipe encantado. Mesmo estando de casamento marcado com a filha do coronel Silveira, o poderoso de Água Preta, as moças tentavam uma aproximação. Quem sabe, mexendo com as suaves cordas do coração, obtivessem em algum momento alguma promessa, mesmo marcada de leviandade! Rogério sentia-se totalmente comprometido, não só com Tauã, mas com o coronel, e, agora, com a responsabilidade de tocar por conta própria um engenho. Não havia espaço para escorrego, depois do seu discurso como dono de engenho, chefe absoluto de quase uma centena de pessoas que viviam em Roçadinho.

Na festa do padroeiro, na casa de seu Firmino, a sua filha mais velha, Marilda, sussurrou ao ouvido de Rogério, com quem dançava ao som da harmônica de João Gila:

– Não sou mais bonita do que Tauã?

Por coincidência, naquele instante a harmônica parou e se ouviu: “Viva o padroeiro da nossa Santa Igreja!” “– Viva!” – responderam todos, inclusive Rogério. Marilda ficou sem resposta, como também sem a certeza de Rogério ter ouvido a pergunta.

Enquanto o sanfoneiro se refazia, tomando uns goles de genebra, as moças cercaram o capitão Rogério e lhe cobraram que a festa de São João fosse no seu engenho. Ele se comprometeu, dizendo que até lá estaria casado e teria quem organizasse a festa. Assim respondeu ele a Marilda.

Seu Firmino tomou a palavra:

– Para quem ainda não conhece, quero apresentar o capitão Rogério, nosso vizinho, dono do engenho Roçadinho, aqui da nossa paróquia.

O apresentado agradeceu a acolhida e o convite para a festa, prometendo ser um vizinho cordial e até afetuoso. Com estas palavras, deixou no ar a interpretação conveniente a cada um, insinuando alguma esperança às moças.

Os dois meses entre a chegada a Alagoas e o retorno a Pernambuco lhe possibilitaram muita reflexão. Tinha na cabeça retornar a Cajazeiras um dia, exibindo a propriedade de um engenho e a sua Tauã como troféus. Rogério sabia da importância daquela etapa da sua vida, em que não poderia falhar. À falta de amigos confidentes, compartia com o travesseiro suas dúvidas.

Em poucos dias percorreu as terras do engenho. Visitou, transbordando amabilidade, todos os vizinhos, já conhecidos na

igreja, ou na festa do padroeiro. Tomou contato com todos os moradores da sua propriedade, sempre com uma palavra de melhores dias para aqueles que prestassem bons serviços. Recomendou que a única criação permitida seria a de galinhas presas. A pesca e a coleta de frutas, em toda a propriedade, só com sua prévia autorização.

Cordial, mas incisivamente, fixou as regras do bom convívio, ensinadas pelo coronel Silveira.

Ao lado de Tauã

– Estou aqui para cumprir a minha palavra perante você, seu pai, a senhora sua mãe e a Madre Igreja.

Tauã baixou a cabeça, os olhos se umedeceram, levantou-se, pediu licença à mãe e deu um forte abraço em Rogério. Foi um momento de grande emoção, em silêncio. Em seguida, Rogério abraçou a futura sogra e as cunhadas. Conforme o combinado, Rogério voltara ao engenho das Moças dois meses depois de assumir a propriedade de Roçadinho, para se casar e levar Tauã. Ele deixara por alguns dias o engenho, dirigido por quatro homens de confiança mandados pelo coronel Silveira, e mais Noberto, o novo mestre-de-açúcar. A carta dirigida à sua mãe, dando ciência de todo o ocorrido até a data do casamento, demoraria uns dois meses para ser entregue. Era impossível a presença dela à cerimônia, até porque uma viagem tão longa, com almocreves, só mesmo de mudança.

A antiga casa do administrador estava ocupada pelo seu substituto, o que levou Donana a convidá-lo a dormir num dos quartos de sua ampla casa. Todas as providências estavam tomadas para o casamento ser realizado dentro de quatro dias, como

também a caravana que conduziria os recém-casados até o engenho Roçadinho.

Tauã era a primeira filha natural do coronel Silveira a se casar. Por conveniência do coronel e a conselho do padre, a festa deveria ser na intimidade, para não despertar comentários desairosos. Mesmo assim, Donana fechou questão em torno da cerimônia na capela do engenho para trinta convidados, revestida de suntuosidade, caracterizando o apreço do coronel por ela e suas filhas.

A festa foi refinada, com a participação de cinco moças do coral da igreja. Donana mobilizou as pessoas habilidosas do engenho para o atendimento aos convidados, servidos com as mais finas iguarias e vinhos europeus. As recomendações severas do coronel Silveira não permitiam qualquer tipo de comentário, maldoso ou não, sobre o que se passava em seus engenhos.

E assim se casaram Rogério e Tauã.

Dois dias após a cerimônia, sob as bênçãos da Madre Igreja, Rogério, Tauã e mais os que o acompanharam na viagem de vinda, retornaram a Roçadinho, utilizando os pernoites já conhecidos e recomendados.

Tauã se surpreendeu com a imponência da casa, com a varanda alguns metros acima do nível da cobertura do engenho. Habituada ao dia-a-dia do plantio e da moagem das canas, demonstrou curiosidade e interesse em percorrer as terras e conhecer a vizinhança. Iniciou-se, assim, uma longa história de duas vidas, ligadas pelo amor e pelas responsabilidades da família numerosa que iriam constituir.

Não só o casamento era novidade. A abolição da escravatura, a proclamação da República, o retorno forçado da Casa Imperial para Portugal, as inovações implantadas pelos militares que

depuseram o Imperador, tudo isso criou um clima de insegurança em todas as áreas de atividades. Mas a ausência das novas autoridades, pela inexperiência e pela mudança brusca de métodos, gerou uma expectativa de fortalecimento dos proprietários da terra. Na verdade, a chamada “política dos governadores” pouco mudou o poder dos coronéis, que passaram a garantir o voto de cabresto nas eleições.

No caso do engenho Roçadinho, os problemas com o novo regime republicano praticamente não existiam, porque seu Chiquinho, com dificuldades financeiras, havia vendido todos os escravos. O capitão Rogério já começara a administrar o engenho dentro da nova ordem, e assim iniciou nova modalidade de relacionamento no trabalho. A remuneração tinha por base o que gastaria com um escravo: o pagamento era efetuado através de fornecimento feito pelo armazém do engenho. Era um sistema conveniente ao senhor, que não autorizava os armazéns da vila a venderem fiado, e no armazém do engenho controlava o crédito pelos dias trabalhados.

O capitão Rogério tinha uma situação especial, em relação a outros senhores de engenho: não tinha dívidas a pagar, nem escravos foragidos ou a libertar e dispunha de reservas para preparar uma safra inteira. Em caso de concorrência, ele teria vantagem. Mas num raio de duas léguas não havia concorrentes.

Tauã, com a vivência do engenho das Moças, amparada por Mãe Preta, que ela ainda chamava de Pepeta, formou a criadagem com as filhas de escravas com brancos, que moravam pelas grotas do engenho.

Rogério e Tauã não foram bem sucedidos com o primeiro filho, Natalício, morto com um mês de nascido. Tocaram a vida de trabalho, à semelhança do que se fazia no engenho das Moças, aguardando melhores dias.

Apesar das saudades, as longas distâncias a cavalo e a demora de meses para a chegada de cartas – à espera de portadores especiais ou caravanas de almocreves – mantinham as pessoas desinformadas. As famílias, quando podiam, se agrupavam, constituindo um clã em que se protegiam mutuamente.

Rogério e Tauã, ambos afastados dos parentes, trocavam as experiências trazidas do sertão e da zona da mata. Agora senhores de engenho, serviam de referência para os habitantes da vila e de toda a região. Ela, filha do conhecido coronel Silveira, de Pernambuco e, ele, com o título de capitão.

A safra de 1892 foi promissora como o primeiro rebento a vingar, batizado com o nome de Sebastião, em homenagem ao santo venerado por Tauã. As chuvas eram freqüentes. As caravanas de compradores de açúcar passavam regularmente. O crescimento do comércio da vila facilitava as negociações do açúcar. As cartas enviadas para Cajazeiras e Água Preta tinham sido respondidas cheias de boas notícias e esperanças. As chuvas tinham caído em todo o sertão. Os umbuzeiros estavam carregados, os cajazeiros, para alegria da criançada, deixavam o chão amarelo de frutas, sem precisar atirar paus ou pedras para derrubá-los. As cauãs anunciavam mais chuvas.

Rogério, naturalmente, tinha saudosas recordações. Só que agora suas alegrias eram outras. As responsabilidades não se limitavam ao casamento, mas, sobretudo, ao compromisso de sucesso do engenho Roçadinho, longe da ajuda e da experiência do coronel Silveira. O filho recém-nascido, forte, com ampla testa como o pai, era a própria encarnação da vontade, demonstrada através do rebento, de ir em frente, quaisquer que fossem as dificuldades. Certo dia, ao deitar, olhando Tauã amamentar o fruto do seu amor e esperança, não se conteve:

– Por algum tempo teremos de ampará-lo, mas sinto que, no futuro, os papéis vão se inverter, que Deus o proteja.

Tauã apenas balbuciou:

– Amém.

Ali, naquele instante, à luz do candeeiro de querosene, os dois sentiram a responsabilidade na geração de um filho que, mais do que a continuidade da família, representava segurança mútua.

Histórias de Mãe Preta

– Vô cumeçá uma históra verdadêra e num quero ouvi zoadá, praque era assim que fazia minha mãe – falou Mãe Preta.

Vicência Evangelista do Espírito Santo nunca teve preço, porque jamais foi posta à venda. Nascida em 1814, na zona açucareira de Pernambuco, foi criada em casas de engenho, da cozinha para o terreiro e a senzala. Com cinco anos de idade, comunicativa, negra como azeviche, risonha, dentes alvos regulares, sempre era chamada para as brincadeiras com as patroinhas. Mais um passo e deixou a senzala, passou a dormir no corpo da casa do senhor. Os tempos andaram. Vicência Evangelista adolescente, jovem, adulta, sempre tomando conta das crianças dos senhores, habituou-se ao bom trato e ao conforto. Relegou o casamento, aguardando oportunidade. Casar e voltar para a senzala? Nem pensar. O tempo continuou a passar, Vicência Evangelista tornou-se Mãe Preta para inúmeras crianças, que vieram a ser mães, avós e bisavós.

Mãe Preta ultrapassou o centenário de vida, sempre virgem, por falta de tempo. Enterneceu gerações inteiras com histórias de

escravos nos porões de navios ou fugitivos caçados nas florestas, como animais selvagens. Presenciou os castigos no tronco e as lamúrias dos irmãos negros. Mas também conseguiu, muitas vezes, livrá-los dos castigos, com a sua interferência.

Sua autoridade era quase ilimitada quando a questão estava ao alcance de Tauã. Simplesmente ela dizia:

– Santinha, quero que vosmincê mande fazer isso...

Tauã dava a ordem, na hora. Mãe Preta era, sem dúvida, uma matriarca.

E tinha as histórias contadas por Mãe Preta, nos finais de tarde. Eram onças pintadas que pegavam e comiam os bezerros afastados dos currais. A cobra papa-ovo, que, sem produzir qualquer ruído, retirava os ovos dos ninhos, chocados pelas galinhas. A raposa, que no final da tarde se alojava nos galinheiros, para comer as galinhas quando dormiam. A alma dos escravos mortos pelos castigos, que durante a noite atormentava os feitores. O riacho de águas azuis cheias de peixinhos, que traziam mensagens dos anjos para as crianças.

Mal entardecia, as crianças, aí misturadas brancas e negras, sentavam-se à volta de Mãe Preta, ali comiam e muitas pegavam no sono. Quando a faixa etária dos ouvintes estava acima dos dez anos, as histórias enveredavam pelos sofrimentos dos negros e os sonhos de liberdade. Qualquer história de escravo é sempre triste, porque ele, ou qualquer parente seu embarcado nos navios negreiros, era resultado de lutas perdidas entre tribos, que vendiam os perdedores para o trabalho escravo nas Américas. Mãe Preta não tinha maiores conhecimentos sobre a escravatura, a não ser os sofrimentos presenciados por ela ou relatados nas cantorias negras, cujas letras descreviam os castigos, os trabalhos forçados, o tronco e a morte.

Dependendo do tamanho do navio, embarcavam até trezentos negros numa vez só. Os navios eram à vela – “uns lenço marrado num pau em cima do barco”. Não tinha dia certo para as viagens. Só o vento sabia disso. Os escravos eram empurrados para o porão do navio, todos amontoados uns por cima dos outros. A comida era servida duas vezes ao dia. Todos os dias, ao meio-dia, os marinheiros faziam uma vistória e jogavam no mar os mortos. As doenças que traziam, a comida diferente da que estavam acostumados, o calor abafado, o mau cheiro dos vômitos em consequência de enjôo, a disenteria, tudo isso matava mais do que a peste. Chegar vivo, mesmo vendido no cais do porto como um animal qualquer, era a esperança de cada um. O preço variava em função da idade, da qualidade e número de dentes e da grossura das pernas.

– Dente ruim, vida curta. Perna grossa é siná de prigiça. Andá devagá, num presta, é prigiçoso – explicava Mãe Preta.

Ali na praça do cais, os vários compradores iam escolhendo e separando os negros, formando lotes de dez, vinte ou mais, para em seguida negociar o preço. As relações de parentesco não eram levadas em conta. Naquele lugar e instante separavam-se irmãos, casais, filhos.

A única esperança era a proteção do Zumbi. Esta história, verdadeira para Mãe Preta, para as crianças era de trancoso.

A papa-ovo, o teiú e o lobisomem

– Hoje vô contá a história da papa-ovo – começou Mãe Preta, impondo silêncio à meninada com a cara séria.

Esta cobra não tem veneno e, ao contrário das outras, dorme de noite e caça de dia. Ela é muito observadora e não tem pressa. Ninho de galinha, então, é uma moleza, porque a galinha canta quando põe os ovos e abandona o ninho. Nessa hora, a cobra vem de mansinho e faz o seu banquete. Nos ninhos de passarinho, ela sobe a árvore e fica esperando o passarinho sair à busca de comida.

– Vosmincês tão vendo que ela é priguiçosa e num gosta de briga. Também num tem pressa. Um dia, ela na andança atrás de comida, viu numa loca duma pedrêra uma galinha que num bulia do ninho. A papa-ovo sinroscô e esperô tanto que pegô no sono. – E Mãe Preta faz cara de cobra que dormiu, até roncando.

A galinha estava chocando uma ninhada de dezoito ovos e só saía de noite para beber água. Naturalmente a papa-ovo se

esqueceu que não é só ela que gosta de ovo. Naquele lugar existiam dois animais que gostam de ovos e de galinha também: a raposa e o teiú. Não queiram saber... O teiú, que é mouco, mas tem um olfato muito aguçado, percebeu que a sua concorrente e inimiga estava ali por perto. Não foi difícil encontrá-la, como também saber o que ela esperava.

– Ah! Vou deixar ela dormindo – imaginou o teiú. Rápido como um relâmpago, matou a galinha, comeu os dezoito ovos, chupando por um buraquinho que fez na casca, e levou a galinha para uma grande ceia com os quatro filhos.

Quando a cobra acordou, se esticou toda, abriu a boca para sair o restinho do sono e foi direto ao ninho da galinha. Que surpresa: o ninho vazio, nem sinal de galinha e, ao lado, um montão de dezoito ovos. A papa-ovo ficou radiante, atirou-se sobre os ovos e se viu lograda. De ovo, só a casca. Viu logo que tinha sido o teiú, porque só ele fura a casca e chupa a clara e a gema.

– A cobra prendeu a lição: num pode dormi muito que passa fome.

Mãe Preta deu uma olhada circular, para ver se as crianças entenderam a moral da história. E continuou:

– Vosmincês sabe que teiú num tem medo de brigá cum cobra? Pois ele se defende cum rabo, que é cumprido e cascorento. Se a cobra morde ele cum veneno, ele sai doido pra mata, buscá uma raiz de pranta que cura ele. E vorta pra briga!

E Mãe Preta emenda a explicação de que é da mata que se tira tudo quanto é remédio. Por isso não se deve arrancar planta nenhuma, sem perguntar aos mais velhos se pode.

– Já tive cum bucho grande, cheio de lumbriga. Fiquei boazinha tumando um copo grande assim, cheio da água grossa, dum pau da mata, cum gosto pior do mundo. Esse pé de pau é o jaracatiá. Do mermo jeito que tou fazendo cum vosmincês, expri-cando direitinho, fizero comigo muleca nova. Ói, num precisava nem sabê de lê, era tudo sabido só de ter boa oiça e guardá de cabeça. Já tou vendo gente abrindo a boca. Também tou cum sono. Vamo tudo dormir. Manhã vô contá a históra do bicho lobisome.

– Que bicho é esse, que nunca ouvi falar? – perguntou Madalena, que tinha seis anos, mas era muito faladeira.

– Pois é isso mermo que manhã vô contá.

Antes das cinco da tarde do dia seguinte, a meninada já andava atrás de Mãe Preta:

– Conta, conta a história do lobisome!.

– Só vô começá cum tudo sentado e calado.

– Pronto, tá todo mundo sentado, até eu – disse Madalena.

– Essa históra num é pra mulequinho, é históra de gente grande. Mas é mió sabê logo da verdade do lobisome, que o povo fala muito. Eu só sube dessa história cuns vinte ano. Eu via contá: essa noite correu um bicho grande que nem home, todo cabeludo, cum pareença mais cum bode do que cum gente. Ninguém via nem oio, nem urêia, tinha dois pé, mas às vez curria cum quatro pé, fazendo um baruio como fosse um fungado de gente. Ninguém cunsiagua pegá o bicho, o povo inda dizia que ele murdia quem butasse a mão nele.

– Ele mordia mesmo, Mãe Preta? – perguntou Maria Rita, já mocinha e, por isso, com pouco interesse nas histórias de trancoso.

– Ôxente se murdia! Uma vez que cercaro ele quatro home, um que foi em cima pra pegá a cabeça, levô uma dentada na mão que diz que caiu dois dedo pôde. Diz que lobisome tem veneno no dente pió que cobra.

Todo mundo daquela rua, onde corria o lobisomem, começou a desconfiar, porque ele só corria na mesma rua. O farmacêutico e mais o dono da loja de fazendas, seu Ioiô, pai de Angelina, começaram a observar que ele só corria tarde da noite, quando quase todo mundo estava dormindo. A vila não tinha lampião para clarear as ruas. Era tudo escuro. Notaram também que ele aparecia sempre no mesmo lugar, corria rua afora, pegava a estrada e sumia no mato.

– Ah, já sei o que é o lobisomem: é um macaco guariba que se parece com gente e antigamente dizem que tinha muito por aqui – falou Maria Izabel.

– Né não. Escute só – ordenou Mãe Preta.

Farmacêutico sabe de tudo que se passa na vila. Sabe mais do que o padre no confessionário. Ele sabia que Angelina, moça velha no caritó, já com as pernas tronchas de tanto ficar em pé no balcão, vendendo de tudo, da fazenda boa ao mandapolão e brilhantina, tinha arranjado um namoro com um homem casado. No dia em que o velho Ioiô tinha ido à cidade renovar o estoque da sua loja, o farmacêutico chamou o inspetor de quarteirão e se esconderam no oitão da casa. Quando a noite fechou, os dois, escondidos por trás de uma jaqueira de cem anos, viram o lobisomem entrar pela porta da cozinha e fechá-la em seguida. Armados com pedaços de buranhém bem torcidos, aguardaram a saída do lobisomem. Lá para as dez da noite, o lobisomem abriu a porta da

cozinha, demorou um pouco, para observar e escutar algum barulho, e se arrancou na corrida pelo caminho de volta. Nas duas primeiras cipoadas, o lobisomem caiu e gritou: “Pelo amor de Deus, não façam isso!” Arrancou toda aquela vestimenta, imitando um bicho de quatro pés, que era de couro de carneiro preto.

– Seu Nicolau, o senhor, sacristão da igreja, correndo de lobisomem, assustando toda a vila?

E o sacristão:

– Seu inspetor, depois do padre, nós três somos os mais importantes daqui, vamos deixar esse segredo entre nós. Podemos combinar uma coisa: de agora em diante não vou cobrar nada pelos batizados que tiverem os senhores de padrinho. – E em tom de desculpa: – Eu só vim aqui porque dona Angelina estava assombrada com uns vultos que ela via de noite, antes de dormir, e me pediu proteção.

– É, seu sacristão, mas não precisava roupa de carneiro preto e sempre na ausência do velho Ioiô.

– O padre da paróquia me disse para eu proteger as ovelhas da igreja na ausência dele.

– O combinado tá valendo, seu sacristão, mas é bom cuidar das ovelhas de dia e deixar a noite para elas dormirem. Boa noite.

E Mãe Preta encerrou:

– Vosmincês tão vendo que lobisome num existe, é só mermo invenção! Num precisa ter medo. Todo mundo pra cama. Antes quero tudo passando no terrero pra fazê xixi, que manhã num quero ver cama mijada!

A primeira crise

Às quatro da manhã, ao canto do galo, com a estrela d'alva brilhando no céu, o mestre-de-açúcar, Noberto, todos os dias engrenava a roda d'água nas moendas e dava início à moagem. Havia certa liberalidade na prova da cachaça do alambique, que funcionava noite e dia, mas só o lambiqueiro tinha o direito de se embriagar. Os lambiqueiros se revezavam a critério do Mestre Noberto.

O Capitão Rogério, apesar das recomendações do coronel Silveira de impor suas decisões a qualquer preço, era homem de coração bondoso. Criado carinhosamente pela mãe, sem pai, vacilava por vezes nas decisões com relação à cabroeira do bagaço da cana, agora não mais escrava do chicote e do tronco, mas totalmente dependente do barracão do engenho para sobreviver.

Apesar das saudades do sertão e da mãe, as responsabilidades crescentes com o engenho e a família fizeram com que Rogério nunca pudesse retornar a Cajazeiras. Até que dona Maria de Jesus enviuvou, pela segunda vez. Depois de algum tempo, desfez-se dos bens do seu herói, Joaquim Gomes de Santana, e se transferiu para a vila de Roçadinho, com as filhas. Assim, poupou

o filho de longa viagem e sentiu-se amparada, mesmo com a responsabilidade de numerosa prole.

Rogério e Tauã tiveram dez filhos, sendo três homens. Todas as mulheres tinham como primeiro nome Maria. Apesar de ser filha natural, Tauã fora educada dentro de conceitos rígidos. Ela administrava seu casamento convicta de ser a única. E realmente era. Os conselhos da sua mãe eram no sentido de que a preservação do casamento estava acima de suspeitas de concorrentes e que merecia até mesmo fechar os olhos, uma vez ou outra. O que não poderia acontecer era permitir alguém fazer comentários sobre a intimidade do casal.

O convívio com os habitantes da vila restringia-se a alguns eventos de natureza religiosa, como missas, batizados, casamentos e os festejos de São João. Era a grande festa da vila, com fogos e danças em torno da fogueira. Dentro de casa, para as pessoas mais refinadas, havia doces finos de ovos, aguardente de alambique de barro, guardada em ancoreta de madeira, e alguns vinhos portugueses, presenteados a Tauã pelo pai, quando a festa era no engenho.

O capitão Rogério, homem bonito, vaidoso no vestir-se, de pouco riso, gestos delicados, era uma figura atraente e facilmente se tornava centro de atenções. Tauã observava à distância as moças que se aproximavam do marido, embora não acreditando em nada além de gentilezas. Passados os entusiasmos jovens, de um lado e do outro, a normalidade se assentava em confiança mútua.

Já arrolando o quarto filho, em ano de queda brusca no preço do açúcar, a ponto de não compensar a moagem, Rogério contraiu dívidas, dando em garantia o engenho. A hipoteca representava alto risco de perder a propriedade, o que gerava discussões entre o casal e, em consequência, a quebra da cordialidade. Rogério esperava a recuperação do preço do açúcar para a próxima safra, mas os trabalhos

para a renovação do canavial consumiam lentamente suas reservas financeiras. Desestimulado, preocupado com o insucesso, passou a freqüentar a vila, onde não faltavam boa prosa e florida presença feminina.

Tauã dedicou-se ao trabalho de costura de roupas femininas e masculinas, objetivando suprir as despesas caseiras com seu trabalho. Habituada desde o nascimento com a fartura no engenho das Moças de seu pai, rico e poderoso, mas também conhecendo a pobreza dos trabalhadores da palha da cana, temia perder a situação privilegiada que tivera até então.

Enquanto Rogério aguardava chuvas e compradores, Tauã alimentava suspeitas de amores novos do marido com alguma sirigaita da vila. Dentro de casa e nas proximidades, só numa pessoa ela depositava absoluta confiança, para revelar suas preocupações: Mãe Preta. Mas era uma conselheira inexperiente, entrando pelos oitenta e cinco anos de idade, virgem, sem prática na área das paixões, observadora dos amores dos donos de engenhos, a começar pelo coronel Silveira, pai de Tauã. Jogou no colo de Mãe Preta, tal qual uma trouxa de roupa suja para ser lavada, como de hábito, todas suas aflições e tristezas.

– Minha fia, vô me pegá cum Deus que ele arresorve.

Por infeliz coincidência, o dono da loja de secos e molhados da vila de Roçadinho, seu Firmino, colocara no bolso do paletó de Rogério um lembrete com letra da sua mulher, porque ele era analfabeto. Era um convite para um batizado, seguido de festa com dança, ao som da sanfona do famoso Patativa. As suspeitas na cabeça de Tauã estavam confirmadas. Homem convida homem, mulher que convida homem é só pra safadeza. O temperamento de Tauã não a conduzia ao escândalo. Interpelar o marido obteria, sem dúvida, uma negativa. Abandonar a sua casa e voltar para o

engenho das Moças, sem marido e com quatro filhos pequenos, era insucesso total. Calar-se era o mesmo que engolir o convite silenciosamente.

Ela, Tauã, filha do coronel Eustáquio José Velloso da Silveira, dono de trinta e três engenhos dentro de dois municípios de Pernambuco, Água Preta e Gameleira, nascida em berço de ouro, banhada em bacia de prata, com uma escrava ao alcance das suas vistas vinte e quatro horas por dia, a sua querida e insubstituível Mãe Preta, não poderia sofrer a decepção de qualquer outra mulher ver o seu Rogério de ceroulas.

Durante uma semana, só Mãe Preta sabia das razões da tristeza e da insônia de Tauã. Rogério percebeu o silêncio, a sisudez e concluiu que seria resultado das dificuldades financeiras, mas também um pouco pela sua frequência assídua à vila. Imaginou que aquilo passaria. Mãe Preta conhecia profundamente a sua filha de criação pelas palavras ditas e não ditas.

– Ói minha fia, num quero que faça bestêra...

Sim, poderia ocorrer algum gesto tresloucado, arquitetado por Tauã como resposta ao marido, às mulheres da vila de olho grande sobre ele e também para deixar um rastro de saudades em muitas pessoas. Uma dose de veneno para matar ratos que restara do porão do casarão em que morava, ingerida em jejum, dissolvida em água, causou efeito imediato, com ânsias de vômito. O mal-estar, os gemidos de dor, um sofrimento incontrollável, levou ao desespero Rogério e toda a casa.

Mãe Preta, já desconfiada desde as conversas enigmáticas de Tauã, imediatamente atinou para a possibilidade de algum envenenamento. Leite e óleo de rícino ingeridos à força, mais o dedo de Mãe Preta introduzido na garganta, provocaram um vomitório até Mãe Preta dizer:

– Chega, praque só farta ela botá as tripa pela boca.

Enquanto Tauã se recuperava, Mãe Preta achou por bem historiar com detalhes as causas da tentativa do suicídio para Rogério, que, a partir desse dia, retomou a direção de todas as atividades na sua propriedade, que estavam delegadas ao insubstituível Noberto.

Sebaste nasce para coronel

Os anos 1800 já se tinham ido, o engenho, após uma crise financeira, retomara o caminho com boa produção e boa comercialização. As relações de domínio da Coroa substituídas pela República caminhavam de gatinhas, mas os poderes delegados aos proprietários de terras subsistiram. As autoridades republicanas recorreram às mesmas práticas, nomeando, para funções não remuneradas, pessoas que se destacavam pelas posses e por características de liderança, para desempenharem as atribuições de juizes e delegados. O capitão Rogério, designado como juiz, era a palavra conciliadora, naturalmente com a autoridade que o cargo lhe consignava. Sebaste viria a ter, anos mais tarde, funções de delegado, para manutenção da paz e entendimento entre os munícipes.

Alagoas trazia os medos que Zumbi levava aos engenhos, lutando nos quilombos para libertar os escravos. União dos Palmares distava apenas dois dias de viagem da vila Roçadinho. Os senhores de engenho se precaviam contra os furtos noturnos de antigos escravos, escondidos pelas matas. Foram anos de muito sofrimento para os escravos libertos e de muita inquietação para os donos de terras.

Com seu espírito pacifista, Rogério procurava acomodar aqueles trabalhadores sob novas regras. Assim, conseguiu tocar a moagem do engenho e o replantio nas entressafras.

A vila tinha se beneficiado com o aumento da população e do comércio. As missas agora eram semanais e até uma professora foi contratada para alfabetizar as crianças. A vila foi contornada por cercas, com porteiras nas entradas para evitar trânsito de animais. Mas seu Firmino continuava a vender secos e molhados, além de anquiló e jaracatiá para amarelão e verdete para queimar ferida da bouba.

O capitão Rogério mantinha relações cordiais com seus vizinhos fornecedores, tais como seu Enéas e seu Chiquinho, que se transformaram em relações de amizade ao longo do tempo e por toda a vida. Rogério já maduro, pacato, fechou os olhos para os arroubos do filho primogênito, Sebastião, na intimidade tratado por Sebasto. Aos nove anos, Sebasto, que não queria se meter no engenho, depois das aulas dadas pelo professor atirava-se ao trabalho, cuidando de cinco cabras que adquirira com o produto do seu roçado. Enquanto isso, os dois irmãos menores tinham apenas algumas tarefas no engenho, sem ser obrigação.

Parece que o destino estava traçando o caminho pela vida afora para os três irmãos. A marca de Sebasto era tudo do que o pai não gostava: o mando, a autoridade, o enfrentamento de desafios com alto risco e a qualquer preço. Aos dezessete anos, ainda com alguns claros na barba incompleta, apaixonou-se e comunicou ao pai o desejo de se casar. Na quietude da noite, Rogério, ainda surpreso com o comunicado do filho, participou a Tauã os desejos de Sebasto. Tauã não escondia sua preferência pelo filho ousado, que nesta altura das suas atividades já possuía algumas vacas, cabras e plantio de milho considerável.

– É muito novo, mas é difícil tirá-lo do caminho que traçou. A moça é nossa conhecida, filha de família digna vinda da cidade de Palmares, vizinha da minha Água Preta, pernambucana como eu. Vamos concordar, mesmo porque quando ele lhe falou que queria casar, a decisão já estava tomada. É melhor concordar do que ver a sua opinião contrariada.

Após o café da manhã, Rogério e Tauã chamaram Sebasto para um canto da sala, deram-lhe o sim e perguntaram de que sobreviveria.

– Do meu trabalho, como sempre – foi a resposta pronta e ousada na ponta da língua.

O casamento foi realizado dali a poucos meses. Ele, com dezoito anos e, ela, com dezenove incompletos. Os dois recém-casados trabalhavam de sol a sol, sem vínculo com a produção de cana, mas com dedicação integral ao trato do gado e plantio para o consumo.

Sebasto era impetuoso. Não só os pais, mas as sete irmãs e os dois irmãos, amparavam-se nele, quando surgiam contendas. Naquelas brenhas desassistidas pela jovem República, esperança para muitos, sensação de vazio para outros tantos, sob o pretexto de perseguir escravos libertos foragidos, organizaram-se grupos de malfeitores que, na realidade, saqueavam os engenhos e comerciantes nas vilas. Por um emissário especial, mandavam marcar dia e hora do botim. Em geral, levavam alguns animais carregados de mercadorias, jóias, roupas, além de abusar das donzelas. Fazer frente a esses grupos significava vida ou morte.

O capitão Rogério resolveu falar com seu filho Sebasto.

A maniconia de Roçadinho

Maniconia é melancolia, depressão: um dos males, como espinhela caída e mau olhado, curados com rezas, plantas e defumações por antigos escravos, curandeiros respeitados que aliviavam os sofrimentos de todos que viviam pelos engenhos e fazendas.

O casamento de Rogério e Tauã voltou ao que era, depois das explicações confirmadas por seu Firmino, restabelecendo a verdade dos fatos. Tauã confessou a Mãe Preta que se arrependera profundamente da precipitação do seu gesto. Mas má notícia caminha como o vento. Com os caminhos melhores, o tempo gasto nas viagens se reduziu à metade. Sem nenhum aviso, o coronel Silveira chegou a Roçadinho, acompanhado de Donana, numa visita para matar as saudades da filha. Foi um reboiço e uma alegria que contagiou a todos. A moça explicou à mãe a loucura que cometera, por falta de diálogo com o marido, e como se salvara graças a Mãe Preta, com seus conhecimentos rústicos adquiridos na senzala.

O coronel e Donana também se alegraram com a iniciativa demonstrada por Rogério, já liberto da hipoteca e tendo tomado a frente de todas as atividades. Ao retomar o comando do engenho,

Rogério tinha decidido diminuir a área do plantio de cana para desenvolver a pecuária. Sob suas vistas, Noberto se dedicaria à cana, à conservação do engenho e, ele, desenvolveria a criação de gado até ao limite das terras para isso reservadas. Não seria a fonte de renda principal, mas esperava dentro de três anos suprir as despesas diárias com o rebanho implantado.

Os sogros se convenceram de que a filha tinha realizado um bom casamento. Durante três dias, o coronel aproveitou para visitar todas as pessoas que conhecera nos dias em que negociara o engenho com seu Chiquinho, agora fornecedor de cana para o engenho de Rogério. Alegre com a visita dos pais, Tauã tomou ânimo novo, deu um grande almoço e convidou quase toda a vila, sendo seu Chiquinho um convidado especial.

O incidente mudou a vida de Tauã. Depois de experimentar um cigarro que pedira a Mãe Preta, tornou-se fumante para o resto da vida, até os oitenta e sete anos, quando morreu. Mas ela só fumava em casa. Como era costume na época, Tauã sempre usava uma saia até os pés e blusa de manga comprida. Do lado direito da saia, tinha um grande bolso onde passou a andar com um canivete preto marca Corneta, um pedaço de fumo de rolo com uns dez centímetros de comprimento e um pacotinho de papel de seda, próprio para fazer o cigarro. Na hora de acender, bastava pegar um tição no fogão. Assim, ela não precisava andar com o bocó, como os trabalhadores da palha da cana, carregando o isqueiro de ponta de boi. Era um pedaço de chifre com um furinho na ponta cheio de algodão bem seco e socado, que na hora de acender bastava fazer a faísca com o pedaço de lima de ferro e a pedra que se levava junto. Depois era só soprar até levantar a chama para acender o cigarro. Um ritual que dava ainda mais prazer ao fumante, depois de alisar o cigarro prontinho na hora.

– Fumar é um vício, é um mal, só se oferece o bem aos amigos – dizia Tauã, para justificar nunca oferecer nem aceitar cigarro dos outros.

Adotar o hábito e, depois, adquirir o vício foi , de alguma forma, um gesto de protesto, de tentativa de independência. Mulher fumar em público se aproximava do escândalo, diante do marido era um desafio, falta de respeito. Mas Tauã não conhecia submissão. Mimada pelo pai, sempre aconselhada pela mãe, possuía uma bagagem de conceitos e exemplos de que não desejava abrir mão. Que fazia mal ela sabia, mas estava muito jovem para incluir no seu cardápio de vida precauções para quando lá na velhice chegasse.

Sua irreverência aos costumes da época, transmitida, pelo exemplo, aos filhos e filhas, gerou em cada um desejos de liberdade. Quem soube aproveitá-la, foi longe como Sebasto. Um engenho bangüê, por suas limitações, não tinha meios de produzir o necessário ao encaminhamento da filharada para atividades que lhe assegurassem o mesmo padrão de vida, sobretudo nos anos que se seguiram à abolição da escravatura. Todos que permaneceram simplesmente à espera de melhores dias, de alguma herança, enfrentaram dificuldades.

Mas a modernidade também foi chegando às famílias dos senhores de engenho, modificando o seu futuro. Surgiram novas escolas, faculdade de Direito no Recife, Medicina na Bahia, Engenharia em São Paulo e Rio de Janeiro. Os senhores de engenho passaram a sonhar com a formatura de pelo menos um filho – filha ainda não – em uma dessas faculdades. Seria o doutor, assim chamado por todos e, em público, também pelo pai. O filho doutor passou a atrair para as cidades os irmãos, que, por sua vez, iam estudar em colégios, com a ajuda financeira dos pais.

Foi o começo do fim do engenho bangüê.

Os irmãos Caiana

Num raio de dez léguas, todos conheciam e temiam a família Caiana. Eram quatro irmãos que se dedicavam à violência e à prática de crimes a qualquer preço. Optar pela negativa às pretensões dos quatro era se sujeitar a uma situação de alto risco. Não havia alternativa: era atender pacificamente às exigências ou enfrentá-los a bala.

Esta foi a decisão que Sebasto tomou, após ouvir silenciosamente o relato feito pelo pai. Apesar de casado, próximo do nascimento do primeiro filho e assoberbado com o trabalho, não tinha como fugir do confronto com os bandidos, ousados e petulantes.

– Acho mais prudente negociar as exigências do que enveredarmos pela violência, no que eles são especialistas – ponderou Rogério.

– Ah, meu pai, se cedermos a primeira vez, viramos freguês – foi a resposta de Sebasto. – Não podemos permitir que a vila de Roçadinho fique submissa a quatro bandidos. O senhor deixe comigo. Por sorte nossa, temos os parentes da Paraíba que se

mudaram para a vila há quatro meses. Tenho certeza que podemos reunir uns seis para fazer frente a esses bandidos.

– Não perca a cabeça – falou Rogério, apelando para a cautela e a prudência.

Cheio do furor próprio do jovem, Sebasto sentiu chegado o momento em que – se vitorioso – assumiria definitivamente a liderança, não só da família, mas também de toda a região que formava a vila de Roçadinho. Os irmãos Caiana, habituados aos saques sem resistência, anunciavam com bastante antecedência o dia e a hora.

Sebasto mobilizou três tios e mais dois amigos, além de um olheiro colocado a um quilômetro antes da vila, que anunciaria a passagem dos Caiana com um tiro para o alto. Do engenho à vila, todos, nervosos, aguardavam a hora exata. Sebasto avisou à mulher no dia marcado o que aconteceria e tomou as providências necessárias para as hipóteses possíveis. Nem mesmo Rogério estava a par do planejamento para aniquilar os bandidos.

Era entre nove e dez horas da manhã de um dia ensolarado, temperatura amena. O olheiro, oculto pelo cipoal que ladeava o caminho da vila, meio trêmulo pelo nervosismo, para não se equivocar, contou o número de cavaleiros: um, dois, três, quatro. Um, dois, três, quatro... São eles! Esperou que se afastassem uns duzentos metros, apertou o gatilho da espingarda carregada só com pólvora, para o primeiro tiro.

A reação dos bandidos foi acelerar o galope em direção à vila, com os rifles papo-amarelo engatilhados. Até aquele dia nunca tinham encontrado resistência aos seus assaltos. Usavam armas para intimidar e por vezes assassinavam algum inconveniente. Mas desta vez o tiro saiu pela culatra. A trezentos metros da vila, o

irmão Caiana mais velho recebeu no peito uma bala de papo-amarelo 44, que o derrubou do cavalo. O irmão, que saltou rapidamente para socorrê-lo, também atingido, morreu ali mesmo, os dois corpos formando uma cruz.

Os outros dois, em disparada, passaram pela vila em direção ao engenho Dois Braços, pertencente ao sogro de Sebasto, que distava quatro quilômetros. Sabidamente um homem pacato, corajoso, que procurava através do diálogo solução para as divergências, Antônio Portella ficou surpreso pela brusca invasão da sua casa por três homens, no primeiro momento desconhecidos. Recuperado do susto, reconheceu em um deles o próprio genro. Aproveitando-se dos segundos consumidos pelas explicações, os bandidos pularam pela janela e fugiram.

Um deles dirigiu-se à mata cerrada. O outro optou por se esconder no rabo do açude, a menos de um quilômetro da sede do engenho. A sorte foi madrasta com o que se escondeu no rabo do açude. Após violenta luta corporal, Sebasto deixou-o gravemente ferido e saiu em perseguição ao que se embrenhara na mata. Mas não conseguiu encontrá-lo. Abandonou a perseguição e retornou à vila de Roçadinho.

O alvoroço foi tal, que o sacristão abriu a igreja para que os devotos fossem invocar a proteção de Deus para os habitantes da vila, enquanto aguardavam a chegada do padre para proceder ao sepultamento dos dois mortos. O cerimonial do enterro foi muito simples, após serem ouvidas as versões das pessoas mais representativas da vila, dentre elas o capitão Rogério, conhecido pelo espírito pacifista e também pela autoridade como proprietário de engenho. O padre, informado de toda a história, inclusive do terror implantado em toda região pelos irmãos Caiana, foi sucinto em suas palavras, ao encomendar os dois corpos:

– Que Deus Todo Poderoso na Sua Santa Bondade os tenha onde eles merecem pelo que praticaram na terra... Amém.

Assim, os dois foram sepultados na mesma cova, o mais distante possível dos mortos que tinham residido na vila. Após o enterro, o sino da igreja tocou por vinte minutos, convocando a população para a missa de ação de graças, pelo fato de nenhum habitante ter sofrido um ferimento sequer ao se defenderem, graças a Deus.

De major a coronel

Aconteceu como Sebasto imaginou. Com a morte dos Caiana, ele não só ganhou fama de corajoso, mas, acima de tudo, abriu o caminho para ser um futuro coronel. Sebasto tinha apenas vinte anos de idade. Não esperou, como de hábito, receber herança para iniciar carreira de proprietário. Traçou o seu projeto como administrador de fazenda de gado, com salário e participação na produção. Iniciou pela fazenda de um vizinho, meio afastado pela distância das terras, mas com quem tinha boa relação de amizade. Depois de dois anos de trabalho duro, com as economias feitas somadas às que trouxera, comprou terras que comportariam as cabeças de gado recebidas como parte do pagamento.

O encanto da nova propriedade era uma pequena lagoa, motivo para o nome: Lagoa Nova. Enfim com terras próprias, algumas cabeças de gado e muito trabalho do casal, afeito à dureza do campo, foi dada a partida para um futuro promissor para a família.

Inúmeras eram as dificuldades. A começar pelo limite das terras. Não havia agrimensores nem topógrafos, a linha divisória era estabelecida por acordo. Imediatamente construíam-se cercas

divisórias para sempre. Quando estas eram desrespeitadas, em geral resultava em morte. Se os vizinhos eram inimigos, construíam-se as cercas, uma de cada lado, criando um corredor de um metro, formado por meio metro de cada lado. Em alguns casos, ao longo do tempo, os herdeiros estabeleciam a cordialidade, mas mesmo assim as cercas continuavam duplas, como testemunhas do passado, até mudarem de dono. As terras adquiridas por Sebasto, recém-chegado na região, sem desavenças com a vizinhança, foram contornadas por cercas singelas. Como obedeciam rigorosamente à linha divisória, isto significava mensagem de entendimento cordial. Dada a proximidade de Roçadinho, seis quilômetros, a história dos Caiana havia circulado e o nome de Sebasto era pronunciado com respeito.

Assim ele iniciou uma vida de trabalho, agora proprietário, investido dos poderes que a terra e o prestígio lhe conferiam. A dedicação ao trabalho, o cumprimento rigoroso da palavra empenhada, a seriedade nos negócios, a decisão e a coragem já comprovadas, tornaram-no conselheiro dos que o procuravam e, um pouco mais adiante, árbitro de divergências da região. Toda a comunidade de Roçadinho passou a considerá-lo com poderes para decidir sobre as mais variadas questões. Até mesmo as familiares.

Para se entender como se davam as relações de poder no sertão, distante meses de viagem do Rio de Janeiro e de São Paulo, onde residiam o poder político e econômico, devem-se calçar alpercatas sertanejas de couro de bode e caminhar pelo tempo, ouvindo quem viveu sem telégrafo, sem trem, sem telefone. Correio só nas capitais e por navios, rádio só em plena modernidade. A república era inspirada no positivismo de Augusto Comte, com uma carta magna copiada da norte-americana, mas tentando encontrar seu próprio destino, mesmo sem os conhecimentos necessários para executar tão gigantesca tarefa.

Nesse quadro, os espaços vazios foram ocupados pelos sempre poderosos proprietários de terra, em parceria com a Igreja Católica. O poder divino era exercido pelo padre, o poder de polícia pelo grande fazendeiro ou senhor de engenho. Não havia espaço para o pequeno proprietário, “amparado” pelo vizinho mais poderoso. Os coronéis distribuíam títulos militares, mas nunca se aventuraram a usar o título de general. Para os governos estaduais, era cômodo e barato, porque os coronéis sempre eram solidários com o governo. Uma rara exceção foi a rebelião do coronel Zé Pereira, da cidade de Princesa, na Paraíba, em 1929/30. Mas esse gesto de discordância se deu visando a conquista do próprio governo estadual.

Nas eleições, os votos eram garantidos nos “currais” dos coronéis, com as listas elaboradas a bico de pena, da asa ou da cauda dos perus, listas onde o que contava era a determinação do coronel e ponto final. A lei não considerava como eleitores os soldados, as mulheres, os analfabetos, os presos condenados. O poder central sabia das irregularidades, mas os resultados eram confortáveis. Esse acabou sendo o principal motivo alegado para a revolução de 1930, comandada por Getúlio Vargas, então ministro da Fazenda do presidente Washington Luiz.

Sebasto trazia por herança e formação as características da mãe. O matriarcado indígena corria em suas veias. Tauã foi uma observadora atenta dos hábitos e práticas do pai, senhor de trinta e três engenhos, e sempre estimulou o filho a seguir as pegadas do avô. Mulher de poucas palavras, transmitia o caminho desejado para o filho por gestos e atitudes. Agora proprietário de uma fazenda com projeto de crescer, contando com a participação ativa da mulher, Sebasto colocou em prática os conselhos maternos, baseados na experiência bem sucedida do coronel Silveira de Água Preta. Na sua Lagoa Nova, estabeleceu regras que enfeixavam em suas mãos todas as decisões, por mínimas que fossem.

Já não precisava mais pronunciar o nome. Bastava o posto. Ora major, ora coronel. Foi como uma promoção por ato de bravura.

Mas o poder quase sempre tem preço alto. Mesmo quando eram justas as decisões, aceitas por ambas as partes em conflito, uma delas levava a sensação de perda e mágoa. Naquele momento isso não preocupava Sebastião. Ele já reunia a personalidade marcante e o currículo que lhe garantiam o coronelato, o que ainda dominaria a política nordestina por mais nove décadas.

O velho Noberto

Compadre para o patrão, seu Noberto para todos os demais, era uma figura sisuda. Raramente ria, porque onde ele fazia presença, a palavra era sua. A razão era o acervo de conhecimentos adquiridos no manuseio da enxada, da foice, do corte certo da cana para moagem no engenho, na feitura das cercas em todos os limites da propriedade, na construção de caminhos para carros de boi, no ponto da garapa e do mel para fazer o açúcar bruto. Era, sem dúvida, um sabe-tudo. E ainda tinha as histórias das fugas de escravos que ele presenciara e que contava, com enfeites, para a platéia de meninos e meninas, de queixos caídos. As histórias de trancoso.

Seu Noberto era uma perfeita síntese de todos os povos que neste Brasil desembarcaram e foram se amando: português com índio, com negro – ou melhor, com negras africanas –, holandês com filhas de índio com português, filha de africana e português com holandês e por aí afora. Carinhosamente tratado de Ló por Sebasto, era branco macerado, cabelo encaracolado, meio duro, olhos claros, pés encavados – com arco acentuado, pé de branco, como diria Mãe Preta.

De poucas palavras por natureza, teve ao longo dos seus noventa anos o trabalho árduo como ocupação e lazer. Deixou um livro em branco porque era analfabeto, mas, se não fosse, poderia ter preenchido essas páginas com ensinamentos que, sem dúvida, orientariam as gerações seguintes. As histórias por ele contadas, verdadeiras ou inventadas, eram sempre na direção de novos caminhos, sempre no sentido libertário, bem diferente daquele que levou os negros à escravidão e seus descendentes, como ele, para longe do saber.

Suas histórias para criancinhas – as quais tratava de cabecinhas de barro, como uma louça que inspira cuidado – eram precursoras das muitas escritas pelo insubstituível Monteiro Lobato. Para a platéia dos que giravam em torno dos doze anos, preocupava-se com o futuro delas, contando os riscos em lidar com os animais, principalmente os selvagens, sem conhecer as reações de cada um. Para os ouvintes com buço ou meninas entrando na fase da maledicência, próximos ao vôo da independência, as histórias eram pretexto para passar conselhos que, na sua visão, eram indispensáveis na vida adulta.

Sua perspectiva do futuro era curta, naturalmente, mas era sólida no que se referia a dignidade, trabalho, cumprimento da palavra empenhada – valores que integravam seus dez mandamentos. Poucas não foram as vezes que ouvintes menos reverentes questionavam algumas passagens perigosas entre caçadores e animais ferozes. Ele, tranqüilamente, recorria ao hábito de cofiar seu longo bigode e responder:

– Essa história é muito antiga e o caçador que me contou tá vivo, mas tá tão mouco que num adianta perguntá pra ele.

– O senhor mesmo já foi caçador? Quantas caçadas o senhor fez? – perguntou um menino de seus dez anos, embevecido com as histórias.

– Ah meu fio, nunca tive tempo pra ficá doi, trei dia no mato, tocaiano bicho. Minha caçada é de passarinho e às vez um preá. Agora nem isso. Faz é tempo que num acerto um tiro. Pregunte pra Maria, era só ela dizê: “Noberto, quero comê um preá bem gordo”. Eu ia ali na bêra da cerca, butava uma seva doi, trei dia, e quando era na boca da noite ia lá cum minha espingarda de cano de garda-chuva, cargada pela boca com um dedá de polva e uns cinco caroço de chumbo. Era um tiro só e às vez matava num era um só não, era doi. Duns tempo pra cá num acerto mai. Fiquei aperreado cum isso, tá errando tiro à toa cua espingarda iscorada numa forquia do pau bem juntinho da seva! Desconfiei que eu tava ruim da vista. Deixei escurecê, mandei Maria minha mulé cendê o candinheiro, tapei uma vista cua mão e tava lá o candinheiro aceso. Tapei o outro oio. “Maria, praque tu apagô o candinheiro?” “Tu tá cego, véio, o candinheiro tá aceso”. Destapei o oio e lá tava o candinheiro aceso. Não era mermo que eu tava cego dum oio? Entonce era purisso que tava gastando polva e chumbo à toa sem trazê nenhum preá pra casa. Caçá é uma boa fulia, mas do jeito que tá, os bicho vão cabá. Inté pensei: será que foi castigo de Deus eu cegá de um oio?

Seu Noberto pára um pouco, dando um grande suspiro:

– Também agora tou sem minha véia Marica que já foi, daqui a poco é minha vez. Mas daqui onde eu tou ninguém me tira praque tou no que é meu. Inté vô vendê minha espingarda praque num quero gastá chumbo e polva de graça. Vosmincês sabe que peguei o costume de trabaiá de um jeito que fico sunhando com as tacha do engenho frevendo – e seu Noberto esboça um sorriso.

– Que história é essa de tacha fervendo? – perguntou Maria das Dores, que morava na vila de Roçadinho, mas estava na casa da tia, no engenho, por causa duma epidemia que tinha dado por lá.

– Minha fia, é que vosmincê num morô num engenho. Eu era minino, os escravo trabaiava dia intêro na paia da cana cum só

no lombo, o suó correndo em bica, eu só assuntando os seviço de moage, o fogo de lenha e bagaço de cana na fornaia pra frevê a garapa, eu cum oio no ponto do mé pra colocá nas forma. Foi purisso que o capitão Rogéro me chamô quando precisô dum caboco pra sê meste-de-açúca, paprendê o resto cum meste que veio dos engenho do coroné Silvêra, pai da cumade Santinha. O meste-de-açúca é o cabra que manda dento do engenho. Ele tuma conta das tacha chêa de cardo de cana com a fornaia acesa pru baxo, dá as orde praumentá ou diminuí a lenha ou o bagaço de cana, muda a garapa duma tacha pra otra, esborra cum rodo aspuma que sobra da tacha frevendo. Aí chega na tacha derradêra, o mé já tá lá, aí é quenta mermo o meste pra enchê as forma no ponto. Isso num sinsina, só quem vai sê meste, praque aí é que tá o ipicilone. Se errá, o açúca esfarofa ou empedra. O sinhô de engenho num perdoa um erro nessa hora praque perde toda a tachada.

Seu Noberto observa a meninada para ver se estão entendendo e continua:

– Quando cumpade Sebasto era minino pequeno, eu já era meste. Agora o trabaio brabo é enchê as forma com o mé no ponto e arrumá uma forma do lado da outa, inriba dumas talba separada dum parmo. Passado uns dia, o meste manda tirá a roia de madêra que tapa o furo do fundo da forma, que é pra vazá o mé que num açúcarô. Embaxo das forma tem um tanque grande pru mé todo. Esse mé tem gosto de azedo e purisso os animá bebe ele todo. É o tal de mé de furo praque ele iscorre do furo da forma. Aí é que se tira o pão de açúca. Hoje em dia bota muito remédio pra branquiá o açúca. Eu mermo não boto a boca nele cum medo do veneno. Quando terminava aquilo tudinho eu passava sei, sete mes cuidando da cana nova, e era tapá buraco de cerca, e era levantá paredão de açude pra botá peixe e os animá bebê, e era botá água de rega nas cana. Essas coisa num era da minha obrigação, mas o cumpade capitão Rogéro queria eu tumando conta do serviço tudo.

Cum isso peguei o vício de me distraí trabaiano. Também tinha uma coisa: o que eu mandava, tava mandado. A cabroêra do eito, os cambitero, os carrero, os armocreve do açúcar, tudo me procurava pra resolvê tudo. Falei pro cumpade capitão Rogério: “Cumpade, eles tão pensando que o dono é eu”. “Cumpade Noberto, vosmincê só num pode vendê meu engenho”.

Essa credibilidade varou gerações. Sebasto, que não admitia nas suas fazendas decisões que não fossem tomadas por ele próprio, fazia a ressalva:

– Das porteiras para fora, porque, das porteiras para dentro, o que compadre Noberto mandar, todos terão que obedecer.

O cavalo Almofadinha

Foi o cavalo Almofadinha que acabou levando Sebasto ao Recife. Ele acabara de abrir mão do título de delegado, convencido de que sua autoridade como major ou coronel, como o tratavam, era mais do que suficiente para manter a ordem e o respeito em toda a vizinhança. Vez por outra ocorria um roubo de cavalo, realizado por profissionais de outras bandas. Era o pior dos crimes, em geral punido com a morte. Os cavalos mais ambicionados eram os especializados em corrida-de-mourão.

Precisamente o cavalo Almofadinha, o melhor num raio de vinte léguas nessa modalidade de corrida, orgulho de Sebasto nas vaquejadas, foi ousadamente roubado numa madrugada invernososa.

– Para mim é um desafio. Não vou aceitar o roubo de meu cavalo Almofadinha. Com ladrão de cavalo não tenho contemplação. Nem com os coiteiros. Conheço o irmão de um ladrão de cavalos e ele já está avisado de que cavalos de minha propriedade, se ele roubar, será o último.

Já fazia tempo que Sebasto ouvira falar de uma cartomante no Recife que só não fazia milagre, o resto ela sabia tudo. Mesmo

sem religião, Sebasto guardava a crença nos poderes divinos e na vida eterna. Acreditava, sobretudo, no poder de algumas pessoas fazerem previsões. Chegara a hora de consultar uma. Ele aproveitaria a viagem ao Recife para comprar seu primeiro automóvel.

Numa quinta-feira de 1927, Sebasto chegou à cidade de Quipapá, em casa de seu amigo Euclides. Contou-lhe a história do cavalo Almofadinha, que o amigo conhecia, e dos seus planos.

– Ah, Sebasto, tenho aqui o Diário de Pernambuco dando o nome de uma cartomante que, dependendo do tempo, ela traça seu futuro até o dia de sua morte. Tá aqui o nome dela, Madame Consuelo, com endereço e tudo, lá na rua da Matriz. Chegue no Recife, faça o seu negócio do automóvel, contrate um chofer para trazer o carro e lhe ensinar durante a viagem a dirigir e aí, sem mais nenhuma preocupação na cabeça, tire um dia para sua consulta com a Madame.

– É, Euclides, gostei dos seus conselhos. Você é mais experiente do que eu com essas coisas de cidade, e é meu amigo, já me contou bons resultados seus com cartomante. Vou fazer o que você disse. Que hora o trem da Great Western passa aqui para o Recife?

– Hoje o trem já passou. O horário de amanhã é por volta das onze horas da manhã.

– Já estou com tudo pronto.

– É só subir no trem e descer na estação de Cinco Pontas. Você já conhece o Recife?

– Não, Euclides, mas dizem que quem tem boca vai a Roma.

– Da estação para a rua da Matriz é um pulo. Dê sua mala para um carregador, ele na frente e você atrás, e, a pé, você chega lá em menos de dez minutos. No trem você se informa com o fiscal,

que vai furar o seu bilhete, o nome duma pensão na rua da Matriz. Aposto como você não trouxe um guarda-pó.

– É verdade.

– Não tem problema, empresto-lhe o meu. Sem guarda-pó é um inferno! Você chega no Recife mais sujo do que o maquinista. Que carro você vai comprar?

– Um de segunda mão, em muito bom estado e que agüente chegar à nossa fazenda.

– Só você mesmo, Sebasto, tem coragem de se meter em caminho de carro de boi com um automóvel e ainda sem saber dirigir.

– Não, Euclides, penso gastar uns oito dias de viagem e com a ajuda da caboclada que mora pela beira do caminho, vou alargando os caminhos e chego lá na minha fazenda Lagoa Nova. E não vai demorar muito, venho lhe visitar dirigindo. O chofer durante esses dias vai me ensinar tudo direitinho.

Já que o amigo só partiria no dia seguinte, Euclides se ajeitou na cadeira de balanço para esticar a prosa:

– Sebasto, você se lembra do Antônio Lúcio, o pedreiro que com Zé Cabeludo construiu a sua casa na fazenda? Dois grandes pedreiros! Fizeram tudo desde o alicerce até a cumeeira. Pois, olhe, mataram Antônio Lúcio por uma besteira, numa festa. Ele tinha tomado umas quatro talagadas de cachimbo e lá pras dez da noite, com os candeeiros com pouco querosene, meio escuro, ele se confundiu e tirou uma dama para dançar, que já estava de par feito. O caboclo de nome Prospéro, que também estava alto, puxou a dama pelo braço com a mão esquerda e com a direita atolou a peixeira no vão esquerdo do Antônio Lúcio, dizendo: “Guarde ela aí”. A faca atingiu o coração e quando Cláudio, farmacêutico muito competente, afastou todo mundo e examinou o ferido, não teve

mais jeito. O homem estava morto. Foram chamar o cabo da polícia, que não estava em casa e só foi encontrado na zona, umas duas horas depois. No meio do fuzuê, os candeeiros caíram no chão, ficou tudo escuro e o valente desapareceu. A namorada informou ao cabo: “Só sei o nome dele e nem sei onde ele mora e com quem trabalha. Ele se chama Prospéro”. E assim se foi o Antônio Lucio, que com Zé Cabeludo construiu as casas mais bonitas de Quipapá.

Mas Sebasto não estava lhe dando muita atenção, com a expectativa da sua primeira viagem em trem, e para tão longe.

De Quipapá a Recife

– Estou decidido, vou pegar o trem das onze de amanhã. Qual é a maneira mais garantida de carregar o dinheiro?

– Olhe, Sebasto, no Recife e já no trem tem muito malandro esperto, que conhece, pelo jeito de falar e de andar, quem é de fora. Não aceite conversa com desconhecido. No trem, não sente na cadeira da ponta; de pé, fique encostado do lado do dinheiro.

– Meu dinheiro não faz muito volume porque é todo em nota de quinhentos mil réis.

– Não cochile... Vamos acordar cedo porque quero que você conheça o meu cavalo Bacamarte, um alazão que é uma pintura. Tenho mais xodó por ele do que pela minha mulher, que ela não me escute. Você sabe que monto pouco e por isso tenho tempo de cuidar das minhas montarias. E eu mesmo faço os arreios do cavalo. Foi o que meu pai me deixou de herança. Vamos sair daqui às seis horas e lá pelas nove estaremos de volta. Dá tempo de você se arrumar, almoçar lá pras dez e às onze estaremos na estação. Também tem uma coisa: o trem passar às onze em ponto é muito difícil.

– Realmente, Euclides, o Bacamarte é uma beleza. Tenha cuidado, não mostre a todo mundo, tenha medo de mau-olhado.

– Temendo isso, o padre, que é meu amigo, já benzeu ele. Agora ele está de corpo fechado. Eu não lhe disse? São dez pras nove e já estamos de volta. Tome seu banho, arrume suas coisas, almoçamos e vamos para a estação.

– Já podemos sair. Venha ver como sou cauteloso. Mandei pregar um bolso na ceroula para colocar o dinheiro do automóvel. O dinheiro das despesas levo mesmo no bolso, mas com muito cuidado.

– É, assim você está seguro.

Com dez minutos de atraso, um longo apito e a enorme fumaceira, desprendida pela chaminé, anunciaram a chegada do trem, que apontou na reta da estação, depois da longa curva contornando o rio. Na plataforma, a confusão era total: passageiros que desciam, outros que subiam, com longas e barulhentas despedidas, os vendedores de roletes de cana, de bolo de macaxeira, o negro Salamanta vendendo as suas inigualáveis mangas-espadas.

Novo apito e lá se foi o trem para Recife, com chegada prevista para as 17:31. Com voz rouca pelo cansaço, a fumaça e a poeira, o chefe do trem anunciou:

– Passageiros embarcados na bela cidade de Quipapá (ele era de lá), mantenham seus bilhetes na mão para serem picotados! Quem não tiver bilhete vai ter que descer na estação de São Benedito!

Lá para o final da tarde, Sebasto dirigiu-se ao fiscal e perguntou se ele conhecia a rua da Matriz e se por lá havia alguma pensão.

– Nasci lá pertinho, conheço aquilo como a palma da minha mão. É nessa rua que tem uma cartomante famosa. Junto à casa

Primavera, no mesmo correr, tem uma boa pensão, um pouco cara, mas com todo conforto e sempre cheia. Quase tudo cliente da Madame Consuelo. E é perto da estação.

– Muito obrigado.

Não chegou às 17:31, mas às 18:05. O trem parou na estação de Cinco Pontas. A grandiosidade da estação, os gritos dos carregadores oferecendo seus serviços, a luz elétrica, todas as fisionomias desconhecidas, o barulho ensurdecedor dos bondes, causaram um momento de insegurança e arrependimento em Sebastião, levando-o a refletir que não basta ter boca para ir a Roma. Enquanto esperava sua mala na seção de cargas, escolheu um tipo franzino, para não ter dúvida, como seu carregador, e novamente indagou sobre a rua da Matriz.

– Sinsinhô. Conhece a casa Primavera? Ela fica no mesmo correr da rua, umas cinco casa adiante, juntinho da pensão de dona Marinalva. Lá só entra quem tem dinheiro. Pé-rapado vai pra outras banda. A pensão toma tudo: o chão e o sobrado.

– Boa noite, dona Marinalva. Desejo um quarto no andar do banheiro, por uns cinco a oito dias.

– Pois não, me desculpe, mas o hábito é fazer um depósito, que vale como pagamento na saída.

– Quanto é?

– No mínimo cinco dias. Os quartos da frente são mais caros. A diária é oito mil réis.

– Tão aqui os quarenta do depósito. – E voltando-se para o carregador: – Quanto é o carregamento da mala?

– O senhor dá o que quiser.

– Uns mil réis tá bom – disse dona Marinalva.

Acomodado, banho tomado, roupa trocada, dirigiu-se para a sala de refeições, servidas sob observação da dona, que se vangloriava de servir a melhor galinha na cabidela do Recife.

– Dona Marinalva, seria possível lavar aqui na pensão minha roupa de viagem, principalmente o guarda-pó, que, apesar de bege, está marrom de tanta poeira e fumaça do trem?

– Pois não, meu senhor, tenho uma lavadeira só pra isso.

No dia seguinte, logo após o almoço, Sebastião, ansioso, tocou a sineta onde lhe indicaram, ao lado da Casa Primavera. Foi atendido pela portinhola aberta na segunda metade da porta, por um rapaz que lhe perguntou:

– Que deseja?

– Quero marcar uma hora com a Madame Consuelo – respondeu com um pouco de timidez.

– Entre e sente-se um pouco, que falarei com a Madame.

Decorridos uns trinta minutos, Sebastião já inquieto, surgiu Madame Consuelo, com um vestido que lhe cobria os pés, um turbante vermelho, com voz suave e firme:

– Consuelo, às suas ordens.

– Sebastião, seu criado. Peço sua atenção em me atender, porque venho de longe.

– Temos dois dias e meio para acabar a semana e preciso trabalhar entrando pela noite, para lhe atender na segunda-feira. Serve?

– O que posso responder... Serve.

– Vamos combinar às dez da manhã de segunda-feira. De preferência tome uma refeição leve, que ajuda a cabeça. Aceita um cafezinho?

– Com muito prazer e agradeço a gentileza.

Despediu-se, passou numa banca de jornal, comprou o Jornal do Comércio e foi direto na página de venda de carros usados. Não tinha preferência por marca de fabricação. Queria um de pouco uso e no máximo com dois anos. “Vende-se Oldsmobile com dois anos e muito pouco rodado”. “É este que me serve”, pensou. Depois do almoço, com as informações colhidas na pensão de como se ia ao endereço desejado, dirigiu-se para lá.

Foi fácil. Pegou pela primeira vez um bonde e saltou, por engano, numa parada depois do endereço anunciado. Era um casarão colonial, no bairro do Derby, com uma grade de ferro de dois metros de altura que não permitia visualizar o interior, pela densa camada de arbusto entrelaçada. Do lado do portão estava escrito: “Puxe a corda para tocar a sineta”. Um cão de latido rouco foi o primeiro a atendê-lo e, a seguir, uma voz feminina:

– Quem é?

– Um comprador para o carro anunciado.

– Um momento – e em voz alta: – Doutor Epitácio, é um comprador pru carro!

– Prenda o Tubarão.

Dois minutos depois abrem o portão e Sebastião se apresenta, chamado já pelo nome precedido de doutor.

– O carro é este aqui. Marca muito conhecida, utilizado praticamente para levar minhas filhas à escola, capota conversível,

com alguns furos de bico de pena, coisa das crianças. Posso lhe assegurar que é só botar na estrada e, se tiver gasolina, roda noite e dia sem parar.

– Qual o preço?

– Antes de lhe responder, o senhor é daqui ou de fora?

– Sou do município de São José da Laje, em Alagoas, onde tenho fazenda.

– Pelo jeito, lembrei-me do meu pai, que ainda está vivo na cidade de Palmares, aqui em Pernambuco. Talvez sejamos até parentes.

– Nasci em Água Preta, bem pertinho de Palmares, replicou Sebastião.

– Por causa disso vou lhe pedir só sete contos em vez de oito.

– Lhe dou agora contadinho seis contos.

Uma pausa, ambos calados, a empregada se aproxima com dois copos e uma jarra numa bandeja.

– Dona Stella mandou oferecer caldo de cana.

– Sirva-se, doutor Sebastião – falou doutor Epitácio. – Nada melhor do que um caldo de cana. Fui praticamente criado com ele no engenho do meu pai. Delicioso. E vou lhe dizer mais, é de cana caiana, o que há de melhor. – E depois de uma pequena pausa: – Entendo de medicina, de engenho perco para o senhor. Vamos encerrar nossa negociação. Negócio fechado pelos seis contos de réis.

Sebastião não disfarçou o contentamento. Mas ainda precisava de um pequeno favor do anfitrião:

– O senhor me dê licença... me permitir ir até um quarto, porque o meu dinheiro está num bisaco costurado na ceroula.

Sebasto pagou e foram cuidar do recibo e dos documentos. Dali a três dias, como combinado, Sebasto voltou para apanhar os documentos, o carro de tanque cheio e o motorista Amaro, do vendedor, para dirigir e ensiná-lo durante o percurso. Uma longa viagem os aguardava...

Dono de seu destino ao volante

Foi a própria Madame Consuelo que abriu a porta e o levou à sala de consultas. Toda de branco, dos sapatos ao turbante, cultuava assim a pureza e a atração dos bons fluidos. Sebasto também estava todo de branco, por coincidência.

– Não diga nada que não seja resposta às minhas perguntas. A partir deste momento, concentre-se nos seus desejos e eu estarei invocando a proteção divina pelas cartas, para que a leitura do que vejo represente a verdade que nos vem do alto. Qual o seu objetivo principal com esta consulta?

– Saber onde está meu cavalo Almofadinha, roubado há um mês. Em segundo lugar, qual o meu futuro e o meu fim.

– Tenho que pôr duas mãos. São dois assuntos distintos, que as cartas podem confundir. Vamos ao primeiro.

Com as cartas dispostas sobre a mesa, a Madame fechou os olhos, concentrou-se, silenciou por alguns minutos. Retirou, então, algumas cartas da mesa, balbuciou algumas palavras quase inaudíveis, voltou ao silêncio. Finalmente disse:

– O seu cavalo será encontrado... no estado de Alagoas... na cidade de Anadia... num engenho...dos...Cardoso. Pelas cartas vejo problemas, dificuldades, não sei até que ponto. Tome precauções. É o que vejo.

Madame Consuelo recomeçou o ritual.

– Quanto à sua vida. Muito trabalho desde menino. Casou muito cedo. Muitos filhos. Corre tudo com normalidade. Mas logo no começo de sua vida de casado, vejo uma espécie de um corte, um acontecimento muito grave, com mortes, que não foram na sua família. A sua vida esteve por um fio e não foi doença. Foi ameaça, agressão, uma espécie de confronto, e o senhor levou a melhor, isto há uns dez anos. Não vejo bem o ano, mas o mês foi novembro e o dia termina em cinco. Creio que 25. Depois desse episódio, tudo correu favoravelmente para o senhor. Continuará com sucesso, terá muitos recursos, mas em 1965 nova crise, ou acidente que levará o senhor à porta da morte. Se vencer esta dificuldade, terá vida longa e verá sua terceira geração.

– Mas o que será? Acidente, atentado, doença, como me defender?

– Não sei, mas ocorrerá na mesma data, 25 de novembro. Não posso dizer o que as cartas não me dizem. Tenha muito cuidado.

Durante uma hora, Madame Consuelo respondeu a várias perguntas. Concluiu dizendo que ele era violento, corajoso e carinhoso, três características que constroem uma personalidade marcante.

– Seu destino e o seu sucesso estarão em suas mãos. Cuide bem deles e seja feliz. A consulta é de cinco a vinte mil réis.

Sebasto pagou vinte e agradeceu, com a cabeça ainda fervendo, pensando naquela data precisa.

Voltou à pensão e se deitou um pouco. Recordou o confronto com os bandidos da família Caiana em tiroteio envolvendo quatro de cada lado. Ah... Deixa isso pra lá... Vou cuidar é do meu retorno com o automóvel.

Sebasto pensava que, mesmo recuperando o Almofadinha, isso não faria desaparecer de sua mente o fatídico 25 de novembro de 1965, lá adiante, quando sua filha mais nova estaria completando cinqüenta anos. Nessa previsão, Madame vai me desculpar, mas eu não acredito.

No dia seguinte, às cinco da manhã, o motorista Amaro veio buscá-lo na pensão, conforme o combinado, já com o tanque cheio, para a viagem de volta no seu Oldsmobile.

Foram três dias inteiros de aprendizado, nos trechos entre as cidades mais importantes, já interligadas pela Great Western. Não houve maiores problemas, Sebasto se sentindo cada vez mais seguro ao volante. As relações entre os dois começaram a se estremecer, quando Amaro resolveu tirar o “senhor” do trato. Daí para reclamar, com aspereza, dos erros do aprendiz, foi um passo. Já no quinto dia, faltando apenas dois para concluir a viagem, furou um pneu. Mesmo tendo o reserva, seria prudente consertar o furado. Na caixa de ferramentas, tinha todo o necessário. O Amaro, numa demonstração de péssimo observador, em tom meio autoritário, disse para Sebasto:

– Conserte o pneu sozinho, porque não vou meter a mão nisso.

Sebasto encarou o impertinente, fez mentalmente a conta dos dias trabalhados, contou lentamente o dinheiro e só quando esticou a mão para o pagamento, falou:

– Um momento, que tem um troco.

E deu-lhe uma bofetada que o atirou no chão. Sem perda de tempo, sustentou-o com o pé no peito:

– O fato de estar me ensinando a dirigir não significa que o senhor tem o direito à intimidade e ao desrespeito.

Quando Amaro se levantou, assustado, Sebasto concluiu:

– Volte até a cidade de Maraial a pé. São quatro ou cinco horas e pegue o trem de volta.

Na mesma hora Amaro, sem dar uma palavra, pegou sua maleta e rapidamente tomou o caminho indicado.

Sebasto, então, dirigiu-se a uma casa coberta de sapé, de um caboclo da região, e perguntou de quem eram aquelas terras.

– São do coronel Antônio de Mello, do engenho Timbó.

– Ele é casado com minha cunhada Anália. Já passou carro por aqui?

– Só de boi.

– É longe daqui a casa do engenho?

– Um bocado.

Sebasto se apresentou e o caboclo já o conhecia de nome, através do patrão. Juntos trocaram o pneu e foram até a casa do engenho, depois de muito trabalho de enxada para ajeitar o caminho.

Foi uma surpresa a chegada de um automóvel à casa do engenho e um susto, quando viram que Sebasto era o chofer.

– Que surpresa é essa, você aqui e de automóvel!

Sebasto contou-lhe toda a história, descansou o resto do dia e, na manhã seguinte, saiu dirigindo cautelosamente. Acocorado junto

ao banco de trás, foi um empregado do engenho, com ferramentas para abrir passagem, quando necessário.

– Esse caminho vai até o engenho do nosso amigo Batista. Lá, você libera o meu caboclo e Batista mandará um dele acompanhá-lo até sua fazenda.

– Nem vai ser preciso, basta ir comigo até o engenho Taquara e lá pego outro caboclo para me ajudar nas passagens do rio, que já é limite com a nossa fazenda.

Com mais dois dias, pela primeira vez ouve-se uma buzina de automóvel na fazenda Lagoa Nova. Foi uma festa!

Uma semana apenas foi necessária para se recuperar da grande aventura e planejar o resgate de Almofadinha, seguindo as indicações de Madame Consuelo.

Encomendando a alma do ladrão

Era uma questão de honra: o Almofadinha seria devolvido a qualquer preço. O cavalo ou o enterro do ladrão. Pelas horas decorridas em caminhos, que eram trilhas através de fazendas e engenhos, não era difícil colher informação de se algum viajante tinha passado, conduzindo pelo cabresto um cavalo. Principalmente porque não era qualquer cavalo, mas o Almofadinha, admirado em toda a região.

Três dias depois, Sebasto chegou em Anadia, exatamente como dissera Madame Consuelo. Seguindo as indicações, localizou o engenho de um receptor de cavalos roubados. De longe, viu o Almofadinha no pasto.

Antes de aproximar-se do animal, Sebasto manteve um diálogo rápido com o senhor do engenho:

– Agora, neste instante, o senhor tem dois caminhos: o do cemitério ou a devolução imediata do meu cavalo.

O homem conhecia a fama de Sebasto, e se amaldiçoou por ter feito negócio com o Almofadinha.

– O senhor está me fazendo uma acusação injusta. Admito até que alguém tenha, por medo, colocado seu cavalo no meu engenho, ao saber quem era o dono. Vou mandar reunir todos os animais, se o seu cavalo estiver no meio deles, é só pegar e levá-lo. Enquanto isso, convido-o para o almoço, que aqui é às dez horas.

– Muito obrigado, na minha terra o almoço é mais tarde e não tenho certeza da sua presença, se não encontrar meu cavalo.

No rebanho de duas dezenas de cavalos, lá estava Almofadinha.

– A quem o senhor comprou este cavalo?

– Não tenho o nome dele gravado na cabeça.

– Não tem?! Não será difícil sair daqui com o nome dele e o senhor com a certeza de perder o seu vendedor de cavalos. Diga-lhe que se entrar nas terras da fazenda Lagoa Nova, no município de São José da Lage, lá ele será enterrado. Até logo.

– Ah! Agora mesmo veio-me à cabeça o nome dele: Manoel de Freitas.

– Este nome não me é estranho, creio que é irmão do José de Freitas, há pouco falecido.

Sebasto pareceu vacilar um instante, apenas o suficiente para decidir contar a história:

– O José tem uma história triste, mas honrada, que vou lhe contar. Ele trabalhava para mim, limpando mato de enxada. Aí eu lhe disse que poderia, nas suas folgas, plantar um roçado de milho e colher as espigas, desde que deixasse o caniço e as folhas secas para o meu gado. Assim ele fez. Trocou comigo mesmo os vinte e cinco sacos de milho por um cavalo, já afeito à cangalha. A troca lhe foi vantajosa e José passou a trabalhar transportando areia em caçambas, no lombo do cavalo, ou tijolos, para quem precisasse

destes materiais. Como estava indo muito bem com o negócio, comprou dois quilos de carne de boi, fresca, cozinhou de uma só vez e consumiu toda ela num almoço. Foi a sua perdição. Sem o costume, teve uma congestão e morreu no mesmo dia. Foi uma pena, era honesto e trabalhador.

Sebasto reassumiu a expressão mais dura, de quem não está para brincadeira:

– Não sei onde o irmão dele, Manoel, aprendeu a roubar cavalo. Apesar do parentesco com pessoa que muito me merecia, diga-lhe que sua alma precisará de muita penitência, se ele cruzar terras da minha propriedade. Vou lhe mostrar a minha marca no lado direito da queixada do meu cavalo e permito-me aconselhá-lo a não adquirir nenhum animal com ela. Seja prudente, que poderá viver muitos anos.

A chegada de Almofadinha a Lagoa Nova foi uma festa. Toda a vizinhança foi ver o cavalo e pedir a Sebasto que contasse os lances do resgate de seu cavalo, o que ocorria pela primeira vez na região.

Como não havia polícia, os ladrões não só roubavam, mas também eliminavam quem ousasse denunciá-los. Ladrão de cavalos era sinônimo de ousadia, coragem e crueldade. A lei do silêncio era a única garantia de vida. Mas como o dinheiro era fácil, proveniente dos coiteiros e receptadores, os ladrões, muitas vezes, ficavam se vangloriando dos feitos nos braços das raparigas de ponta de rua, depois de embriagados. E era contando inconveniências que, por vezes, iam parar no cemitério.

Mas agora Sebasto estava feliz. Almofadinha tinha sido recuperado, graças às informações da cartomante do Recife. E o

automóvel estava guardado na garagem recém-construída na fazenda. Sebasto organizou um mutirão para alargar os caminhos de carro de boi. Ele queria possibilitar a vinda de automóvel dos amigos de cidades e vilas próximas para a grande vaquejada no dia 16 de dezembro, aniversário da caçula, que completaria três anos.

– Vai ser uma festa de arromba!

A vaquejada

A vaquejada é uma festa nordestina promovida por fazendeiros criadores de gado. Nas festas de vaquejada, há exibições de cavalos altamente treinados em corridas no mato, no mourão, em saltos de obstáculos, principalmente de valetas, tão dóceis ao comando do freio que até parece que trabalham em circo. À medida que o consumo de cachimbo aumenta, os vaqueiros fazem as mais variadas exibições, com suas roupas de couro de veado macio como veludo. Naturalmente, sempre um bom sanfoneiro faz reboar o som da sanfona, com cantos de improviso que deleitam os presentes. É uma festa recheada da impetuosidade dos cavaleiros, dos versos improvisados, misturados com o som dolente e encantador da sanfona. Entre as moças e os rapazes que vão apreciar a festa, sempre surgem romances e até casamentos.

Nos idos da década de vinte, a vaquejada se dividia em duas partes. A primeira consistia na pega de boi brabo, pela manhã, e a corrida de mourão, à tarde. O boi brabo era um tourinho de dois a três anos de idade que, após o desmame com um ano, era posto em um cercado de mato cerrado, com córregos e serras, onde ele se

tornava bravio pelo isolamento. Nenhuma outra rês poderia existir naquela área. Após uns seis meses, ele se escondia onde o mato fosse mais cerrado. Pastava e bebia água à tardinha ou à noite. Durante o dia, ele se escondia no mato adentro, permanecendo deitado, quando houvesse algum barulho. Tornava-se selvagem, principalmente porque, uma vez por mês, um vaqueiro bom rastejador o localizava e ele saía em desabrida carreira, procurando os locais onde a mata era mais densa para se esconder.

O grande vitorioso da pega do boi brabo é aquele que encontra o boi no mato, derruba-o, põe-lhe a cabrema entre a cabeça e a pata, o que lhe tolhe os movimentos, depois uma sineta no pescoço e o conduz, agora com muitos outros companheiros, para o pátio da fazenda. Todos usam guarda-peito nos cavalos, para protegê-los contra pontas de pau e espinhos. O vaqueiro também se protege usando chapéu de couro, luvas, gibão, guarda-peito, calça de couro, rígida como uma perneira de joelho, até os pés, protegidos por robusto sapato também de couro.

Em geral, quem localiza o boi é um rastejador que tem olfato aguçado, vista perfeita para perceber o rastro no chão ou uma folha virada pelo passar do animal. Na maioria das vezes, o boi é localizado escondido no matagal denso, em absoluto silêncio, até a arrancada desabalada com a aproximação do vaqueiro, percebido pelo olfato. O vaqueiro se atira em perseguição, montado, naturalmente, no seu cavalo afoito e treinado nesse tipo de corrida, rompendo espinhos, pulando árvores caídas, desviando-se de galhos e do cipoal com o corpo deitado, ora pela direita ora pela esquerda do pescoço do cavalo, sem, no entanto, perder por um segundo a visão do deslocamento, às vezes em ziguezague, do boi perseguido.

Já a corrida de mourão consiste numa corrida de dois cavaleiros, um de cada lado do novilho ou novilha, que são postos para fora do curral pela porteira em desabalada corrida e que são

derrubados, puxados pela cauda pelo cavaleiro da esquerda ou pelo da direita, se este for canhoto. Era o caso de Sebasto, que sempre brilhava com Almofadinha entre os melhores cavaleiros e melhores cavalos da região, treinados para esse tipo de corrida.

Mas para o major, dessa vez, o sucesso maior da festa foi o pátio da fazenda, coalhado de automóveis estacionados. Nada menos que vinte e oito amigos e vizinhos de Sebasto vieram à festa em seus automóveis, pelos caminhos recém alargados especialmente para a ocasião.

João Gila, da Esperação

O sanfoneiro João Gila era figura indispensável em qualquer festa realizada num raio de dezoito quilômetros da sua moradia, na fazenda Esperação. Filho de italiano, de profissão carpinteiro, um artista em armários, mesas e cadeiras, mas que, na ausência do vinho, tradição da sua terra, consumia mesmo a cachaça de alambique de barro.

– Paolo – era o nome do pai –, você hoje tem muito trabalho de carpintaria e só vai molhar a goela quando acender o candinheiro – era a recomendação que a mulher Francesca lhe fazia, quase que diariamente.

– Tome conta da casa e dos filhos, porque a minha obrigação eu sei cumprir e faço bonitos os móveis e os filhos.

Eram cinco filhos, três moças e dois rapazes, todos realmente bonitos, sobretudo os homens, porque as atividades de sanfoneiro e vaqueiro não os deixavam engordar.

Paolo lamentava não haver escolas na região. O hábito local era a própria mãe ensinar aos filhos a ler, quando sabia, ou então

criá-los analfabetos. Os que tinham posses contratavam professoras, que residiam nas fazendas e instruíam os filhos dos fazendeiros até o nível de segunda classe. Daí em diante iam estudar nas cidades. O beabá a Francesca ensinava, e por aí ficava. Os dois irmãos de João seguiram a profissão do pai, mas ele, o mais velho, remexendo num baú ainda feito pelo avô, encontrou uma sanfona, que logo lhe atraiu a atenção. Removida a poeira e amaciada com azeite de mamona, João começou a dedilhar o velho instrumento.

Ao reconhecer o som desconexo, Paolo recordou a história das noitadas do seu pai na Itália, que tantos desentendimentos causaram entre o casal. Esta era a razão para o carpinteiro evitar de tocar a sanfona, não queria mais brigas com a mulher. Bastavam as da cachaça.

– João, trate bem dessa sanfona – falou-lhe o pai. – Vou te ensinar o começo e daí pra frente vai o jeito e a vontade do tocador. A desvantagem do tocador é que ele só arranja mulher que sobrou da festa. Todo mundo dançando e chumbregando e tu suando. Mas é gostoso aquele som rouco no pé do ouvido varando a noite, a poeira subindo, o cachimbo rolando e você emendando uma música na outra, o suor correndo de bica, o copo de cachimbo sempre pelo meio, e as morenas se abaixando, largando o par, e cochichando no seu ouvido: “Toque o Casamento da Raposa”...

Mais do que o velho Paolo esperava, seu filho João herdara os dotes musicais do avô. O dedilhar errado até acertar se tornou uma obsessão. Com dois meses, o João já era procurado para tocar nas festas próximas. Com um ano de sanfona, ele já não dava conta dos chamados.

– Qual o preço duma noite inteira, João?

– Pra você que é conhecido, um bezerro desmamado ou trinta mil réis.

– Assim você vai acabar fazendeiro.

– Faça as contas e veja quantas noites preciso tocar, vendendo bezerro de trinta mil réis, para comprar terra, cercar e encher de vacas!

– Tá combinado... – e sempre diziam: – mais esse aqui de grujeta.

João Gila, como era chamado, encantava a todos com músicas regionais, entremeadas às vezes com versos improvisados, estimulando o clima romântico entre os pares. Ele próprio se destacava no meio da caboclada com seus cabelos louros, dentes alvos, riso fácil e galanteios comedidos. Não foi preciso juntar centenas de bezerros para comprar uma fazenda. Na vaquejada de um grande fazendeiro, do meio para o fim da festa, já com as faces afoqueadas pelo cachimbo, não resistiu à formosura da terceira filha do dono da casa, quando ela se aproximou:

– João, toque aquela música do Sabiá.

– Se você ficar do meu lado, só vou tocar o que você pedir.

– Receio sua namorada não gostar...

– Ainda não encontrei a mulher que tirasse a minha paixão da cabeça.

– Quem é a sua paixão?

– Agora minha cabeça está aliviada e o coração pesado com a sua presença.

– Como é, João, veio tocar ou namorar? – perguntou o pai de Cira, o dono da festa.

– Com sua licença, se a Cira ficar do meu lado e ela quiser, vou tocar até o sol ficar de fora.

Tudo deu certo. João Gila continuou tocando sua sanfona pelos tempos afora para o seu deleite e dos outros também, mas não cobrava mais um bezerro por noite. Como dote, recebeu uma fazenda repleta de vacas e bezerros. Foram felizes, mas o som da sanfona, ao longo da vida, lhe dava prazeres e recordações inesquecíveis.

Tragédia em Roçadinho

Foram desaparecendo as traíras, piabas, jundiás, caboges, caritos e muçuns. O maior ia engolindo o menor. Foi uma transição triste, com sentimento de fim. Era o avanço civilizatório conduzido pelos trilhos. Tudo ia se tornando usina. A pequena quantidade de tiborna que os engenhos jogavam nos rios, agora com o nome de vinhoto e em quantidades assustadoras, foi transformando os riachos em depósitos de líquido fedorento. A pescaria de anzol de alfinete ou de puçá, nunca mais. Acabou a alternativa da pobreza na entressafra. Nem mesmo as lavadeiras podiam mais bater suas roupas nos lajedos ou tábuas, à margem dos riachos, porque o vinhoto destruía os tecidos.

É sabido que a monocultura enfraquece a terra. E a cana não pode ser sombreada. Ela precisa do sol e por isso todas as árvores são derrubadas, principalmente as jaqueiras, mangueiras, pés de fruta-pão, cajueiros. Só as bananeiras ficam às margens dos rios e riachos porque evitam o desbarrancamento.

Ao mesmo tempo em que as usinas de açúcar enriqueciam algumas famílias e propiciavam progresso tecnológico, com a

mecanização do plantio, da colheita, do transporte e do fabrico, o trabalhador braçal ia perdendo a sua fonte de sustento. Via-se obrigado a botar o pé na estrada, à procura de lugar para morar e trabalhar, nos engenhos de rapadura ou fazendas de criação de gado. A mão-de-obra analfabeta não tinha como se adaptar. O progresso desejado pelo sertão, através das estradas, do telégrafo, do telefone, também trazia no seu bojo o gérmen destruidor do poder dos fazendeiros, os coronéis. Os engenhos foram sendo engolidos um a um.

Roçadinho era um dos poucos que resistia. Foi quando a tragédia se abateu sobre o engenho.

O relógio carrilhão da sala, em Lagoa Nova, acabara de tocar a meia-noite, quando Sebasto foi acordado pela batida na porta. Ainda tonto de sono, perguntou, como de hábito, no interior nordestino:

– Quem vem lá?

– É de paz – foi a resposta. – O capitão Rogério morreu.

– Meu pai morreu?!

– Sim senhor, morreu.

– De quê?

– Não sei, morreu na cama.

– Chame o vaqueiro, pegue o cavalo pampa, encilhe rápido, que já estou me aprontando.

As duas léguas foram tarefa pesada para o cavalo, que chegou ao engenho Roçadinho em menos de uma hora.

– Mamãe, de que morreu meu pai?

– Sentiu-se mal, dei um chá de erva-doce e Juca, seu cunhado, debruçado sobre Rogério, disse que era coração. Mexeu pra lá, pra cá e me disse que ele estava morto. As mãos, os pés, as orelhas já estão frias... Morreu – balbuciou Tauã, os olhos inchados, parecendo não acreditar no que ela mesma dizia.

A vila de Roçadinho, em peso, compareceu ao enterro. O padre, quebrando sua rotina – era quinta-feira – atendeu ao chamado e rezou missa de corpo presente.

O Juca não passava na garganta de Sebasto pela esperteza, interesses escusos e, quem sabe, a culpa de um assassinato. Na cabeça de Sebasto crescia a cada instante essa hipótese. Nenhuma prova, ninguém levantou a suspeita. Mas Sebasto sabia, assim imaginava, do que o cunhado, sem bens e trabalho certo, seria capaz. Nenhuma prova, nenhum testemunho. Mas, quase convicto, a idéia de olho por olho, dente por dente, atormentava Sebasto e sugeria vingança.

– Mas, que diabo, não tenho certeza. Vou esperar, quem sabe se minha irmã ouviu alguma palavra ou frase do marido sobre herança, com meu pai ainda vivo. O tempo dirá – concluiu Sebasto consigo mesmo.

Por ser o filho mais velho, a mãe, Tauã, passou-lhe a incumbência de inventariante. A prole de Rogério, composta de três filhos e sete filhas, todos casados, optou por vender suas partes. Sebasto comprou a dos outros herdeiros, e proibiu o cunhado Juca de voltar ao engenho, sob pena de alto risco. Tauã transferiu-se para a cidade próxima, onde viveu até seu último dia, sempre sob os cuidados do filho.

Agora proprietário de muitas terras, vizinho de grande usina de açúcar, passou a ser assediado para suspender a moagem e

vender toda a sua produção à usina. Apesar das boas relações, Sebasto continuou recusando a proposta, por ter observado que todos que se renderam, terminaram como meros fornecedores, com dívidas impagáveis.

Para vencer a pressão do usineiro, optou por desmontar as engrenagens do engenho, transformando os canaviais em pasto para criação de gado.

– Não devo plantar cana para moer no engenho, porque a usina comprará o meu açúcar pelo preço que quiser, para industrializá-lo e lançar no mercado. Ou vou ocupar a terra plantando cana com prejuízo ainda maior. Cana só para ração dos animais – decidiu. – Vou aumentar meu rebanho bovino e plantar milho e feijão nas terras planas e de encosta, que são as melhores. Vou comprar dez depósitos de zinco com capacidade de dois mil litros cada um, para colocar milho e feijão.

O raciocínio de Sebasto era que o gado se reproduz, mas leva tempo. O milho e o feijão, de ano em ano dá uma safra. Com o dinheiro dos cereais, ele financiaria o crescimento do rebanho. No ano em que o preço do cereal não fosse compensador, ele poderia colocar no depósito, calafetar as tampas de entrada e saída dos depósitos com sabão, para evitar pragas, e esperar que todos os plantadores vendessem a sua produção. A partir daí, Sebasto esperaria a alta de preço, pela falta da mercadoria, e sempre poderia aplicar o lucro obtido em gado. As despesas do dia-a-dia seriam supridas, com fartura, pela venda de queijos de manteiga, o que havia de melhor, em técnica, na época.

Com trabalho exaustivo ao longo de alguns anos, Sebasto construiu sua independência econômica, combinando agricultura e pecuária à sua moda, mas que tinha lógica e deu certo.

Era o fim de um ciclo na economia rural brasileira. Só o casarão sobreviveu como relíquia do velho engenho Roçadinho.

De réu a juiz

A petulância não ficou impune. Como um fazendeiro de quatro centenas de cabeças de gado ousa recusar a “proteção” de poderoso dono de usina onde o mestre-de-açúcar é substituído por engenheiro químico? Apesar do desencontro de interesses, a cordialidade era conveniente. O tempo, naturalmente, confirmaria o provérbio: “A corda arrebenta do lado mais fraco”.

Na fazenda Lagoa Nova, foi implantada uma fábrica de queijos, que eram vendidos, aos domingos, na feira de São José da Lage. Em rodízio normal de funcionários da Coletoria, designaram novo fiscal de consumo para a cidade. Sua função era verificar a utilização dos selos, que deveriam ser pregados nas mercadorias. Como a umidade da manteiga anula a aderência do selo, o vendedor guardava os selos no bolso, para apresentar à fiscalização quando solicitado.

- Seus queijos estão apreendidos por não estarem selados.
- Doutor, a manteiga não deixa o selo grudar.
- Isso é problema seu.

– Meu não, porque eu tô só vendendo. O queijo é do major.

– Major de quê?

– Nós trata ele de major, não sei não senhor.

– Diga a esse major que, no domingo próximo, se os queijos estiverem sem os selos, serão presos queijos, major e quem estiver com ele.

A ameaça veio na medida. No domingo seguinte, com as caçambas cheias de queijos, com os selos nos bolsos, o queijeiro ocupou o mesmo lugar. Sebasto avisara a amigos que os queijos, o queijeiro, nem ele seriam presos. E que se o fiscal não aceitasse os argumentos e insistisse em prendê-lo, levaria uma pisa de bengala de junco, daquela usada como acessório de montaria.

A notícia correu rápida e os queijos não chegavam para os compradores, tal a procura. No meio do povão, um cidadão de gravata, barbeado, cabelo penteado para trás, comprou um queijo e perguntou pelo selo. O queijeiro meteu a mão no bolso e lhe entregou o selo.

– Os queijos, você e seu patrão, se aqui estivesse, estão presos.

Sebasto, no meio das demais pessoas, deu uns passos em direção ao fiscal e lhe perguntou rispidamente:

– De que poder policial o senhor está investido?

– Sou a autoridade competente e não tenho que lhe dar satisfações

– A mim, tem, sou um cidadão cumpridor das minhas obrigações e uma delas é não ouvir desaforos nem levá-los pra casa.

Acompanhando as palavras, a bengala desceu e subiu inúmeras vezes sobre o coletor que, agarrado pela boca da calça, de cabeça para baixo, gritava, inutilmente, por socorro. Chamado

o farmacêutico, amigo de Sebasto, este limpou as escoriações com éter, deu-lhe para beber água végeto-mineral, disse que não custava nada e retirou-se.

Foi uma glória! Qual o comerciante que tolera fiscal que sempre anda azedo? Após sindicância policial e processo, o juiz advertiu o fiscal em dura preleção, censurando o coletor pelas ameaças indevidas. Um lauto almoço foi oferecido pelos amigos, tendo à cabeceira da mesa o próprio juiz, que ouviu discursos elogiando Sebasto e a imparcialidade de sua Excelência.

Sebasto, logo a seguir, recusou convites para funções públicas na cidade. Seus afazeres e a distância de trinta quilômetros não lhe permitiam. Entretanto, cada vez mais ele era reconhecido como uma espécie de juiz leigo, para todas as questões. Era inventário na distribuição dos pertences, convencimento de padres para realizar casamentos duvidosos diante da Madre Igreja, recados para ladrões de cavalos que desaparecessem da área para evitar mortes, comprometimento de todos sob sua influência em votar nos candidatos por ele indicados, encomenda a cantadores de feira de versos destruindo os adversários.

Toda a prática própria da autoridade constituída, ou essa ocupação do espaço por ela deixado, passava despercebida pela população analfabeta, que seguia de olhos fechados as determinações do major. Eram analfabetos, mas eleitores. Haja perus para festejar depois. A filiação partidária era secundária, como hoje, o importante eram o nome e as relações de amizade.

Com o passar do tempo, Sebasto, agora simplesmente major, com mais uma ampla propriedade, comprada de hipoteca não levantada e transformada em fazenda de gado para recria, ampliou o patrimônio e também o número de moradores em suas terras. Embora fosse conhecido de nome, foi preciso repetir as

regras para quem quisesse permanecer na sua fazenda, batizada com o nome de Ipiranga, naturalmente homenageando o grito da Independência.

Dentre os residentes de Ipiranga, ele escolheu uma mulher de idade além dos cinqüenta, para informá-lo das ocorrências na sua ausência. Era Maria Grande, negra, alta, de origem senegalesa, muito sagaz e trabalhadeira na sua roça de milho e feijão, ajudada pela filha sem marido, mas com um filho de dois anos.

– Maria Grande, você mora à beira do caminho de entrada da fazenda, conhece todo mundo, sobrevive com seu trabalho e a venda de cachaça. Não quero venda de cachaça. Só dá briga e olho grande em cima da sua filha e, quem sabe, uma encompridada pra cima de você...

– Mas major, a metade da lavoura é pra pagar o arrendamento, a cachaça salva a lavoura.

– Maria Grande, fale a verdade: você fiscaliza sua filha, mas quem lhe fiscaliza?

– Ah major, de dia todo mundo me fiscaliza, de noite, só Deus.

– Com essas conversas da boca da noite se fica sabendo de tudo. Vou estabelecer o seguinte: não lhe vou cobrar arrendamento da terra onde você planta sua roça a partir desta que já está tirando. Vou cercar toda a propriedade em dois meses, mandar arrancar toda a erva-de-rato, que é um veneno danado para o gado, e depois vou colocar duzentas cabeças de novilhas e vacas solteiras. Como o rio passa do lado da sua casa, você sempre dê uma olhada na hora da bebida. Fique de olho que não admito na minha propriedade ladrão de cavalos, homem casado emprenhando moça virgem, nem tomar a mulher do outro. Matar, só em defesa da honra, ou se tiver mulher no meio.

Maria Grande ficou exultante. Dispensada de pagar arrendamento da terra, tornou-se depositária de uma parcela de confiança, incumbida de relatar as ocorrências.

– Bem, não posso vender cachaça, mas um bolo manuê, umas pamonhas no mês de junho com café, o senhor deixa?

– Deixo.

– Bom dia, Maria Grande.

– Bom dia, seu major.

– As terras tão cercadas, divididas em dois pastos, erva-de-rato não se encontra mais. Dividi o rio com a cerca, para que a bebida fique debaixo da sua vista, junto da sua casa. Qualquer rês morta mande-me avisar.

Semanalmente, o major percorria a fazenda, contava o gado e ouvia as novidades. Numa das vezes em que o Major percorria a propriedade, olhava e contava o gado, notou Maria Grande calada, como se estivesse preocupada.

– Tá triste, Maria Grande?

– Não sinhô... Tenho uma história pra contar pro sinhô, mas tô com vergonha.

– Deixe a vergonha pra lá e conte logo essa história, porque tenho ainda muito que fazer e o sol já está quebrando.

– O senhor se lembra do Aprijo, que mora lá na grota do Tamanduá, junto da bueira que atravessa o rio?

– Sei, sim, quem é, por quê?

– A fia dele tá prenha.

– E eu com isso?

– O senhor já falou pra todo mundo aqui no meu terreiro que moça solteira na sua terra não podia emprenhar.

– É! Falei sim e daí? Quem emprenhou a menina, quem é esse cabra safado?

– Aí que tá o ipicilone...

– Não se sabe quem foi?

– Todo mundo sabe... Foi o pai dela.

– O pai dela?!

– Sinsinhô...

Zé Santino, alto, magro, hábil e rápido como todo bom vaqueiro, acompanhando o major nos trabalhos com o gado no curral, ao lado da casa de Maria Grande, atendeu rapidamente ao chamado:

– Vá à casa do Aprijo, que mora próximo da bueira que atravessa o rio, junto do pé de caju doce, e traga-me ele aqui de qualquer jeito!

– E o gado?

– Largue tudo e cumpra a ordem.

O cavalo castanho, baixo, atarracado, campeão das corridas de mourão, estava amarrado, encilhado. Foi só passar a perna e sair disparado.

– Aprijo, bote uma camisa que agora mesmo o major quer falar com você lá no curral.

Pelo mal cometido à filha, ele logo imaginou o risco que estava correndo, principalmente por estar bem próximo ao major

no dia das recomendações sobre o que seria tolerado. Não tinha como se desculpar, foi da boca dele que o major ouviu que a obediência de sua parte seria total.

– Pronto, major, tá aqui o home.

– Cabra, não gagueje, nem pestaneje e me responda quem emprenhou sua menina. A mentira vai lhe sair mais cara que o castigo pela confissão.

– Abaixo de Deus conto cum a proteção de vosmincê. O pai da criança é eu mesmo.

– Você ouviu muito bem tudo que era proibido acontecer nas minhas propriedades. Emprenhar moça solteira só depois do casamento. Você ouviu muito bem minhas palavras. Vou lhe dar um castigo.

– Pelo amor de Deus, não me mate.

– Não, você não vai morrer. Vou devolver a Deus o direito que ele lhe concedeu de produzir filhos com quantas mulheres quisesse, menos com a sua filha.

– Por Nossa Senhora não faça isso comigo.

– O seu pedido vem tarde. – E virando-se para os vaqueiros:
– Zé Santino, Eusébio, vamos capar esse cabra, como estamos fazendo com os garrotes de engorda.

O processo é arcaico, mas até hoje é adotado em todas as fazendas de engorda. A única diferença é que substituíram a madeira e a corda por um alicate, cuja finalidade é a mesma: alongar os cordões seminais e, com alguns golpes de macete, destruí-los, sem levar em consideração a dor atroz do animal. A fertilidade é substituída pela obesidade.

Decorridos quatro meses, com a saúde restabelecida, Aprígio – esse era o seu nome – envergonhado, juntou a família e se mudou para onde não era conhecido. O castigo foi doloroso em todos os sentidos, mas o exemplo, por muito tempo, ficou vivo na memória de todos que moravam nas terras de Sebasto.

Feirantes e feireiros

As feiras no interior sempre foram um grande encontro social. Normalmente aos sábados e domingos, as famílias aproveitavam para visitar os parentes que viviam em fazendas e engenhos. Quem tinha posses vinha em lombo de animal ou em carro-de-boi. A grande maioria vinha mesmo descalça e a pé. Eram os trabalhadores mais pobres, obrigados a fazer as compras no barracão da fazenda ou engenho, onde iam contraindo dívidas impagáveis. Mas ir à feira, para a rapaziada, era mais para dar uma passada na zona de meretrício, ver as mulheres e poder contar histórias fantasiosas no retorno. Mesmo porque, com a inibição e sem dinheiro, só dava para olhar a distância.

Além do cantador de desafio com viola, uma das grandes atrações da feira era o homem da cobra. Com uma cascavel dentro de um saco, claro que sem o dente que injeta o veneno, o curandeiro se deixava picar, dizendo que tinha o corpo fechado pela reza. Para quem não acreditasse, tinha uma garrafada de raízes na cachaça: depois de vinte e um dias enterrada em terra vermelha,

bastava tomar duas vezes ao dia, no nascer e no pôr do sol, começando na segunda e terminando na sexta-feira. E a história ia se encompridando, o homem falando sem parar e a roda em volta crescendo. Um sucesso.

Nos dias de sol as mercadorias eram expostas no quadro, espaço compreendido entre a frente da Igreja e duas fileiras de casas, diferenciadas pela cor, todas do mesmo estilo. Mais afastado ficava um amplo curral, onde os animais que transportavam as cargas tinham água para beber. Sempre havia um inspetor de quarteirão para manter a ordem, naturalmente indicado pelo chefe político local. Milho, feijão e farinha eram vendidos por litro. Uma quarta, duas quartas, três quartas, um quilo, isto quando era mercadoria de balança. Também tinha a quarta de cuia de farinha, por exemplo, dois litros e meio. A caboclada gostava de comprar tudo pela medida e não pelo peso. A sabedoria do vendedor era freada pelo olho experiente do comprador. O termo caboclo – meu caboclo – era tratamento carinhoso, mas que sempre se dirigia aos de cor morena e cabelos lisos, o que caracteriza a cruza com índios.

Quem fazia compras para a casa de Sebasto era quase sempre João Aroeira. No costume da época, as mulheres dos fazendeiros, comerciantes, donos de engenho, não freqüentavam a feira, nem mesmo efetuavam compras diárias nas casas comerciais. O empregado levava o rol das mercadorias a serem adquiridas e o vendedor confirmava com a assinatura o que tinha vendido. Na feira, a compra era realizada sempre pela mesma pessoa, que ouvia atentamente a patroa ler todo o rol e ele era o fazedor de feira, precisamente pela sua capacidade de guardar de cabeça tudo que ouvira. Os feirantes conheciam esta pessoa não pelo nome, mas pelo do patrão.

João Aroeira era analfabeto, como todos os demais compradores, mas com uma aguda inteligência. Não usava rol: ouvia

atentamente a leitura das encomendas e não falhava. Ele aproveitava quando fazia a feira do patrão, para vender a carne do bode que matava toda semana, sua principal fonte de renda. Como o pagamento só era feito na feira seguinte, feirantes e feireiros se identificavam pela camisa, que era sempre a mesma. Na prestação de contas, João Aroeira usava uma simbologia por ele criada, correspondendo aos valores da moeda. Era realmente invejável a sua criatividade, substituindo o analfabetismo por uma escrita pessoal.

Mas por que a patroa não ia à feira? Por várias razões: o marido não queria expô-la ao público; mulher era para cuidar dos filhos; feirantes eram julgados de camada social inferior; poderia ouvir algum palavrão como filho da puta, tão comum na linguagem popular; o cavalo tinha que ser preparado com cilhão, para montar de lado; o cansaço com a viagem; o contato com roceiros e, principalmente, a possibilidade de saber de alguma conquista do marido.

Mulher, naquela época, limitava-se a “sinsinhô”, “xô galinha” e “passe pra dentro menino”.

Enquanto a feira rolava o dia inteiro entre feirantes e feireiros, as transações de compra e venda de gado, cavalos, cabras, aconteciam na parte da tarde. Nunca pela manhã, porque oferecer, e assim logo de saída, significava necessidade de dinheiro, má qualidade do animal ou mesmo dos cereais à venda.

– Compadre, eu aumentei minha criação de gado fêmea e queria misturar, pra fortalecer o sangue do animal. Você sabe que raça pura não agüenta carrapato nem mosca mordendo o dia inteiro, vai juntando sangue coalhado, a mosca varejeira vem em cima, e você já viu: uma bicheira que só cura com mel de fumo de rolo do bom.

– É, compadre, você tem razão. Eu não queria vender nenhum dos dois garrote que comprei na fazenda Guzerá. Fiz uma viagem de dois dia, inda bem que fui na minha burra baixeira chamada Morena – você conhece ela – essa não tem preço. Um dia desse passou lá pela fazenda uma tropa de animal pra vender e me ofereceram quatro burro nela e eu não quis.

Os dois compadres já sabiam que o interesse de compra e de venda girava em torno de um dos garrotes. Mas a manifestação clara de uma das partes tem influência no preço.

– Se eu tiver interessado na Morena, qual o preço que você me faz?

– Ah!... compadre, já lhe disse que essa não tem preço.

– E o garrote tem?

– Não penso em me desfazer de nenhum dos dois, mas como somo vizinho e amigo, vou pensar. A minha dúvida é que quem tem dois, tem um. Quem tem um, não tem nenhum. Isso é o que se diz por aqui.

– É, eu sei disso, mas quando um vizinho precisa o outro atende. Mas compadre, fale lá, quanto quer pelo bezerro?

– Bezerro! Dentro de um ano isso aí é um boião de doze arroba. Só se ele comer muita pedra misturada no capim. Compadre, olhe bem a garupa desse garrote... Larga e comprida. Quando encher tudo isso de carne precisa de duas balança pra pesar ele. Uma só não agüenta, quebra.

– Dou quinhentos!

– Não brinque, compadre... se quer fazer negócio fale sério.

– Dei a partida. Então fale.

– Não faz uma semana que por aquele garrote, o de gola pintada, seu Quintino, nosso vizinho, me ofereceu uma égua amojada, prena de um jumento andaluz – coisa fina – e mais quatrocentos.

– Mas compadre, fazer negócio com animal de barriga é um risco muito grande. É só aparecer o focinho antes dos dois casquinho das pata dianteira e lá se foi os doze mês de espera e talvez morra até a égua, de infecção.

– Compadre, vire essa boca de praga pru outro lado. Não tou negociando a égua.

– Diga mesmo um preço que dê pra fechar o negócio. Gostei muito do bezerro, dou setecento.

– Já melhorou, mas pra fechar o negócio junto com os setecento vem uma ovelha bem gorda, daquelas que o compadre tem, pra fazer uma buchada aqui em casa.

– Você é danado, antes de esfolar a ovelha já me esfolou. Tá fechado, mas quero o couro da ovelha de volta pra fazer uma manta de sela.

– Você é muito sabido!

– Que nada, mas nós dois junto negociando com os outro, ia dar pra juntar um dinheirão. Tenho uns cinco couro em estado de cru que estou esperando uma pessoa que conheça um curtidor.

– Pois olhe, compadre, conheço um que é de primeira; só curte na gorda da casca de aroeira.

– Onde ele mora?

– Aqui perto, obra de duas léguas.

– Légua de beijo ou légua de verdade?

– De verdade. Vosmincê conhece a fazendola de Zé Tiririca e Nune?

– Conheço.

– Pois é pegado do lado que dá pra Piquete.

– Então já sei. Essa vila de Piquete tá crescendo dum jeito que daqui a pouco tá um cidadão.

– É isso mesmo, as coisa tão dum jeito que daqui a pouco nós, que só sabe desenhar o nome, vamo ter que se mudar prum lugar mais atrasado. A sorte nossa foi que fomo juntando daqui, dali, dacolá e hoje, pelo menos, temo uma situação que se diz por aqui de remediado. Mas tem umas coisa que se aprende com a vida que não muda nunca. Venha o que vier de novo que esse saber não muda. Quer ver uma coisa? Ouvei da boca de Zé Tiririca um ensinamento que progresso nenhum faz mudar ele.

– Então me diga, Compadre.

– E serve direto pra nós, que criamo animal que come pasto e ração. Zé Tiririca, num almoço na casa dele, me perguntou que tipo de animal eu criava. Eu disse: “De tudo”. Ele não perdeu tempo na resposta: “Aprendi com meu pai que criador da nossa marca que não passa de cem cabeça, se quiser enricar tem que saber que tipo de animal deve criar. Não criar cria que não dá leite. A propriedade tem que ter muita água de riacho. Boi macho... um pra trinta vacas; se não der conta, manda pro açougue”. Meu pai ainda arrematava: “Quem bota o fazendeiro pra frente é o animal que mija pra trás.” Outra coisa que sigo o conselho e deu certo: É só criar animal que come no mato e cague em casa. Cavallo, porco, galinha, cachorro, gato, tudo só dá prejuízo. Crio esses animais pro consumo e serviço.

Pra negócio só dá prejuízo. Vaca é que é o bom negócio: come no mato, todo ano dá uma cria e, se não der, vai pro açougue, dá leite e muito estrume na frente da casa, para se botar no plantio de cana pra ração e até mesmo pra uma rapadura. Se o proprietário souber controlar, não fizer negócio besta e trabalhar de sol a sol, enrica.

O Coronel da Usina

Lampião não ataca cidade onde a igreja tenha duas torres. Foi o caso de Mossoró, certa vez. Por isso o padre quer sempre ampliar a igreja. É a tal da política. Com o crescimento das vilas, começa o olho grande pra cima de quem tá melhorando de vida. Tem que ter prefeito, delegado, fiscal de consumo e por aí vai. Não adianta ficar de fora porque o chefão, a três por dois, manda o delegado dar um aperto. O jeito é passar pra dentro e, se possível, mandar nos outros.

Zé Tiririca, mais desembaraçado e consolidado como médio proprietário, adverte seu amigo e vizinho:

– Olhe, compadre Zacarias, vamo lá na usina falar com o coronel Lyra pra ajeitar a nossa situação. Não vamo querer ser chefe de coisa nenhuma, também não se faz chefe dum dia pru outro. Veja o tempo, a dificuldade, o enfrentamento com bandido que Sebasto teve pela frente, pra conquistar respeito de homem de bem e o medo dos bandido.

– Nós dois, compadre Zé Tiririca, já tamo com muito filho e vamo dar pra eles o que não tivemos: muita escola, pra saber ler e

escrever de tudo e chegar a doutor. Mas o que vamo dizer ao coronel da usina?

– Vamo nós dois lá, compadre Zacarias, dizer que temo propriedade dividida por cerca com as terra da usina. Não temo muita posse, mas tamo aqui há muitos ano, do tempo que não havia fiscal nem delegado pra incomodar a gente. Sabemo que o prefeito agora é uma autoridade do mesmo lado do delegado, mas o chefe político sempre foi o dono da usina, que é recebido pelo governador no dia que quer.

– É verdade, compadre, quem, dum jeito ou de outro, nesse município, não precisa da usina? Então vamo nós lá, num dia fora de feira, visitar o coronel Lyra, pra ele conhecer nós e acertar com ele.

– É isso, compadre Zacarias. Com a amizade dele, pra nós é meio caminho andado. Temo que chegar lá bem cedo, obra de sete da manhã. Dizem que às oito hora ele já está suado de tanto percorrer a usina. Quarta-feira, às oito da manhã, tamo lá.

– Bom dia, coronel Lyra.

– Bom dia. Não sei o nome de vocês, mas sei que são meus vizinhos nas terras das bananeiras.

– É isso mesmo. Meu nome é Zé Tiririca e meu compadre se chama Zacarias. Também tenho um irmão chamado Nune que trabalha com nós dois.

– A que devo tal visita?

– Pra nós é muito importante que um vizinho importante como o senhor conheça nós e fique sabendo, pela nossa boca, que tamo à sua disposição. Nós não quer ser nada não, coronel Lyra. Mas na hora de escolher o prefeito, é só mandar um recado: o senhor é homem sabido, é amigo do governador. O senhor sabe que gavião

não pega pinto debaixo da galinha. Aqui fora com os pequeno é a mesma coisa.

O Coronel Lyra tomou a palavra e, para contento dos dois, iniciou sua fala dizendo que sabia da existência deles como bons vizinhos. Aguardava mesmo aquela visita para ouvi-los.

– Nós, coronel, não temo cana pra fornecer à usina. Plantamo um pouquinho, pra dar de ração aos animal. Terra pra plantar até que temo, mas falta recurso pra crescer pra essa banda. Mais pra frente, eu e o compadre Zé Tiririca, com a ajuda da usina, podemo até ser fornecedor de cana.

– Vamos esperar um pouco e, quem sabe, os dois trocarão esses animais por fornecimento de cana para a usina. A cana aqui é industrializada, o lucro é maior do que o do engenho. O futuro está aqui ao alcance de todos nós, usineiros e fornecedores. Vocês fiquem tranqüilos que vou falar com o prefeito e o delegado, que são meus amigos, para não incomodarem vocês.

– A nossa terra, coronel, fica nas Bananeiras. O nome já diz que a terra é boa. Se um dia o senhor aparecer por lá, mande avisar que vamo receber o senhor com festa.

– Podem ir tranqüilos. E fico satisfeito por ter feito dois amigos.

– Eu não falei, compadre Zacarias, que é se falando que se arruma as coisa?

– É verdade, compadre, tá tudo arrumado. Podemo trabalhar descansado e até pensar em plantar cana pra usina.

– Vamo pensar nisso. Podemo até fazer uma sociedade de boca entre nós dois do seguinte jeito: plantar cana na propriedade toda que fica na beira do caminho e o gado todo de nós dois fica na outra. Se der certo, mais pra frente enchemo tudo de cana.

– Compadre Zé Tiririca, tenho um medo danado de mexer com o que não conheço.

– Mas compadre Zacarias, vamo arriscar com uma propriedade; se der certo, vamos plantar nas duas, com o dinheiro ganho em duas ou três safra. Quem sabe nós podemos enricar? Vamo chegar em casa, descansar, amadurar a idéia e não marcar prazo. Acho que duas safra já dá pra ver o desenho da idéia. Fornecedor de cana que começa endividado tá perdido. Nós vamo preparar a terra, as muda de cana a usina fornece de graça, as duas limpa nós temo gente pra isso e mesmo nós, tamo acostumado com o cabo da enxada desde menino. É ter coragem pra enfrentar uma vida nova.

– Isso nós temo, compadre.

– Tou acreditando que, com a proteção de Deus, da usina e do nosso trabalho, vamo pra frente.

– Compadre... Tá tudo bem, vamo fazer o que tamo pensando, mas não será muita coisa pra nós dois? Você tá falando pela minha boca, mas só vai pra frente quem tira ou pula a pedra que encontra no caminho. Meu pai dizia que o certo é fazer como o papagaio: só solta o pé quando tiver agarrado pelo bico.

– Mas também nunca ouvi dizer que papagaio agora vive melhor. Nós moramo num lugar que pela distância, uma légua pra Roçadinho, uma légua pra Piquete, duas légua pra usina Serra Grande e duas e meia pra São José da Lage, cria muita vantagem pro nosso comércio. Até se não plantar cana pra usina, podemos fazer rapadura e queijo de coalho, pra vender na feira. Só aí vamo ganhar um bom dinheiro. No fim da semana um de nós vai à feira de Piquete e o outro vai à feira de Roçadinho. Fazendo que não quer nada, vamo contar que o coronel Lyra chamou nós lá e disse pra gente plantar cana pra nós e pra usina. Aí todo mundo fica

sabendo da nossa amizade com o coronel e as coisa vão começar a correr fácil pru nosso lado.

– Ô compadre, e junto com a história podemos vender na feira umas coisa, caldo de cana, carne de porco, de vez em quando matar um garrote, uma ovelha pra buchada.

– E plantando cana para a usina. Nós podemos ter sabedoria pra esse tipo de negócio. Mas você tem razão, sabedoria de doutor essa podemos dar pros filhos. Aí sim, vamo ser importante com o que os filhos vão fazer. Compadre Zacarias, fé em Deus e vamos pra frente.

A sabedoria de Celestino

Zé Tiririca, Nunes e Zacarias chegaram a fornecedores de cana da usina, mas seus filhos não passaram do quarto ano de escola. A experiência adquirida nas transações com a usina e com o comércio da cidade ampliou também o convívio social das famílias, aproximando a vida nas fazendas da cidade, São José da Lage.

Era uma cidade pequena, sob influência do usineiro, mas que possuía prefeito, um sargento delegado e uma bela igreja com duas torres, dirigida por um padre francês, padre Xavier, que nos sermões dominicais gostava de usar metáforas para maior compreensão dos fiéis. Uma delas era a comparação de Nossa Senhora a uma perua, que nos momentos críticos agasalha seus filhinhos debaixo das asas, protegendo-os de todos os males. As festas religiosas atraíam todos os munícipes, principalmente os jovens. Apesar da resistência dos pais, mas com a conivência das mães, as moças de Bananeiras começaram a freqüentar as festas e dormiam na casa de amigos da família.

Após os festejos juninos, dona Maria Antonia, mulher de Zacarias, abordou o marido para dizer que a filha, Maria Quitéria,

estava namorando. O rapaz era bem situado na vida, vendedor de uma marca muito conhecida de biscoitos.

– Olhe, Zacaria, o rapaz é trabalhador, é branco, lê e faz conta muito bem. Não adianta nadar contra a correnteza. Lembra quando começamo o namoro, que meu pai chegou a contratar um cabra valente pra te dar uma pisa? E que finalmente concordou com o casamento depois que você respondeu a muita pergunta, até o número do colarinho?

– Lembro sim, Maria Antonia. Fiquei tão curioso que perguntei se ele ia me presentear uma camisa. “Não, é porque filha minha não casa com homem de pescoço fino, que morre tuberculoso.” E eu respondi com raiva: “É quarenta e um.” “Tá bem. Abaixo de trinta e nove de pescoço, filha minha não casa!”

– É, Zacaria, mas o mundo tá mudado. Antigamente namorar era palavra feia. Hoje não é mais. O rapaz chega perto dos pais e fala com a cara mais limpa do mundo que tá namorando sua filha. Mas o que podemos fazer, se a falta de vergonha tomou conta do mundo? Nós, véio, temo que engolir em seco esse desaforo e fazer que somo tudo farinha do mesmo saco. Se não for assim as filha vão tudo pro caritó e quando a terra comer a gente, elas ficam no abandono.

– Você tem razão, Maria Antonia. Por isso eu não queria que nascesse criança fêmea. Quando perguntavam: “Dona Maria deu à luz?” – eu respondia: “Já, mas perdeu a barrigada, é menina.” Não é porque homem seja melhor do que mulher, é que quando fica moça, vira uma encrenca da peste: se não casa, é porque é muito feia ou não é donzela e homem que tem vergonha na cara não come pão com banha.

– Que história é essa de pão com banha, Zacaria?

– Ah, Maria Antonia, rapazote quando começa a se enxerir pra cima das menina, não quer namorar quem já teve namorado.

Pão com banha porque é lambuzado, resto dos outro. A cabeça da gente parece uma gaveta, fica tudo lá guardado... Mas quem é a família desse rapaz? – perguntou Zacarias, aborrecido por se tratar de namoro sem fala de casamento.

– A família é de São José da Laje, tem um armazém de compra e venda de cereal.

– Então já sei quem é. É um tal de Celestino que tem um filho de criação. A história desse homem e do filho é muito encrencada. O Celestino compra muito milho e feijão e revende pra todo o município. Ele é um cabra safado. Sabe o que ele faz? Com uma suvela fura os saco de cereal e tira dois, três quilo de cada um. Como ele compra os saco costurado e vende do jeito que comprou, não precisa pesar. Depois de tirar a suvela, o saco fica fechadinho como antes e ninguém vai acreditar que não tem os sessenta quilo. Com isso ele ganha muito saco de sessenta quilo e ninguém desconfia. E se desconfiar, ele diz que recebeu assim, mas como o feijão não tava muito seco, sempre perde de um a três quilo por saco. No comércio chamam isso de sabedoria.

Zacarias faz um muxoxo de reprovação, antes de continuar:

– A história do menino que me contaram é muito complicada. O pai era um grande ladrão de cavalo, que deixava tudo quanto era proprietário assustado com os roubo e a violência. Foi preciso o prefeito ir a Maceió falar com o governador, que mandou quatro polícia pra acabar com o ladrão.

A tarefa não foi fácil, como imaginou o governador. Estabelecido o cerco à casa, logo depois do pôr do sol, com portas e janelas fechadas, ao ouvir o grito do policial, “Abra a porta e se entregue, que é a polícia!”, o ladrão, que se chamava Cassiano, apagou o candeeiro de querosene e respondeu atirando com seu

papo-amarelo. Foi em vão a valentia, porque os policiais, com seus fuzis e farta munição, silenciaram a resistência.

Ao entrarem na casa, ouviram unicamente o choro de uma criança. Três mortos: dois homens e uma mulher. Um menino de um ano chorava numa rede num dos quartos, sem nenhum ferimento. Cumprida a missão, os policiais levaram a criança para a cidade e a entregaram ao prefeito. Foi o maior alvoroço na cidade. Várias famílias se propuseram a criar o menino, de que ninguém sabia o nome. O comerciante Celestino, conceituado por suas posses, casado há quinze anos, sem filho, a mulher gorda e bonachona com inúmeras promessas para engravidar, sem sucesso, foi o escolhido pelo prefeito, depois de ouvir o padre Xavier.

Com a presença de autoridades, depois de identificado o ladrão, os três corpos foram colocados na mesma cova. O padre Xavier compareceu ao enterro e pediu a Deus que os perdoasse, apesar da pesada carga nos ombros, pelos vários crimes praticados. O batismo da criança foi um acontecimento social na cidade. O padre sugeriu o nome de Saulo, na esperança de que o pequenino seguisse o caminho do xará bíblico. Assim, Saulo foi criado com mimos, nada lhe faltando. Apesar de alvo da curiosidade pública, desconhecia a verdadeira origem.

Filho único, mãe já beirando a idade de avó, o pai imaginava tê-lo como substituto no comércio, sem colocá-lo nos negócios de compra e venda de cereais. Saulo era considerado filho de rico, mas não dispunha de dinheiro. Ele se acostumou a apanhá-lo na gaveta, sem o consentimento dos pais. Antecipando-se à consolidação da prática do ilícito, o pai se apressou em arranjar-lhe um emprego. Saulo era simpático, comunicativo, com boa conversa na hora de vender seu produto. Em pouco tempo, conquistou a simpatia e a confiança dos fregueses, que lhe

compravam biscoitos de fábrica conceituada em latas coloridas, com desenhos que atraíam a clientela feminina. A ambição levou-o à percepção de que outros produtos, desde que voltados para a freguesia feminina, poderiam ser vendidos. Assim, foi ampliando o campo comercial e os ganhos.

Num dia de missa, as famílias de Maria Quitéria e Saulo encontraram-se na saída da igreja. As apresentações foram feitas e o Celestino e sua mulher convidaram os pais de Maria Quitéria para um lanche. A troca de gentilezas, o convite para retribuir aquela amabilidade, as abordagens sobre as habilidades domésticas de Maria Quitéria, como também sobre a desenvoltura para o comércio por parte do Saulo, construíram as bases para um próximo noivado.

Aguardaram os festejos de São João – a maior festa nordestina – para Celestino e sua mulher Luizinha retribuírem a visita. Zacarias e a mulher prepararam uma festa onde não faltavam fogueira, buchada de ovelha, bolos de massa puba, milho cozido e assado, macaxeira cozida, patos e capões assados: uma festa digna de um noivado ou casamento. Poucos minutos antes do retorno à cidade, Celestino, segurando pelo braço o Zacarias, afastou-se da fogueira em direção à casa, sentando-se os dois na sala de visitas.

Limpendo o pigarro da voz, Celestino fez um instante de silêncio e começou:

– Zacarias, não sei se é do seu agrado; do meu é, que Saulo e Maria Quitéria se casem.

– Pode ser do seu agrado e do meu também; e é deles dois?

– Pelo que Luizinha me falou, só falta o consentimento de nós dois.

– É, Celestino, você foi rapaz como eu, quando o filho da gente mete na cabeça que quer casar, o jeito é fazer logo o casamento porque senão dá besteira. O seu filho já tem uma situação financeira muito boa, minha filha é trabalhadeira, ajuda a mãe em todo o serviço.

– Então vamos chamar os dois aqui, falar que estamos de acordo e mostrar que a responsabilidade deles é muito grande.

– Maria Antonia, a sua mesa tá muito bonita, não falta nada, tá mesmo do agrado de São João. Chame todo mundo pra cá, vamo sentar, que vou dizer o que Celestino e eu resolvemos. Abra uma garrafa de vinho de jurubeba, daquelas mais antigas. Ainda bem que meu amigo Celestino só tem um filho, porque juntando os daqui de casa a mesa fica cheia. Vamos provar do vinho. Tá um pouco amargo, mas assim é que faz bem a saúde.

Zacarias dirigiu-se à filha:

– Maria Quitéria, sente aqui do meu lado. Saulo, sente junto do seu pai. Celestino pediu a sua mão para o noivado com seu filho Saulo. É do seu gosto?

– É, pai.

– Saulo, é do seu gosto casar com Maria Quitéria?

– É só o que quero.

– Pois a partir de agora tão noivos. Podem ficar juntos na igreja e quando acompanhados pela mãe de um ou de outro.

– Que Deus, Jesus Cristo e a Virgem Maria os protejam a vida inteira – disseram os presentes, quase em coro. Os noivos se abraçaram. Saulo, encabulado, tirou do bolso as alianças e selou o compromisso.

O mascate e o barraqueiro

– Noivado muito comprido nunca deu certo. É desmanchado ou o primeiro filho nasce antes do tempo. Eu tou calada porque em boca fechada não entra mosca. Fico remoendo dentro da minha cabeça se esse rapaz, Saulo, não tem no sangue herança do que o pai fazia – desabafou Maria Antonia com o marido, depois que os convidados se foram.

Zacarias, ainda com o gosto amargo do vinho de jurubeba na boca, discordou:

– Esse tipo de coisa ruim não se herda pelo sangue, se aprende vendo. O Saulo era muito novinho, nem dente tinha, quando o Celestino pegou ele pra criar. Acho que nunca contaram a história verdadeira pra ele.

– Mas dum jeito ou de outro, no correr do tempo, alguém bate com a língua no dente. Mais dia menos dia, um linguarudo lá de onde ele nasceu, com conversa vai, conversa vem, sem querer, mas querendo, toca no assunto e ele acaba sabendo.

Realmente não era difícil isso acontecer. Saulo vendia muitas mercadorias para aquelas bandas. Quando era biscoito, a conversa era curta: “Quero um quilo” ou “quero uma lata fechada, porque a lata tem pinturas bonitas”. Mas com a mistura do comércio com fazendas para fazer roupa, perfumes – e logo que perfume, “Dorly”! – brilhantina, juntava muita gente que conhecia o pai e a mãe dele. De repente alguém podia dizer:

– Ele se parece muito com um homem que morava aqui, chamado Cassiano.

Só os mais velhos sabiam a história de Cassiano:

– Era um homem bom, que passava a maior parte do ano trabalhando nos engenhos de açúcar em Pernambuco. Um dia, sem isso nem aquilo, a polícia cercou a casa, matou todo mundo, só escapando um menino novinho, nos cueiros.

Saulo tinha certeza de que era filho de Celestino e Luizinha. Jamais alguém tocara no assunto com ele sobre sua filiação. Meu filho pra cá, meu filho pra lá, durante toda a sua existência, esse era o tratamento que recebia dos pais.

Só agora, depois de rapaz feito, noivo, às vésperas de se casar, por força das circunstâncias de ser vendedor de produtos variados, pela primeira vez vendia suas mercadorias pela região onde nascera. Sua aparência física, de pessoa bem cuidada, bem vestida e calçada, destoava da apresentação, dos costumes e da maneira de falar dos residentes da região, que ele percorria com suas mercadorias pela primeira vez.

Saulo chegou no lombo da Melindrosa, sua mula castanha, gorda, reluzindo o pelo. Apeou à frente de uma casa grande, coberta de telhas e palha de palmeira na varanda destruída pelo tempo, que funcionava como um barracão surtido de materiais

caseiros indispensáveis à cozinha, como sabão em pau, fósforo, querosene e fumo de rolo. Amarrou Melindrosa e mais o burro Pretinho, cor de azeviche, gordo e forte, com as mercadorias no lombo, num pé de pitomba florido, à porta do barracão.

Ao se dirigir ao barraqueiro, este se antecipou:

– Sou o Joca, o mais importante desse quadro de chão, porque mando em tudo que o senhor tá vendo: o barracão, a criação do terreiro e a mulher.

Riu, estendeu a mão e completou o cumprimento com um amigável abraço. Saulo, surpreendido com o humor e a gentileza, agradeceu e disse que era um mascate de mercadorias variadas, e que, pela primeira vez, viajava para aqueles lados.

– Nos alforjes trago tudo que é cheiroso para o corpo e o cabelo, no lombo do Pretinho trago biscoitos e fazendas.

Sempre cordial e brincalhão, Joca arrematou:

– Podemos até abrir uma sociedade, porque não somos concorrentes.

– Sociedade comigo é difícil, porque não durmo duas noites seguidas no mesmo lugar. Até pareço cigano.

– Pois eu, Saulo, sou que nem um pé de sucupira, só o machado me tira do lugar.

– Seu Joca, o sol já tá quebrando e eu queria saber onde posso encontrar uma pousada pra mim, meus animais e minhas mercadorias.

– É aqui mesmo. Tenho um quarto de hóspede onde também ficam as mercadorias e um pasto para os animais. Acredito que amanhã, domingo, a sua mercadoria vá ter muita saída. Isso aqui

dá muita gente, acompanhada da família pra fazer compras, e ouvir o violeiro melhor que tem nessa região, um tal de Passo Preto.

– Seu Joca...

– Me chame de Joca.

– O senhor mora por aqui há muitos anos?

– Nasci aqui. Não sou muito velho, tenho quarenta anos. Minha parteira ainda tá viva e, semana sim semana não, ela vem aqui no barracão.

Joca se acomodou melhor para engrenar a história da parteira, feliz de ter alguém novo no lugar para conversar.

– Ela sabe ler e escrever. O marido dela tinha uma engenhoca e se meteu a montar um engenho. Pra isso tomou um empréstimo ao coronel Lelê. O prazo venceu, ele não montou o engenho, perdeu a terra toda que tinha dado de garantia. O homem ficou numa tristeza, que acabou morrendo. A viúva, pra não morrer de fome, virou parteira, e que parteira! Ela tem um livro, onde registra todos os partos que faz. Já está velha, mas, também, todo mundo por aqui, com menos de trinta anos, toma bênção a ela.

Sem saber muito bem por quê, Saulo começou a se interessar pela história. Joca continuou, animado:

– Ela diz que, para não errar, anota o nome da família, a data, a cor, o sexo, o nome, e vira a criança de tudo que é lado até descobrir um sinal que só ela tenha. Garante que cada pessoa tem uma marca: um sinal, um dedo mais junto do que outro, uma orelha diferente da outra... Em qualquer tempo, querendo saber se a pessoa nasceu na mão dela, é consultar o livro. Amanhã, se não falhar, lá pras nove da manhã ela tá chegando. É um tal de tomar bênção a ela que até parece que é o padre, quando aparece por aqui.

Os animais acomodados, as cargas guardadas no quarto onde Saulo ia dormir, o barracão fechado, Joca convidou Saulo para jantar.

– Saulo, essa aqui é Maria Augusta, a minha dona que manda em tudo da porta pra dentro.

Depois do jantar, Saulo se recolheu ao quarto, preparou as mercadorias que imaginava vender no dia seguinte e foi dormir, impressionado com as histórias de crimes violentos naquela região, principalmente com ladrões de cavalos.

O encontro da verdade

Às sete da manhã, o barracão já estava aberto e os que moravam mais perto faziam suas compras. Às dez horas, Joca já estava meio atordoado, quando chegou dona Maria José, a tão celebrada parteira, no seu cavaleiro baixeiro – marchador – chamado Felinho, castanho, manso e obediente às manobras.

Mal apeou e já vários dos seus “afilhados” se ocupavam de Felinho, dando-lhe água e milho. Quem aguardava para ser atendido, imediatamente cedeu a vez a dona Maria José, para que fizesse as compras. Era mais um gesto de carinho e respeito e a todos ela abençoou.

Notando a presença de Saulo, alto, forte, bem vestido, calado e, para ela, presença estranha, cumprimentou-o de forma especial, perguntando logo em seguida onde ele nascera.

- Nasci na cidade.
- Filho de quem?
- Do comerciante Celestino e dona Luizinha.

Aos dez anos, Saulo tinha começado a desconfiar que era filho adotivo, mas para ele pouca diferença fazia. Era chamado de filho, tratado com todo carinho, tinha estudado com professora particular que conhecia as quatro operações, o máximo que a cidade podia oferecer. Já noivo de Maria Quitéria, a curiosidade sobre sua origem aumentou, e perguntou à mãe quem eram os pais dele.

– Sua mãe era minha irmã, que morreu quando você nasceu. Você, assim, é meu sobrinho e filho, ao mesmo tempo.

Saulo ouviu a história contada pela mãe, Luizinha, e aceitou-a. Entretanto continuou intrigado:

– Por que só agora, depois de adulto, já trabalhando, noivo, é que minha mãe me conta essa história e, mesmo assim, porque perguntei?

O mistério, de vez em quando, remexia com sua cabeça e a dúvida o atormentava.

A parteira Maria José conhecia o casal Celestino e Luizinha e sabia que não tinha gerado filhos. Quando Saulo, respondendo à sua pergunta, enunciou o nome dos pais, veio-lhe à cabeça a tragédia a que só sobreviveu o menino com um ano de idade, aliás, nascido pelas suas mãos. Foram mortos pela polícia os pais e mais outra pessoa que pernoitava na casa. A crueldade do ocorrido ficara gravada para sempre na memória da velha parteira. Sensível ao sofrimento dos outros, dona Maria José, timidamente, perguntou a idade e o dia do nascimento do rapaz. Prontamente Saulo respondeu.

– Pois vou-lhe dizer uma coisa: você nasceu nestas mãos. Deixe ver... primeiro de maio de 1926...

Dona Maria José tirara da bolsa de couro de veado curtido o velho caderno de cem páginas, das quais restavam apenas quatro

para serem preenchidas com cinco nascimentos cada, e, depois de procurar um momento, afirmou:

– Nesse dia nasceu um menino branco, com três quilos e meio, a quem dei, para meu controle, o nome de Benjamim. Marquei também que ele tinha um sinal cor de sangue na cabeça, do lado direito, do tamanho dum caroço de pitomba.

– Nasci nesse dia, tenho esse sinal... – balbuciou Saulo.

– É o que posso lhe dizer. O que falta, pergunte aos seus pais, finalizou dona Maria José.

Com a cabeça zunindo que nem um enxame, Saulo passou a noite em claro. No dia seguinte, retornou à casa dos pais, ansioso por desvendar o mistério. Insistir junto à dona Maria José, criaria constrangimento para os dois. Por isso, decidiu retornar e esclarecer, tintim por tintim, tudo que pudesse constituir uma incerteza, ou mesmo um branco.

Ao chegar em casa, pela fisionomia fechada, Luizinha foi logo perguntando o que de anormal tinha acontecido.

– Anormal mesmo acho que não aconteceu nada, mas ouvi uma história tão misteriosa a meu respeito que resolvi retornar e ouvir dos meus pais a verdadeira versão. Não é possível, às vésperas de me casar, de constituir nova família, desconhecer meus verdadeiros pais.

– Que conversa é essa, Saulo? – reagiu imediatamente a mãe. – Seus pais são Celestino e eu.

– Sei disso desde que me entendo por gente, porque de fato o importante é quem cria. O que a senhora tinha-me dito é que sou filho de uma tia, sua irmã, falecida no parto. Só que no meu pernoite agora, próximo à vila de Piquete, no armazém de seu Joca, conheci a parteira que me pegou. Ela abriu o livro em que anota todos os

partos que faz, e mostrou o dia em que nasci, e o registro do meu sinal de sangue na cabeça.

Luizinha não sabia o que dizer. Celestino entrou na sala, e rapidamente entendeu o que estava acontecendo. Saulo contou tudo que descobrira: a história do casal morto pela polícia, depois de várias denúncias de que o marido roubara vários cavalos em Pernambuco para vendê-los em Alagoas, e que apenas a criança de um ano tinha sobrevivido. Não havia margem para dúvidas, era ele a criança salva.

– Acho que todas as pessoas que moram nesta cidade, com mais de trinta e cinco anos, sabem dessa história. Não precisam dizer nada.

O silêncio e a tristeza estampados no rosto dos pais eram a triste confirmação. Abraçaram Saulo, Luizinha já molhada em lágrimas.

– Nós só quisemos proteger você.

Emocionado, mas tentando se controlar, Saulo comunicou aos pais, decidido:

– Já encontrei a solução: quero marcar logo o casamento e me mudar para Pernambuco, para algum lugar bem longe de São José da Lage. Espero contar com a sua ajuda, meu pai.

Celestino imediatamente respondeu, aliviado por ter o que dizer:

– Conte conosco no que for preciso, meu filho.

Só então Luizinha, aos soluços, aliviou a angústia presa no peito e o segredo guardado por tantos anos:

– Tudo que você falou é verdade. Pensamos em contar quando você fez dez anos. Celestino não teve coragem. Eu então... Aos vinte anos, disse ao Celestino: não podemos deixar passar.

Cadê coragem? Só agora, foi até bom que você mesmo chegasse à verdade e compreendesse que o nosso silêncio era só amor.

Abraçaram-se, agora os três em lágrimas.

Seis meses após o encontro da verdade, o casamento de Saulo e Maria Quitéria se realizou e os dois foram morar em Angelim, em Pernambuco, já com uma boa loja de fazendas e bijuterias. Mesmo sem conhecimento na cidade, o negócio parecia ter um futuro promissor, com a seleção de mercadorias e da clientela. A ajuda inicial de Celestino foi fundamental para criarem um bom estoque, comprado no Recife, e manter o capital de giro necessário.

O empenho de Saulo em obter sucesso comercial e financeiro escondia a angústia sobre a sua origem. Ao longo da caminhada em companhia de Maria Quitéria, os filhos surgiram e Saulo imaginava que história passaria para a mulher e os filhos. Não pensava em revelar o seu segredo, mas seria necessário ter pronta uma versão bem concatenada. A morte dos pais de criação, da parteira e do padre Xavier deixaram-lhe tristeza e saudades, mas com eles foram também enterrados seus receios e medos.

Em alguns anos, sua loja era a única em Angelim com estoque para atender mensalmente fazendeiros, donos de engenho e até usineiros em suas volumosas compras. Surgiram os cabelos brancos, a casa no Recife para Maria Quitéria acompanhar periodicamente os estudos dos filhos, um que se formou padre e assumiu a igreja de Angelim. Morreram as últimas testemunhas do passado.

Da sua boca jamais saiu uma única palavra sobre os pais de sangue.

Luar que leva a Panelas

Na década de 40, a família Góes Monteiro assumiu o governo em Alagoas. Foi a consagração do poder dos donos de usinas de açúcar, o eixo da economia do estado.

O crescimento patrimonial de Sebasto, major para os próximos e coronel para os cerimoniosos, inquietava a vizinhança poderosa. Era quase um desafio para a direção da usina conseguir anexar o engenho de Sebasto. Suas aspirações de poder no município batiam de frente com os interesses da usina que, sem desejar o comando diretamente, tinha o privilégio de indicar o candidato que seria eleito, sem margem de erro. Não foram necessários maiores esforços por parte da usina: bastou o secretário de Justiça criar o “Sindicato da Morte” e pedir a seus aliados nomes de desafetos ou simples adversários. O passo seguinte foi uma ordem de busca e apreensão de armas.

Sebasto recebeu aviso de mandado de prisão para conduzi-lo à Secretaria de Justiça do Estado. Resistir seria uma catástrofe, entregar-se não constava da cartilha de quem tinha um recente passado cheio de vitórias. Mandou encilhar seu cavalo pampa, de

porte elegante e forte, e dirigiu-se à fazenda Ipiranga, recortada por rios e matas, recentemente adquirida. Recomendou a Maria Grande que só ela fosse onde ele estava, para transmitir-lhe notícias.

Três policiais militares apresentaram à mulher de Sebasto o mandado de prisão, para, nessa condição, conduzi-lo à Secretaria, em Maceió.

– Se desejarem, podem apear, tomar um café e fazer a viagem de volta, porque nem eu mesma sei o dia em que ele volta.

– Vamos deixar o mandado de prisão com a senhora para entregar a ele.

– Comigo não! Isso é obrigação de vocês. Eu, entregar a meu marido um mandado de prisão? Nem pensar!

Mais alguns minutos de espera. Entreolharam-se.

– Vamos embora?

Os policiais retornaram a São José da Laje, sem cumprir a missão.

Sebasto pretendia voltar à noite, após receber informações e colocar em prática todo um plano que modificaria por completo sua vida. Mas no escuro, com barulhos estranhos, o cavalo assustou-se, arrebentou o cabresto e buscou o caminho de retorno à casa de Maria Grande, sede da Ipiranga. O canto dolente de pássaros noturnos, os uivos de cachorros-do-mato e, quem sabe, jaguatiricas, inquietaram Sebasto, que procurou retornar aonde deixara seu cavalo. Ao não encontrar a montaria, teve a impressão de que tomara a direção errada.

No escuro, sem sequer um fósforo, pois não fumava, perdeu a noção do rumo. Na insistência de encontrar o cavalo, entrou numa

pequena lagoa, desconhecida, um lamaçal que o prendeu por algum tempo, o suficiente para as muriçocas, às centenas, levarem-no ao desespero. Os sapatos cheios de lama, os animais de vida noturna numa cantarolada ensurdecadora, impossível distinguir o uivo dos guarás do uivo das jaguatiricas ou mesmo do pio lúgubre das corujas e bacuraus. O revólver úmido, as balas imprestáveis, o cavalo não encontrado por ter arreventado o cabresto e fugido, amedrontado pelos animais invisíveis na escuridão, mas perceptíveis pelo faro: nesse quadro desolador, sem um inimigo específico para enfrentar, o homem rendeu-se, entregou-se à sorte e imaginou estar chegando ao fim.

Foi neste resto de noite, abatido pelo medo que nunca sentira, numa rápida prestação de contas a si próprio, perdido na mata, sem saber de que lado viera e muito menos para que lado deveria prosseguir, esqueceu, não sabe o quê, se o relógio andou para a frente ou para trás. O fato é que o sol apareceu e, depois de algum tempo, se encontrou, escolheu uma direção, insistiu algumas horas, saiu da mata. Sentou-se, tirou a roupa, pendurou nos galhos de uma árvore, espalhou as balas do revólver no chão, na esperança de enxugá-las. Perdeu o medo, recuperou a ordenação dos fatos, orientou-se pelo sol e iniciou a caminhada em direção à casa de Maria Grande.

Nessas horas de caminhada repassou a sua vida até aquele instante de desespero e pavor e decidiu: a partir de amanhã só voltarei a Alagoas para me enterrar no cemitério de Roçadinho, ao lado de meu pai.

Ao se aproximar do curral da fazenda, viu seu cavalo pastando, de nome Luar, que tantos serviços lhe prestara, mas que o abandonara, com medo dos uivos na escuridão. Ah! Não fora só Luar que se deixara dominar pelo medo. Os animais, no escuro e com medo, não perdem o senso de orientação. Sem dificuldade,

Luar seguira as trilhas de animais em direção ao riacho, margeando-o, até a casa de Maria Grande. Bastou a Sebasto acompanhar os rastros de Luar na trilha úmida, já à luz do dia, para estar seguro da direção certa.

Foi um reencontro mudo, mas de muita felicidade, toda contida no simples passar da mão pela cabeça e lombo do companheiro Luar.

Na casa de Maria Grande, comeu um cuscus com leite, após vinte e quatro horas de forçado jejum. Numa rede dormiu muitas horas e traçou seus planos de deixar Alagoas.

Rememorando a história do passado distante, lembrou-se da recomendação recebida pelo avô, coronel Silveira, de que as terras em Alagoas eram baratas, só que agora constatava as razões que existiam para isso. Na sua fazenda Ipiranga, Sebasto traçou todo o caminho para a cidade de Panelas de Miranda, em Pernambuco, onde o prefeito era seu amigo. Imaginou vender os bens imóveis, adquirir terras e para lá transferir o seu gado.

Recuperado, encilhou Luar e tomou a estrada. Ao cruzar o córrego Pilões, deixou definitivamente Alagoas. Cinco horas depois, entrava em Panelas de Miranda, no estado vizinho, onde uma nova vida o esperava.

O poder pelo voto

– No meu estado mando eu, trabalhe e cresça que terá a minha proteção. O governador de Alagoas manda lá, aqui manda Agamenon Magalhães. Esteja em casa.

O prefeito de Panelas, Zezinho Rufino, muito conceituado junto ao governador, apresentara o amigo recém-chegado, contando toda a história. Não poderia haver melhor acolhida. Instalar-se, colocar a cabeça no lugar, imaginar os próximos passos. Era isto que Sebasto precisava fazer. Uma decisão já estava tomada: Alagoas, nunca mais.

Após alguns dias como hóspede em casa do amigo prefeito, alugou uma casa e deu início à operação de desfazer-se dos bens possuídos em Alagoas. Os preços convidativos aceleraram os negócios, que se realizaram no decorrer de um mês. O pioneirismo, o hábito do cortejo aos seus atos, o enfrentamento de dificuldades, o que era muito do seu gosto – enfim, acumular poder nas mãos – foram elementos decisivos para a efetivação dos negócios.

Comprou terras, construiu cercas, transferiu pessoas e todos os bens, principalmente os animais. Construiu casas, currais, tudo isso dentro do distrito de Cupira, no município onde o amigo era prefeito. Em menos de um ano, tais foram a sua atividade e a popularidade que conquistou, que seu nome foi indicado como candidato a substituir o amigo, cujo mandato estava terminando.

Foi eleito por ampla maioria. Como não tinha adversários tradicionais, fez uma administração pacífica e com bons resultados. Embora a cidade tivesse uma história de participação nas lutas pernambucanas, Sebasto sentou-se sobre os louros do progresso, como se todas as conquistas tivessem sido suas. O distrito, apesar de estar no agreste, era próximo à zona da mata. Nos dias de feira, que era às quartas, convergiam negociantes de toda natureza, principalmente de gado.

– Choveu no roçado de Sebasto – era o que se dizia.

Com o seu apoio e estímulo, o distrito, dentro de pouco tempo, ultrapassou o município, em importância comercial e na arrecadação de impostos. Sebasto ampliou suas fazendas, os negócios cresceram de mês para mês e a prefeitura reforçou a receita com as sobras do distrito.

Sebasto lançou, então, a campanha pela autonomia do distrito, em pleno confronto com o amigo prefeito, mas com total apoio da população. A questão foi ao Supremo Tribunal e a amizade acabou. Sebasto venceu e criou a cidade de Cupira.

A eleição como primeiro prefeito foi um passeio. O fundador da cidade, mesmo com a marca de forasteiro, se dedicou de corpo e alma ao melhoramento da antiga vila. Todas as horas eram dedicadas à tarefa: implantação de gerador elétrico para iluminação pública, ampliação do mercado, criação de escolas, posto policial,

vasta área para acomodar as boiadas nos dias de feira, água de reservatório preservada e luz gratuita para as duas igrejas implantadas na cidade, a católica e a protestante. Em acerto com o governador Agamenon – agora opositor ao prefeito de Panelas – as nomeações para cargos seriam feitas por indicação do prefeito.

Assim, Sebasto enfeixou na mão todos os poderes, consagrando uma norma que marcara sua vida. Em apenas um mandato, a nova cidade ultrapassara a cidade matriz. O processo de aliciamento do eleitorado era feito permanentemente, através de decisões da prefeitura: relaxamento de prisões a seu pedido, alto-falante anunciando novas providências em benefício da cidade, aumento da quantidade de professoras, vacinas não só para a população como também vacina contra aftosa para orebanho bovino.

Nos dias de feira, o prefeito caminhava pelo meio da multidão, atendendo pacientemente às solicitações para resolver os casos mais diversos, desde partilha de inventário que causava atritos, à recuperação de cavalos roubados no município. Os casamentos que motivavam brigas entre famílias eram resolvidos pelo padre, a seu pedido. A prefeitura pagava as cerimônias efetuadas também a pedido de Sebasto. Nenhum problema levado a ele ficava sem solução.

O seu domínio do comportamento do caboclo, nas mais variadas circunstâncias, era a chave do apaziguamento da maioria das disputas. A altivez passada pelos antepassados índios, mesclada à submissão dos escravos imposta pelo temor, despontou na cultura cabocla sob a forma de timidez, mas que, na prática, através de uma permanente insistência, sem violência, acabava alcançando o objetivo desejado. O prefeito de Cupira, familiarizado, por experiência, com essa cultura híbrida, quase sempre contentava a todos com suas decisões. Contentava os que a ele recorriam mas, também, e sobretudo, a si próprio.

- É justo.
- É ajudado por Deus.
- É corajoso.
- Não tem rabo de palha.
- Tem muita sorte.
- É poderoso.

Todas essas conjecturas do povo chegavam aos ouvidos de Sebasto, para seu regalo. E, a cada passo, ele consolidava seus métodos, criava princípios, estabelecia regras, enfim: centralizava mais ainda o poder em suas mãos. Acabou com os furtos no município. Instituiu um seguro para os cavalos roubados, pago pela prefeitura. Vangloriava-se de nunca ter pagado um sequer. Com a morte de um ladrão de cavalos, enterrado em vinte e quatro horas após encerramento do inquérito policial, por falta de testemunhas, nenhum outro ladrão usou seus dotes profissionais em Cupira. Com essa administração implacável, o município passou a atrair novos negócios, e foi crescendo. Até um campo de aviação foi construído, para aviões de pequeno porte. A primeira vez em que pousou um avião em Cupira atraiu gente até de longe, para ver o bicho que tinha andado no céu.

Apesar do sucesso, era necessário consolidá-lo. Os entendimentos políticos, como hoje, são descoloridos. As siglas partidárias são muitas vezes meros tapumes para esconder o que se faz por trás deles. O importante é deter o poder. Saber usá-lo em benefício da população é outra coisa. A trilha perseguida por Sebasto era marcada por honestidade, trabalho e rolo compressor sobre os que a ele faziam frente. Este procedimento decorria da sua percepção dos desejos da população, por mera intuição. Para

Sebasto, o cidadão analfabeto, com o horizonte aquém do que sua vista podia alcançar, só considerava autoridade quem tinha o poder de decidir sobre o “teje preso” e o “teje solto”. O remédio era na conta necessária ao doente. A sua tradição de mando repousava nos bangüês, os antigos engenhos de açúcar.

Há profundas diferenças entre o tipo de poder do coronel que vinha da produção de açúcar nos antigos engenhos e o fazendeiro de gado, seja no agreste ou no sertão. A autoridade do senhor de engenho tinha origem no escravismo. A desobediência passava pelo chicote e pelo tronco. O número de trabalhadores nos engenhos, na época do bangüê, ultrapassava cinco dezenas. Já nas fazendas de gado, no agreste ou no sertão, não se utilizava a mão de obra escrava, porque o vaqueiro, montado no seu cavalo ou mesmo a pé, era e é senhor dos seus caminhos. Volta se quiser. É assalariado e, por vezes, tem uma participação, mínima, nos ganhos.

Os fazendeiros evoluíram para possuir duas casas: uma na fazenda e outra na vila próxima. Aliando o poder econômico à vocação política e o desejo de mando, estava pronta a receita para construir o “coronel”. Nas fazendas, ficava o lastro econômico; na vila ou cidade, o campo aberto ao proselitismo, dependente exclusivamente da capacidade de convencimento. Poucos fazendeiros atingiram a condição de coronéis. Não era suficiente ter o poder econômico e o desejo. Inúmeros outros atributos faziam parte da receita, como em todas as atividades.

Uma característica fundamental do coronel é não recuar de suas decisões. Cada atitude determina um ato final. Não há retorno, não adianta pedir. Essa postura aparentemente temerosa surtia – quem sabe, ainda surte – efeitos altamente positivos junto ao eleitorado de cabresto ou de bico-de-pena. A força delegada pelos governadores aos coronéis era o reconhecimento desse poder, revestido de carisma, dom que não se aprende nem se compra.

Muitos coronéis poderosos, em todo o nordeste deste Brasil, comandaram por muitas décadas a política em causa própria, satisfazendo vaidades. Em lugar do progresso se impunha a ordem, a serviço de um grupo minoritário. Mas os descendentes dos coronéis, privilegiados formados em bons colégios, foram abrindo um novo caminho. Hoje, não há como não se reconhecer que o coronelato criou a imagem do poder e o manteve até deixá-lo escoar, com uma feição democrática, para seus descendentes.

Sebasto fez um longo percurso. Em plena ditadura de Vargas, sem necessidade de votos – não havia eleições – os coronéis perderam força para os interventores. O hábito do exercício do poder, agora retirado, deixou um vazio. Não havia espaço para discussão entre governo e detentores de poder local no interior do país. Os que não se enfileiraram à porta do palácio de governo perderam influência e tiveram de abandonar o estado. Não foi o caso de Sebasto. O legítimo descendente do coronel Silveira, de Água Preta, soube se adaptar aos novos tempos. Mas não por muito tempo.

Capítulo 39

O ocaso do major

Os anos tinham passado. Uma nova ditadura, agora militar, se instalara no país. Sebasto não tinha mais disposição física nem política para disputar espaço, num momento tão adverso. Recolheu-se à sua chácara em Caruaru, contentando-se em percorrer de jipe as fazendas, como quem busca abrigo sob uma árvore frondosa, esperando passar a tempestade.

Num dia ensolarado e quente, ao passar uma ponte com os olhos na estrada e a cabeça longe, de repente, sem saber como, surgiu uma pessoa na frente do carro. Para não atropelá-la, esbarrou na lateral protetora da ponte, golpeando violentamente o próprio tórax no volante. Mesmo ferido, completou a viagem. O diagnóstico do médico foi de quadro grave, exigindo remoção imediata para o hospital.

Seguiram-se sete dias de sofrimento e angústia, mas também de muita reflexão, fazendo a retrospectiva de uma vida de sucesso, que finalizava abruptamente.

– Meu Deus, como não vi as pessoas na ponte! Por onde andava a minha cabeça? Fiz o possível para evitar o acidente, ainda

bem que não morreu ninguém. Espero que Deus poupe também a minha vida.

– Fale o menos possível, major – dizia-lhe o médico.

– Preciso falar com minha família, com os amigos, com o senhor, que é médico, aproveitar o tempo que me resta. Será que minha vida passada justifica um fim tão triste? Tudo que fiz foi acreditando estar agindo corretamente, em defesa dos fracos. Será que estava certo? Abriria mão das minhas fazendas, do meu gado, das minhas casas, de todos os meus bens, para começar com a idade que tenho, uma outra vida, mesmo curta, percorrendo caminhos diferentes.

– Doutor, ele está morrendo! De repente, calou-se e fechou os olhos! – exclamou Noca, a mulher de Sebasto.

– O médico aqui sou eu. O pulso, a respiração, a temperatura indicam vida. O trauma provocou hemorragia pulmonar, o que vem causando momentos, alguns longos, de total ausência.

– Vamos manter silêncio e distância para que o médico e a enfermeira possam socorrê-lo – decidiu Noca.

– Dormi muito, doutor?

– Algumas horas.

– Tenho sede.

– Tome água à vontade, major, vai-lhe fazer muito bem.

– Estou inseguro pelo que fiz ao longo da minha vida. Bem fez meu pai. E teve melhor sorte. Morreu praticamente dormindo. Foi pacato desde jovem. Nasceu na Paraíba, filho de pai morto antes dele nascer, mãe corajosa que o empurrou da torridão do sertão para os engenhos de Pernambuco, onde casou e ganhou um

engenho, com poucos anos de trabalho. Sem nenhum empenho, mas simplesmente por ser proprietário de terras, foi nomeado lá por 1910 juiz federal. Sem pedir, sem nenhum esforço, atiraram no colo dele uma função de prestígio e de poder. Até parece que veio à terra já abençoado por Deus. Doutor, estou com muito sono, parece que estou sonhando acordado.

– Pode dormir, mas se quiser continuar falando, só depende do senhor.

– Posso receber visitas?

– Sim, mas uma de cada vez. Não tem limitação para a família. A senhora, que é a esposa, deve ficar o mais possível ao lado dele, para ouvir as recomendações, porque isso alivia um pouco a preocupação com a saúde.

– Gostei da sua observação, doutor, porque ele deve ter muita coisa pra dizer.

Sebasto dirige-se à companheira de toda a vida:

– Não se esqueça de mandar meu rolex para nosso filho, que está no estrangeiro. Do resto você sabe tudo. Penso que vou sair dessa, mas, do contrário, alugue os caminhões que forem necessários para quem quiser ir ao enterro.

– Deixe de bobagem. Você tem resistência pra vencer mais essa.

– Se isso fosse verdade, se eu estivesse inteiro, eu juro que não iria percorrer o mesmo caminho que me trouxe até aqui nesta cama. Desde menino, com meus oito, dez anos, me imaginei dono do meu destino, senhor das minhas decisões, sempre pensando em crescer. Acima de tudo eu queria conquistar o sucesso pelo meu próprio esforço, para que ninguém pudesse me tirar do meu lugar.

E, de repente, eu não valho mais nada. Não sei, doutor, este acidente está me levando de volta ao passado. Estou novamente com sede.

– Pode beber água à vontade, não se preocupe.

– Não gosto de água gelada. Noca, deixe a quartinha cheia d'água aqui na cadeira. Sempre gostei de água resfriada em pote de barro. Não perde o sabor natural. Vocês estão sentindo frio? Eu estou. Mas tenho vontade de dormir.

– Pode dormir – disse-lhe o médico, fazendo um gesto para a família se retirar do quarto.

O médico adotou um tom paternal para explicar aos parentes:

– Garantir a vida, só Deus. Estamos fazendo tudo que a medicina permite, mas não quero dar falsas esperanças à família. O major é um homem de constituição forte, acostumado a enfrentar dificuldades sérias, otimista, tudo isso pode ajudá-lo na recuperação.

– O médico modula a voz ainda mais suavemente: – Entretanto, a infecção decorrente do derrame pulmonar está lhe causando piques altos de febre, resistente aos antibióticos. Por isso ele está tendo ausências, que confunde com sono, mas que, na realidade, revelam a gravidade do caso. Sinto-me no dever de médico de colocar a família a par do quadro, para que, juntos, façamos o máximo, dentro do possível, pela sua recuperação. Que Deus nos ajude.

– Amém.

As esperanças eram computadas em horas. Os dias intermináveis, as ausências sonolentas, as presenças lamuriosas em forma de catarse não deixavam de ser o medo da morte para ele e seus parentes. O futuro se afunilou. Os pensamentos, como a visão pelo

retrovisor, caminhavam para trás, à busca da idade em que não via manchas, violência, arrogância.

– Lembro-me, doutor, dos meus seis anos. Sequer sabia ler. Com os olhos ingênuos, via o mundo que me cercava. Mas foi nessa idade que meu pai suspeitou que eu tinha roubado uma moeda de prata, de uma cobrança que me mandara fazer. Agora, olhando o passado, nos momentos em que estou acordado, não consigo passar para os cinco anos. Parece que a vida, para mim, começou aos seis anos. Gostaria, neste momento, de parar nos seis anos e voltar lentamente, aos cinco, quatro, três, dois, um, até o instante em que brotei da minha mãe. Reformaria toda minha vida. Seria manso, contornaria as pedras no meu caminho. Não seria padre nem pastor protestante, não entregaria a outra face para ser batida, mas não bateria na face dos outros. Seria diferente do que sou. Acho que estaria dormindo agora sem pesadelos. Sentiria as portas do céu abertas. Minha imaginação percorreria o paraíso, convencida de encontrar o meu lugar reservado. Hoje tenho dúvidas. A incerteza me corrói. O meu tempo se foi. Doutor, não entendo de medicina de gente, mas de gado conheço, e me parece que não há muita diferença. Numa das minhas fazendas, dois touros se agarraram numa briga e um deles perfurou com o chifre vários órgãos do outro. O touro ferido, sangrando muito, se deitou e não mais se levantou. Usei todos os remédios de planta contra hemorragia. O sangue estancou, o touro não se levantava, só bebia exageradamente água. A febre não diminuía. E lá nós sabemos que se passar o sétimo dia e não morrer, não morre mais. No sétimo dia morreu.

– Com o homem é diferente, major. Os antibióticos debelam as infecções.

– Alguém tem uma Bíblia? Gostaria de ouvir o Salmo 23.

– O seu coração se abriu, graças a Deus! Sinto-me aliviada, seja feita a vontade de Jesus Nosso Senhor – balbuciou Noca.

– O Senhor é o meu pastor, nada me faltará, ele me faz repousar em pastos verdejantes, leva-me para junto das águas de descanso...

Os olhos se fecharam, a palidez característica causou um suspense. Todos se entreolharam.

– Doutor! Pelo amor de Deus...

Era 25 de novembro, o mesmo dia em que matou os irmãos Caiana. Estava realizada a profecia de Madame Consuelo, a cartomante do Recife. Como tinha prometido a si mesmo, Sebastião só voltou a Alagoas para ser enterrado, em Roçadinho, ao lado de Rogério e Tauã.

Epílogo

– Essa história aconteceu há muito tempo – concluiu seu Noberto, como sempre cofiando o bigode, avermelhado pelo fumo de rolo.

– Mas aconteceu mesmo, seu Noberto? – duvidou Aquino, sentado no chão como todos os outros.

– Meu fio, é farta de respeito duvidá dos mais véio.

Seu Noberto olhou para o alto, olhando sem ver, e continuou, falando mais para si mesmo:

– Quantos ano trabaio de só a só? A palma das mão e a sola dos pé é a merma coisa. De meu, num tenho nada. Só o retrato na parede do patrão e cumpade e a certeza que num preciso me incomodá cum enterro. Mas o que é vivê, pruma pessoa cuma eu? Trabaiá, ter o respeito até do patrão, deixar uns fio pelo mundo. E oiá da bêra do caminho passá os cavalêro, os carro de boi, as boiada que nem contá eu sei. Pra eu, dento da minha cabeça, tá tudo errado, mas num sei mermo o que é certo.

Este romance – TAUÃ – é o que o velho Noberto falava, falava, mas não sabia escrever.



Índice

Nota da Editora	7
Apresentação	9
Prefácio	13
Introdução: Histórias de Trancoso	17
1. Do Paraguai a Cajazeiras	19
2. O sargento-mor e seu amor da infância	23
3. O almocreve e o papo-amarelo	27
4. Trocando de caravana	37
5. Fausta, Amélia e Tauã	41
6. O pedido de casamento	47
7. Encontrando Roçadinho	53
8. A cerca da Alice	63
9. Delicado ajuda a fechar o negócio	73
10. Engenhocas e bangüês	77
11. Patativa faz a festa	81
12. Água só corre pro mar	85
13. Lidando com a cabroeira	89
14. Surge o Capitão Rogério	93
15. Ao lado de Tauã	99
16. Histórias de Mãe Preta	105
17. A papa-ovo, o teiú e o lobisomem	109
18. A primeira crise	115
19. Sebasto nasce para coronel	121
20. A maniconia de Roçadinho	125
21. Os irmãos Caiana	129
22. De major a coronel	133
23. O velho Noberto	137
24. O cavalo Almofadinha	143
25. De Quipapá a Recife	147
26. Dono de seu destino ao volante	155

27. Encomendando a alma do ladrão	161
28. A vaquejada	165
29. João Gila, da Esperação	169
30. Tragédia em Roçadinho	173
31. De réu a juiz	177
32. Feirantes e feireiros	185
33. O Coronel da Usina	193
34. A sabedoria de Celestino	199
35. O mascate e o barraqueiro	205
36. O encontro da verdade	211
37. Luar que leva a Panelas	217
38. O poder pelo voto	221
39. O ocaso do major	227
Epílogo	233





Juizo Federal

NO

ESTADO DE ALAGOAS

Maceió, 13 de Março de 1905

N.º *Sr. Cap. Rogerio Marques de Mello*

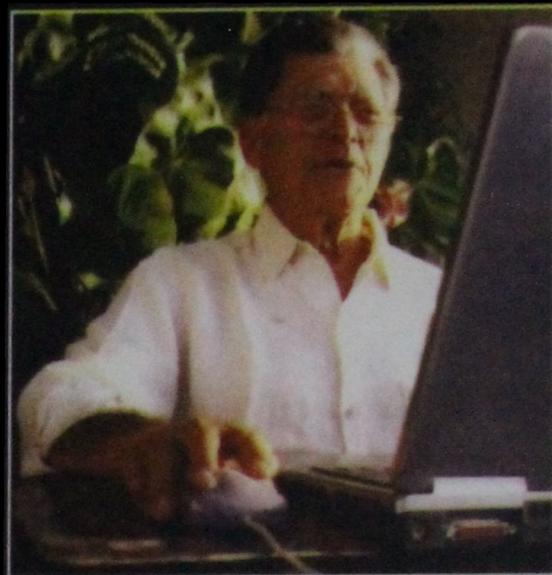
Comunico vos que, por Dec. de 20 de
Dez.º ultimo, fostes nomeado 1.
supp. do Substituto do Juyz Federal
d'este Estado, n.º pre. munici-
pio de São José da Lage.

O Devis.º pois, dentro de 5 mezes,
contados d'aquella data, como e de
lei, comparecei perante este Juizo,
em pessoa ou por procurador, a fim
de prestardes a promessa legal e
receberdes vosses titulo.

Pandacões

M. A. S. de M. J. J. J.

**Este livro foi composto em Palatia 11/15, títulos em Daniela 20/26.
Impresso na cidade de Petrópolis em agosto de 2003 por Parkgraf Editora Ltda.
em papel pólen soft 80 gr/m², capa em papel supremo 250 gr/m²
com acabamento em laminação fosca.**



Paulo de Mello Bastos nasceu em São José da Lage, Alagoas, em 1918. Aeronauta, primeiro da FAB e depois da VARIG, engajou-se nas lutas nacionalistas, como a da criação da Petrobrás. Conhecido por Comandante Mello Bastos, deu nome à primeira greve nacional de transportes, em 1963, quando a Varig o demitiu ilegalmente, já que tinha imunidade sindical. O golpe militar de 1964 o empurrou para um exílio de três anos no Uruguai. Proibido de retomar a profissão de piloto por portaria secreta da ditadura, Mello Bastos refez a vida como motorista de táxi e administrador de empresa. Foi um dos fundadores do CEBRADE - o Centro Brasil Democrático, em Brasília. Aos 80 anos, tornou-se escritor. *Tauã* é seu primeiro romance.

Livros publicados:

- *Salvo-Conduto, Um Voo na História*,
Ed. Garamond, 1998
- *Nos Bastidores da Anistia*,
Ed. F. Botelho, 2000

Essa história é muito antiga
e o caçadô que me contô
inda tá vivo, mas tá tão mouco
que não adianta preguntá pra ele.

O velho Noberto cofia o longo
bigode avermelhado, sisudo
como sempre, e se prepara
para começar mais uma longa
história de trancoso.


MASSANGANA
EDITORA

**Família
Bastos**
editora

ISBN 85-7019-406-4



9 788570 194060

Editora Massangana

ISBN 85-89853-01-2



9 788589 853019

Família Bastos Produções